



João Guimarães Rosa

Manuelzão e Miguilim

(Corpo de baile)



Ana Lucia Libera
Março / 2006

Rio de Janeiro

11ª edição
9ª impressão

2001

STEPHANINI

www.stephaninycopias.com.br

passo 691 57 Cópia

5042



"O tear

o tear

o tear

o tear

quando pega a tecer
vai até ao amanhecer

Uma estória de amor

(Festa de Manuelzão)

quando pega
a tecer,
vai até ao
amanhecer..."

(Batuque dos Gerais.)

Ia haver a festa. Naquele lugar — nem fazenda, só um reposto, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos-Gerais, onde o cheiro dos bois apenas começava a corrigir o ar áspero das ervas e árvores do campo-cerrado, e, nos matos, manhã e noite, os grandes macacos roncavam como engenho-de-pau moendo. Mas, para os poucos moradores, e assim para a gente de mais longe ao redor, vivente nas veredas e chapadas, seria bem uma festa. Na Samarra.

Benzia-se a capela — templozinho, nem mais que uma guarita, feita a dois quilômetros da Casa, no fim de uma altura esplã, de donde a vista se produzia. Uma ermida, com paredes de taipa-de-sebe, mas caiada e entelhada, barrada de vivo azul e tendo à testa a cruz. Nem um sino. A imagem no altar sorria sem tamanho e desjeitada, uma Nossa Senhora feia. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Mesmo Manuelzão achara de ins-

crever na parte de fora a invocação, em desastradas letras, que iam não cabendo na empena exígua. Dentro, dez pessoas talvez não pudessem estar, ainda apertadas. Mas, revezando-se, mexia-se por lá multidão de mulheres, que colocavam os adornos. Chifres de boi, dos bruxos, como vasos para flores; estampas; bandeirolas recortadas de leve papel; toalhas de crivo; colchas de bilro de Carinhonha, brancas como sal e açúcar.

Manuelzão, ali perante, vigiava. A cavalo, as mãos cruzadas na cabeça da sela, dedos abertos; só com o anular da esquerda prendia a rédea. Alto, no alto animal, ele sobrelevava a capelinha. Seu chapéu-de-couro, que era o mais vistoso, na redondeza, o mais vasto. Com tanto sol, e conservava vestido o estreito jaleco, cor de onça-parda. Se esquecia. "Manuel Jesus Rodrigues" — MANUELZÃO J. ROIZ: — gostaria pudesse ter escrito também debaixo do título da Santa, naquelas bonitas letras azúis, com o resto da tinta que, não por pequeno preço, da Pirapora mandara vir. Queria uma festa forte, a primeira missa. Agora, por dizer, certo modo, aquele lugar da Samarra se fundava.

Mas Manuelzão menos entendia o mover-se das mulheres, surgidas quase de repente de toda parte, muitas ele nem conhecia. Mau o acordo com que elas se juntavam, semelhavam batalhão de mutirão. À sonsa, queriam afastá-lo? Enquanto fora obra de roçar a marca, torar madeira e carrear o materiam, fincar os esteios, levantar os oitões, e terminar — ele mestrear. Mas entre homens, seus homens. Agora, as mulheres tomavam conta. E ele ia ter algum jeito? A que fugiam de o encarar, sonseavam. — "Falta uma pia de água benta..." — ele reparava, de supetão, na voz de comandar mil bois. E elas se arredando, saías astúcias, que nem um excomungado ele fosse. Fechava então o silêncio, para ser como uma zanga. Depois, tomava cuidado

de dirigir-se a Leonísia, ou a alguma das dos vaqueiros. Ainda essas, sem perder-lhe o respeito, em curto respondiam, meio sem paciência, pareciam só pertencentes ao bando de todas. Não, ninguém lhe faltaria com o respeito, ali na Samarra ele era o chefe. Só que não percebia os espíritos do mulherio reunido; e aquele arremate para a festa tinha de ser de muitas mãos. Assim como não achava senso nas prendas que o povo aportava, para oferecerem à sua Nossa Senhora da capela. Eles eram espantantes.

Todos traziam, sorrateiros, o que devia ser de Deus. Ovos de gavião — cor em cor: agudos pingos e desenhos — esvaziados a furo de alfinete. Orquídeas molhadas ainda do mato, agarradas a seus braços de pau apodrecido. Balaies com musgos, que sumiam vago incenso no seco das madeixas verde-velho. Blocos de cristais de quartzo róseo ou aqualvo. Pedras não conhecidas, minerais guardados pelo colorido ou raro formato. Um boné de oficial, passado um lação de fita. Um patacão, pesada moeda de prata antiga. Uma grande concha, gemedora, tirada com as raízes, vinda parar ali, tão longe do mar como de uma saudade. E o couro, sem serventia e agourento, de um tamanduá inteiro preto, o único que desse pêlo já se achara visto, e que fora matado no Dia-de-Reis. Apareceu mesmo um jarro de estanho, pichel secular, inexplicável; e houve quem ofertasse dois machados de gentio, lisas e agumiadas peças de sílex, semelhando peixes sem caudas, desenterrados do chão de um roçado montês, pelo capinador, que via-os o resfrio de raios caídos durante as tempestades do equinócio. Deixados para o leilão, prestavam, junto com um frango-d'água sonolento — que um menino capturara à borda do brejo e atara pelos tarsos com fibra de buriti — e uma cabaça com mel de abelha urussú, docemente ácido, extraído de colméias subterrâneas. Assim a idéia da cape-

la e da festa longo longe andava, de fé em fé, pelas corovocas da região. Manuelzão mesmo se admirava.

Que povo, o desse baixío, dum sertão, das brenhas! De onde tiravam as estúrdias alfaías, e que juízo formavam da festa que ia ser, da missa na Samarra, na capelinha feita? Esse cafarnaúm! As lascas de pedra-de-amolar, uma buzina amarela de caçador, um bacamarte boca-de-sino todo ferrugem, uma oitavada lanterninha, rosários de fava-vermelha, santa-rita e mariola; um rabudo — armadilha de ferro, de pegar tatú em entrada de buraco; punhados de penas de arara, um dente de gente com ponto de ouro, um frasco azulado, as velhas cartas dum baralho; e esteiras, cestos, sacolas, caixinhas, tapas — tudo que da folha do buriti se fabricava. E até um grosso livro de contas, todas as páginas preenchidas, a tinta descorável, e que de certo fora, em tempos, de algum grande fazendeiro lavar em limpo seus negócios. E mais até uma mortalha de homem, de ganga roxa, que nunca servira, porque a tinham costurado com despropositada urgência, mas o corpo do defunto, afogado no rio, não se achara. Criancice duma boa gente, que remexia em seus trastes, alguma coisa tinham de trazer, menos as mãos vazias. Será pensavam preciosos só para Nosso Senhor e a Virgem esses objetos fora de serventia trivial, mas com bizarria de luxo ou de memória? Talvez então eles também fossem espertos, ladinos demais, quando compareciam com aquela trenzada — por não ter saída em comércio, nem nenhum outro seguro custo? Manuelzão, em sutil, desconfiava deles.

Sobre que se sabia o mais forte, dava de ombros, entretanto, assoado. Sua animação o levava, crescente. Não que descuidasse, por uma hora sequer, o governo do mundo dali: determinar aos campeiros e agregados a fazeção de cada dia. Mas, desde uns dois meses, quando principiara, media rude impulso, o fervor

que o influiu era aquele. Primeiro, ter a capelinha pronta — uma ação durável, certa. Daí, gastando um prazercinho, tomara fôlego. Mas não bastava. Carecia da sagração, a missa. A festa, uma festa! Por si, ele nunca dera uma festa. Talvez mesmo nunca tivesse apreciado uma festa completa. Manuelzão, em sua vida, nunca tinha parado, não tinha descansado os gênios, seguira um movimento só. Agora, ei, esperava alguma coisa.

Por tudo, mesmo sem precisão, ele não saía de cima do cavalo — estava com um machucão num pé — indo e vindo da capela, sol a sol vinte vezes, dez vezes, acompanhado sempre pelo rapazinho Promitivo. Não esbarrava. Não sabia de esforço por metade. Vai agorinha, um exemplo, deixava as mulheres na arrumação e tocava para a Casa, a ver a chegada de mais povo. Ativo e quieto, Manuelzão ali à porta se entusiasmava, público como uma árvore, em sua definitiva ostentação.

Embora dois dias para a véspera ainda faltassem, as pessoas de fora já eram em número. Gente de surrão e bordão, figuras de romaria. Alguns, tão estranhos, que antes de apeiar do cavalo invocavam em alta voz o louvor a Cristo-Jesus e esperavam de olhos quase fechados o convite para entrar com toda paz e mão irmã na hospitalidade geral. Outros, contando alguém doente em sua comitiva, imploravam licença para armar as tipóias ou latadas lá mesmo, na rechã descampada e ventosa, não distante da capelinha. Outros tangiam adiante cabeças de gado, sobradas para vender, pois também uma boiada estava-se ajuntando, devendo sair logo depois dos dias santos, conforme o grande aviso que Manuelzão difundira. — "... Siô, siô, mesmo aqui mesmo que a Samarra é?" — sempre sabiam. Pobres lazarados queriam ajudar em algum serviço, por devoção e esperança de comida. Até aleijados, até vultos ciganos, más mulheres, lindas moças — do rumo do Chapadão tudo é possível. Havia quem

precisasse da caridade de agulha e linha, para recoser suas roupas, urtigadas contra os espinheiros, no atravessarem trechos de caatinga. Um ou mais de um, três vezes armado no cinturão e com chapéu-de-couro claro quebrado adiante, não ditava de esconder sua má menção de brabo sertanejo, capaz de piorar assuntos; e Manuelzão, tanto quanto conseguia disfarçar um desgosto, acolhia-os proferindo que não era bem ele, mas sim a Nossa Senhora do Socorro, quem os agasalhava, aos que vinham para a respeitar e venerar. Principalmente mulheres, de trouxa à cabeça e pondo para a frente seus meninos, desciam a encosta — uma extensa encosta aladeirada, rachada de grotas de chuva roer, e pela qual se espalhavam, em quantidade, galhos verdes cortados de árvores, dos que os carreiros nas descidas usam para acorrentar à traseira de seus carros-de-bois, à guisa de freios. Aquém, no terço baixo dessa aba, era a Casa. †

Sua casa. Sempre pudesse ser. Mas lá, a Samarra, não era dele. Manuelzão trabalhava para Federico Freyre — administrador, quase sócio, meio capataz de vaqueiros, certo um empregado. Porém Federico Freyre nem bem uma vez por ano se lembrava de aparecer, e Manuelzão valia como único dono visível, ali o respeitavam. Às horas, quando na bôa mira dum sonho consentido, ele chegava mesmo a se sobre-ser, imaginando quase assim já fosse homem em poder e rico, com suas apanhadas posses. Um dia, havia-de. Sempre puxara por isso, a duras mãos e com tenção teimosa, sem um esmorecimento, uma preguiça, só lutando. Ele nascera na mais miserável pobrezazinha, desde menino pelejara para dela sair, para pôr a cabeça fora d'água, fora dessa pobreza de doer. Agora, com perto de sessenta anos, alcançara aquele patamar meio confortado, espécie de começo de metade de terminar. Dali, ia mais em riba. Tinha certeza. E na Samarra todos enchiam a boca com seu

nome: de Manuelzão. Sabiam dele. Sabiam da senhora sua Mãe, dona Quilina, falecida. Sua mãe, que, meses antes, velhinha, viera para aquele ermo, visitando-o. Pudera ir buscá-la, enfim, era a primeira ocasião em que se via sediado em algum lugar, fazendo de meio-dono. E ela pensara até que ele fosse dono todo. A mãe apreciara aquilo, o Baixio da Samarra, a Vereda da Samarra, o território. No tempo de adoecer, ela mencionara a mesa-de-campo como o ponto ideado para se erigir uma capelinha, a sobre. Ela estava a se pensar? Lá mesmo Manuelzão a enterrou, confechando quase à borda da chã um cemiteriozinho, razoável, cercado de arceiras, moirões que podiam durar sem acaba, e coberto pelo capim duro do cerrado, no qual, no raiar das madrugadas, o orvalho é azul e mata a sede. Ao lado, ergueu a capelinha. Enquanto pôde uma folga, na lida. O principal da idéia da capelinha então tinha sido de sua mãe. Mas ele cumprira. E ele inventara a festa, depois.

Na Samarra, aliás, Manuelzão conduzira o início de tudo, havia quatro anos, desde quando Federico Freyre gostou do rincão e ali adquiriu seus mil e mil alqueires de terra asselvajada. — “Te entrego, Manuelzão, isto te deixo em mão, por desbravar!” E enviou o gado. Manuelzão: sua mão grande. Sua porfia. Pois ele sempre até ali usara um viver sem pique nem pouso — fazendo outros sertões, comboiando boiadas, produzindo retiros provisórios, onde por pouquinho prazo se demorava — sabendo as poeiras do mundo, como se navega. Mas, na Samarra, ia mas era firmar um estabelecimento maior. Sensato se alegrara. Mordeu no ser. Arreuniu homens e veio, conforme acostumado.

(Aqui era umas araraquaras. A Terra do Boi Solto. Chegaram, em mês de maio, acharam, na barriga serrã, o sítio apropriado, e assentaram a sede. O que aquilo não lhes tirara, de coragens

de suor! Os currais, primeiro; e a Casa. Ao passo que faziam, sempre cada um deles recordava o modo de feitiço de alguma jeitosa fazenda, de sua terra ou de suas melhores estradas, e o queria remedar, com o pobre capricho que o trabalho muito duro dá desejo de se conceber; mas, quando tudo ficou pronto, não se parecia com nenhuma outra, nas feições, tanto as paragens do chão e o desuso do espaço sozinho têm o seu ser e poder. Daí, esperaram as grossas chuvas. Era a Casa, grada, com muitos cômodos de chão batido e só um quarto de assoalho; em dado não passava, bem dizer, de uma casa-rancho, mas com teto complexo, de madeiras, por sobrecima as talas e palmas de buriti. A rebaixa — um alpendre cercado —; o rancho de carros-de-boi; outros ranchos; outras casinhas; outros rústicos pavilhões. Contiguavam-se os currais, ante esse conjunto, dele distanciados por um pátio e pelo eirado, largo, limpo de vegetação, porque o gado nele malhava, seu pisoteio impedindo-a. Ali e no pátio, onde os homens e animais formavam convivência, algumas árvores mansas foram deixadas — gameleiras, tinguís com frutas pardas maiores que laranjas, e cagaiteiras, ora em flôr. Os longos cochos, nodosos, cavados em irregulares troncos, ficavam à sombra delas. Enquanto os bois comiam, as florinhas e as folhas verdes caíam no sal.

Mas desde o começo Manuelzão conheceu que, para fundar lugar, lhe faltava o necessário de alguma espécie. Sentiu-o, vagorosamente. Só, solteirão, que ele era. Antes, nunca tinha pensado nisso com motivos. Pensou. Seus homens, mais ou menos velhos conhecidos, com ele vindos do Maquiné, para apego de companhia não bastavam? Ele calculou que não. E resolveu um recurso. A mãe, idosa, e que nunca aceitara de sair do lugarejo do Mim, na Mata do Andrés, no Pium-Í, no Alto Oeste, não era pessoa para vir aguentar as ruindades dum princípio tão ser-

tanejo assim. Mas Manuelzão se lembrou de um filho, que também tinha.

Esse, filho natural, nascido de um curto acaso, no Porto Andorinhas, e ali deixado, Manuelzão não o vira, ao todo, mais de umas três vezes. E ele estava agora com perto de trinta anos, se chamava Adelço de Tal, e era um rapagão cabeludo, escurado, às vezes feio até, quando meio zarolho remirava; com Manuelzão nada se parecia. A mãe morrera pontual, Manuelzão não se lembrava do nome dela. Mas esse Adelço se casara, tinha sete meninos pequenos, a mais velha com sete anos, e trabalhava para toda lavoura e gado, numa fazenda pompeana, beiras do Córrego Boi Morto, depois noutra, entre o Córrego Queima-Fogo e o Córrego da Novilha Brava, depois noutra no Córrego Primavera ou dos Porcos, lugar chamado o Barra-à-Barra; depois noutra, final, no Buriti-do-Açude. Pois Manuelzão foi buscá-lo. E ele veio, com todos. Os tempos estavam ruins em toda a parte, e não era fácil alguém resistir a um convite assim de Manuelzão, tão forte a ação dele prometia à gente lucro de progresso, seu ânimo arrastava empós seguintes e comparsas — era um condão, ele mesmo sabia disso.

Por que os trouxera? Talvez na ocasião tivesse imaginado que a Samarra ia ser seu esteio de pouso, termo de destino. E ele mesmo, nas entradas, se louvou de ter conseguido reunir para si aquela família de tardezinha. Estivesse, naquela hora, denunciando cabeceira de velhice? Não pensava. Nem agora chegava a mudar de parecer, do que tinha feito não se arrependia. Essas coisas ocorrem (nuns escuros) é custoso de saber se a gente deve se aprovar ou confessar um arrependimento: nos caroços da-quele angú, tudo tão misturado, o ruim e o bom. Mas ele não punha em pé o pesar. Estavam de bem, só que, em qualquer novidade, nesta vida, se carece de esperar o costume, para o ho-

mem e para o boi. Manuelzão era o das forças, não se queixava. Os meninos, bem-criadinhos, bonitos, uma cisma achar que dele não gostavam, pois que sempre estava no estatuto de ser o avô. A mal que não sabia os gestos, nem tinha habitude para a pequenez deles, o rebuliço; mas adia vagos intentos: aqueles netinhos ainda iam crescer, dar-lhe distintas alegrias. Já o Adelço, esse, se encobria de não se conhecer sua propensão, criatura de guardadas palavras e olhares baixos. Mas não enganava a Manuelzão: era mesquinho e fornecido maldoso, um homem esperando para ser ruim. Só punha toda estima em sua mulher e nos filhinhos, das outras pessoas tinha uma raiva surdada. Sempre aquela miúda dureza, sem teta de piedade nenhuma. Por ora, obedecia a Manuelzão — de que outro jeito ia poder proceder? Mas obedecia soturno. Um dia ele chegasse a mandar, e aí do mundo. Tinha a maldade dum cão mau? Manuelzão se aborrecia, por fora do assunto. Não queria detestar o filho. Seria, porém, aquele, um saído de seu sangue? Se assustava quase, de ter gerado e estar apurando um sujeito assim, desamigo de todos. Sua culpa. Se então, mais valesse o rejeitar outra vez e enxotar para os passados — feito a gente está pescando e dá na peneira uma serepente: um cospe um nôjo e desiste logo aquilo no movimento das águas, ligeiro, no rio, de donde veio! A vida cobra tudo. Mas a mulher do Adelço, Leonísia, era boa, uma sinhá de exata, só senhora. Aquela tinha sinal de um sabido anjo-da-guarda — pelo convívio que ela encorajava, gerência de companhia. Ela e seu irmão dela, de uns dezoito anos, vindo também, o Promitivo. Só que esse Promitivo era declarado em vagabundo. A ser, os desiguais: que o Adelço era mouro trabalhador, de aferro; era, isso. E, Leonísia, Manuelzão mesmo respeitava. Ela ficara sendo a dona-da-casa. Da Casa — de verdade, que ali formava seu conchêgo firme sertanejo.

Todavia, num senão, o situado escolhido não dera ponto. Por tanto, podia merecer nome outro: o de "Seco Riacho", que o velho Camiló falou. O velho Camilo tivesse idéia para esse falar, era duvidoso; e alguém acusara por ele. Mas Manuelzão sabia, o inventante tinha sido mesmo o Adelço, que censurava, que escarnecia. Por conta de um erro. E de quem tinha sido o erro? Mas que podia acontecer a qualquer um mestre de mais sertão, pessoa perita nas solidões e tudo.

Porque, dantes, se solambendo por uma grota, um riachinho descia também a encosta, um fluviol, cocegueando de pressas, para ir cair, bem em baixo, no Córrego das Pedras, que acabava no rio de-Janeiro, que mais adiante fazia barra no São Francisco. Dava alegria, a gente ver o regato botar espuma e oferecer suas claras friagens, e a gente pensar no que era o valor daquilo. Um riachinho xexe, puro, ensombrado, determinado no fino, com rogojeio e suazinha algazarra — ah, esse não se economizava: de primeira, a água, pra se beber. Então, deduziram de fazer a Casa ali, traçando de se ajustar com a beira dele, num encosto fácil, com piso de lajes, a porta-da-cozinha, a bom de tudo que se carecia. Porém, estrito ao cabo de um ano de lá se estar, e quando menos esperassem, o riachinho cessou,

Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciozinho que ele fez, a pontuda falta da toada, do barulhinho. Acordaram, se falaram. Até as crianças. Até os cachorros latiram. Aí, todos se levantaram, caçaram o quintal, saíram com luz, para espiar o que não havia. Foram pela porta-da-cozinha. Manuelzão adiante, os cachorros sempre latindo. — "Ele perdeu o chio..." Triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios, ele tinha ido s'embora, o riachinho de todos. Chegado na beirada, Manuelzão entrou, ainda

molhou os pés, no fresco lameal. Manuelzão, segurando a tocha de cera de carnaúba, o peito batendo com um estranhado diferente, ele se debruçou e esclareceu. Ainda viu o derradeiro fiapo d'água escorrer, estilar, cair degrau de altura de palmo a derradeira gota, o bilbo. E o que a tocha na mão de Manuelzão mais alumiou: que todos tremiam mágoa nos olhos. Ainda esperaram ali, sem sensatez; por fim se avistou no céu a estrela-d'alva. O riacho soluço se estancara, sem resto, e talvez para sempre. Secara-se a lagrimal, sua boquinha serrana. Era como se um menino sozinho tivesse morrido.

Dera de ser também nessa época que um argueiro, um broto de escrupulos, se semeara no juízo de Manuelzão? Quem sabe não fosse. Se ele mesmo às vezes pensava de procurar assim, era mais pela precisão de achar um começo, de separar alguma data a montante do tempo. De todo não queria parar, não queria suspeitar em sua natureza própria um anúncio de desando, o desmancho, no ferro do corpo. Resistiu. Temia tudo da morte. Pensou que estivesse com mau-olho. Pensou no riachinho secado: acontecimento assim tão costumeiro, nesses campos do mundo. Mas tudo vem de mais longe. E se lembrava. Um dia, em hora de não imaginar, falara à mãe: — "Aqui junto falta é uma igreja... Ao menos um cruzeiro alteado..." Dissera isso, mas tão sem rompante, tão de graça, que a mãe mais tarde nem recordou aquelas palavras, quando ela criou a idéia da capelinha na chã. Desse jeito, as coisas se emendavam. Depois, Manuelzão, quando era de estar esmorecido, planejava a capela, a missa; quando em outros melhores ânimos, projetava a festa. Muitos assuntos ele mesmo não sabia que neles não queria pensar. Mas aquela manância da grotta, de ladeira abaixo suas águas, se acabara.

Secara, e, de agora, desde os três anos, toda manhã, cada por dia, o Chico Carreiro atrelava suas quatro juntas de bois, e des-

ciam até às Pedras, o carro cheio de latas, para buscar a água do usável. Sempre as crianças o acompanhavam; e, às vezes, o velho Camilo.

Restavam as duas filas de pequenas árvores, se trançando por cima da deixa do riacho, formando escuro um tubo fundo, onde as porcas iam parir seus leitões e as guinés punham ovos. Não se podia derrubar aquela linha de mato, porque, um dia quem sabe, o riachinho podia voltar, sua vala ficava à espera, protegida. Mas, por ora, quem descia à noite, do espigão, do alto campo — quando sabiam que o vento não estava soprando no rumo de levar o cheiro deles ao faro dos cachorros — eram a raposinha rouca e algum ouriço predador; esses se encontravam, caminho em meio, com a miúda irara, zangada, e com o gambá-d'água, que subiam do valezinho florestal do Córrego das Pedras, por sede do sangue quente das criações do galinheiro. E, nas copas do arvoredo, as rolinhas fogo-apagou pregueavam seus ninhos.

A rola fogo-apagou cantava continuado, o dia, mesmo na calada do calor, quando dormiam os outros pássaros. Seu canto sabe sempre se fingir de longe, e ela está perto. Só a ser que de-seje domesticar-se, mas lhe faltando um pouquinho mais de valentia necessária, ou conhecendo que não a irão aceitar assim. A mãe de Manuelzão gostava delas, das fogo-apagou. Gostava de todas as criaturas inofensivas e vulneráveis — os meninos, a rolinha pedrês, o velho Camilo.

Por mesmo, se soube que o velho Camilo, sem contar a ninguém, tinha ido rezar na sepultura dela, levar flores, o que no comum nem era muita regra se fazer — flores do campo, pen-cas douradas do pau-dôce, e a do pacarí, que é a mais linda que tanto espanta, ou uns simples ramos de assapeixe, que agora em maio era quadra de se abrirem, o rosado e o branco, por to-

da beira de estrada. Manuelzão isso escutou, e no íntimo se agradara. Mas não o deu a entender, não disse palavra. Sua laia de chefe não o consentia. Ele tinha de ser sério severo nos exemplos. O velho Camilo podia estar com aquelas ações só por caduquice; os outros, a boca-do-povo, podiam não achar decência naquilo, mexer maldade, falarão; alguém tinha sobra para dizer que o velho Camilo estivesse solando de adulação, cada um caça e coça. Também ficava injusto aceitar com reconhecimentos aquela lembrança, assim diante dos outros, que na labuta do diário se cansavam, sem tempo nenhum para miudezas, enquanto que o velho Camilo era apenas uma espécie doméstica de mendigo, recolhido, inválido, que ali viera ter e fora adotado por bem-fazer, surgido do mundo do Norte:

— Ele asséste mais é aqui. Às vezes descasca um milhozinho, busca um balde d'água. Mas tudo na vontade dele. Ninguém manda, não...

A Samarra ia virando uma fazenda, e toda fazenda abrigava um coitado desses, raramente mais de um. Porquanto eles entre si geravam ódio, atreitos à tonta ciumeira. Ali mesmo primeiro tinha vindo um mulato surdo-mudo, a quem não se sabia chamar de que nome — como se descobrir a graça de um surdo-mudo? Chamaram-lhe então de José de Deus. E esse um era irritadiço e mandrião, mesmo sendo como sendo moço de porte, com arcado para trabalhar; por isso todos aconselharam Manuelzão a que o acertasse na lida mandada, bem podia. Mas, quando assim a nora de Manuelzão lhe deu a entender, o surdo-mudo se enfureceu, e rompeu embora, para o outro lado do rio, e daí para o real longe, a ponto de dele nunca mais se saber. Fora-se gesticulando, aos gungos e guinchos, entendendo-se dissesse que, para trabalhar, então seria em lugar outro, onde não o tivessem desfeitoado.

Tão logo depois apareceu o velho Camilo. Tempo entrante, já rodara pelo arredor, asilando-se em ranchos ou cafúas mal abandonadas no campo sujo. Era digno e tímido. Olhava para as mãos dos outros, como quem espera comida ou pancada. Mas às vezes a gente fitava nele e tinha a vontade de tomar-lhe a benção. Quando viu que o surdo-mudo se fora, chegou-se. Vinha só para poder receber o que lhe dessem. Mas mandaram-lhe que viesse definido e ficasse.

Ao que ficou. Deu o nome, que experimentou escrever, mas não soube, não se alembrou mais, experimentou atôa, com a ponta de um tição preto numa régua do curral. Parou triste. Camilo José dos Santos... E informou idade de oitenta anos para fora: tinha uns oito ou dez, na Alforria do Cativo. Nascera no Riacho dos Machados e acabara de se criar em Coração de Jesus de Inconfidência. À vista, não se percebia fosse tão idoso. Desde os pés espalhados, ele vinha para cima retaco, baixote, poucos fios de barba no queixo, poucas carquilhas nos cantos do rosto clareado austero, fundos olhos azúis, calvície nenhuma, e regularmente grisalho o cabelo, tosado baixo. Seria talvez de todos os homens dali o mais branco, e o de mais apuradas feições, talvez mesmo mais que o Manuelzão. A vida não lhe desfizera um certo decoro antigo, um siso de respeito de sua figuração. Quem sabe, nos remotos, o povo dele não tinham sido homens de mandar em homens e de tomar à força coisas demais, para terem?

Para a festa, tinham-lhe feito uma roupa nova, de riscado escuro, paletó, camisa e calça do mesmo pano áspero, muito durável. Ele nada pedira. Mas apreciara-a, que nem que um milagre o tivesse envolvido. Ficou com as mãos sobrando, mudou o modo de sua seriedade, se alisava. Não sabia como se permanecer. A nora de Manuelzão mandara costurar a roupa, e tudo

correntio, sem menção, sem avisos, como fizera para o marido, o sogro, os filhos, ninguém podia ficar sem terno novo para a festa, a caridade formava suas regras num estipêndio vezeiro.

Como podia, o velho Camilo ajudava. — “Minha gente, vãos desaparecer, samo’ chegar!” — convocava Manuelzão, acolhendo os forasteiros. Sem um sorriso, sem se ressair, o velho Camilo oferecia auxílio, no desarream a montada. — “Será dúvida?” — requeria sempre. A mesma fórmula, usava-a, um tom, às horas de comer, quando, deixando-se por último, se dirigia afinal à porta-da-cozinha, para receber seu prato feito: — “Será dúvida?” E os meninos não sabiam apanhá-lo, nem estimá-lo, nem o respeitar diretamente. Os vaqueiros também não. Riam sério dele.

Aos mais, pessoas chegavam, sendo a véspera. A casa e o pátio rebuliam de gente composta. Também, a cavalo, veio o padre, da Pirapora. O padre estrangeiro, frei Petroaldo, alimpado e louro, com polâinas e culotes debaixo do guarda-pó, com o cálice e os paramentos nos alforjes. Homens seguiam-no, por muitos lugares, um afã em estradas, para demorar a virtude da séria presença, para ouvirem mais das primeiras-missas. O padre a pôr suas vestimentas direito, e os vaqueiros voltando do campio, esses demitiam seus trabalhos, por dois dias. O eirado se acacheava de burros e cavalos. Num galho da gameleira, se balançava a raspadeira, pendurada para o pronto. — “Seo Camilo, o senhor dá conta de tirar aquele ferro ali, p’ra mim?” — “Com certeza.” No aparecer a cavalgata do padre, a mando de Manuelzão o Promitivo tinha soltado seguidos três foguetes. A voz do povo levantou um louvor, prazeroso. Via-se, quando se via, era mais gente, aquela chegada, que modo que sombras. Gente sem desordem, capazes de muito tempo calados, mesmo não tinham viso para as surpresas. Apartavam-se em grupos.

Mas se reconheciam, se aceitando sem estranhice, feito diversos gados, quando encurralados de repente juntos. Todos queriam a festa. Manuelzão se esquecia do pé doente, desejava conversar os sublimes com o padre, que o padre fosse servido pelas mulheres, tomasse café, com muito conforto. Mas o padre não apresentava um encoberto de ser, nenhum ar de prestígios e penitências, que a gente estremecesse. Era um padre com sanguínea saúde, diabo de moço, muito prático em todos os atos, de certo já acostumado com essas andadas no sertão, e que tudo fazia como por firme ofício — somente indagava quantas crianças havia de ter ali, de bom batizar, quantos homens e mulheres morando em par, para irem logo no sacramento — e diligenciava de não perder tempo nenhum; o mais seria depois. Para ele o povo minúcio olhava; constantemente estavam se lembrando de Deus.

Mesmo tinha viajado de vir ali, estúrdio, um homem-bicho, para vislumbrar a festa! O João Urúgem, que nunca ninguém enxergava no normal, que não morava em vereda, nem no baixio, nem em chapada, mas via solitário, no pé-de-serra. Desde não se sabia mais, desde moço, quando o acusaram de um furto, que depois se veio a expor que ele não executara — tinha ido viver sozinho no pé-de-serra, onde o urubú faz casa nas grotas e as corujas escolhem sombra, onde há monte de mato, essas pedras com limo muito molhado, fontes, minadouros de água que sobe da terra aos borcos, jorra tesa, com força, o inteiro ano. João Urúgem, que morava numa choupana em árvores e moitas, que os degraus de sete lajedos — cada laje mais larga e chata — separavam da beira da lagôa, onde o jacaré-de-cabeça-azulada põe o focinho fora d’água, quando o sol sai tarde, e espirra mau-agouro e olha mau-olhado. João Urúgem fedia a miolo de cavalo. Viera de lá, por conta da festa da capela — isso se

entendia. Ele não sabia mais falar corretamente com os outros, parece que chorava pensando que estava se rindo. Pegara por lá essa doença de malcheirar, quem sabe também o que ele não comia? Já não devia de se lembrar mais da culpa do furto, se esquecera. Olhado do jacaré. Quem se aproximava para ver o toco da língua dele, jacaré, ele devorava a memória da cabeça da pessoa. João Urúgem sentava no chão, punha as palmas das mãos abertas encostadas em terra, que nem para se esquentar ou esfriar. Tinha os olhos cor de água, igual os dos grandes cachorros onceiros de um homem na Vereda do Liroliro. Diziam que ele não saía daquele lugar no pé-de-serra, porque lá tinha achado uma mina de ouro, não queria que ninguém tomasse. daquelas brenhas sai é o gavião-pé-de-serra, que é o maior de todos, rôxo-escuro, peito branco, muito grande, unhas grandes, se diz que é a águia; esse gaviãozão, ele roda por Gerais, por Baixio, mas mora mesmo é no pé-de-serra, em paredões de montanha: de lá vem voando, o corpo todo cheio de ar. E pois, aquele João Urúgem, por um assombroso, conseguira ter informação da festa, e agora estava ali, na Samarra, se aposentando no matinho para lá dos currais. Mesmo assim, os cachorros estranhavam o indício dele, iam para lá, latir. João Urúgem tinha ajuntado perto de si um monte de pedras, jogava nos cachorros quando precisava.

Manuelzão instava o povo para rezarem o terço, a mando do padre. As mulheres começavam. As mulheres sempre iam se acrescentar todas de uma banda do pátio, se desmisturando dos homens. A reza era mais delas. Houve um declarado de respeito, os outros abrindo espaço para caminho, quando chegou o senhor do Vilamão, de barba andó, o cabelo total embranquecido, trajado de vestimenta que não se usava mais em parte nenhuma, o cavour — sobretudo preto, com sobre-capinha que ba-

tia no cotovelo. Manuelzão sabia quem era ele, homem de muitas posses, de longes distâncias dentro de suas terras. Manuelzão o veio receber, levar pra entrar. O senhor do Vilamão já estava quase cego, tão velhinho para andar, parecia todo de vidro, pensava que os que falavam com ele estavam era pedindo esmola: respondia que Deus desse, que ele na hora não tinha. Manuelzão explicava que isso não era, convidava, pronunciava palavreado de mais escôlha, mais bem lembrado. Mas aquele se inteirara mesmo ancião, reperdido na palha de uma velhice. Assim mal enxergava as pessoas, só supunha. Mas representava os altos gestos, talento de sucintos, o estado-mór de fidalguia. Tão esvaziado de si, de ser homem, não tinha mais os temperos do corpo, o que ainda persistia nele era o molde do muito aprendido. E Manuelzão, que o acompanhara adentro da casa, alçantes estandartes, de repente sentia a dôr de uma ferroadada no machucado do pé, esbarrava no instante, sem querer se abaixar nem soltar meio-gemido. Avistava o Adelço, perpassante no fundo do corredor — ah esse não dava préstimo de vir acomodar os hóspedes, nas coisas da festa nem ajudava em nada; por certo, o Adelço tinha sofismado sempre a idéia da festa, mesmo sem disso palavra dizer!

E chegava também o Lói, um Lói, que não era mais vaqueiro, da Vereda do Liroliro, uns tempos tinha vivido de caçar onças, tinha estado pago para matar onça até na beira do Rio Barra da Égua, Córrego Curral de Fôgo, que são do Paracatú; mas no atualmente ele negociava em mulas e burros. Esse Lói, vestido com a *baeta* — um capote feio de baeta, vermelho de dando chama, de espantar boi até. O Promitivo era que espiava para aquilo, com maior atenção de inveja, o Promitivo cada vez realçava mais sua exata vocação para vagaz, o vagável sem remédio; mas, pelo menos, ele era auxiliador nas pequenas coisas, gostava

va de ser agradável à gente, e demonstrava todo sentimento para o acontecer da festa, agora era o que se queria. E a gente ia rezar com o povo. Que rezavam a continuação do terço, cantado: as mulheres entoavam, os homens no cantarol baixinho, uns desferindo falsete, a vozeada junta semelhava linguagem de baiano, do Bom-Jesus. Esses que podiam, como o senhor do Vilamão, o Lói, é que tinham capotes, capas, agora que estava chegando o meio-do-ano, o vento mudando pra vir quase só dos nascentes, soão e suão, mais de cima ou mais de baixo — banda de Corinto, de Buenópolis ou de Montes-Claros — e forte com frieza, um vento que zune nos altos das chapadas do Gerais, e judia com a gente nas estradas, e corta: viajor, dá até vontade de chorar. Manuelzão mesmo pensava, carecia de se desfazer da dele, já velha, de baeta azul-clara, comprar uma capona gaúcha, honrosa. Mas — imaginava — aqueles já estavam chegados ali, não tinham precisão de ficar com os balandraus nas costas. Não eram o padre. Até ofendia aos pobres, que nem não tinham direito com o que se cobrir, com bom pano. Bom, mas que não se usava mais, era o cavú, como o do senhor do Vilamão: jeitoso para se montar a cavalo, porque se abria bem; e tinha o mantelete por cima, a capeta de abrigo, que se enrolava nos braços. Desde menino, Manuelzão sempre curtira vontade de ter um cavú daqueles, mas que não era vestimenta para gente pobrezinha, nem o pai dele Manuelzão nunca tinha conseguido possuir um. Agora, que ele para isso conseguira dinheiro arranjável, não adiantava nada, porque o cavú não existia mais, de nenhum jeito, para se comprar, nem costureira não fazia, nem alfaiate em cidades. Só o senhor do Vilamão era quem ainda alcançava competência de usar um, seu dele, resguardado em tão rica velhice, o derradeiro *cavour* que nesse mundo so-brara. E Manuelzão se extremava, achava nobre gentileza em in-

sistir com eles para se porem à vontade, tirarem os agasalhos, que lá dentro tinha guardado onde se dependurar sobretudos. Davam demais na vista.

Nem também não era hora de vaqueirama chegar cantando abôio, em véspera de festa não se trabalhava. Tinha dado ordens. Quem era, quem, gritando assim, de ecôa-cão? Boiada chegava? Não, boiada nenhuma, só o Simião Faço, mais seu irmão Jenuário, e outros, voltando daí de rumos, depois de semana. Vadiavam. Traziam gente de fora. — “Eh, Manuelzão, já fomos, já viemos...” Tinham conhecido, de companhia, um sitieiro abastado, chamado seo Velelho, com seus filhos, tocadores de música. Esse homem arribava de longe, passou o rio, com sua comitiva, muito em cima, no Porto-do-Pontal-do-Abaeté. Viera, por precisar de festa. Traziam seus mantimentos, não incomodavam: — “Refiro, refiro...” — “Pois é só se chegar, patrício amigo, vosmecê com seus rapazes. Fico muito satisfeito... A festa é da Santa... Aqui tem bebidas doces e bebidas bravas...” Ah, todo o mundo, no longe do redor, iam ficar sabendo quem era ele, Manuelzão, falariam depois com respeito. Daí por mais em diante, nas viagens, pra lá do mais pra lá, passaria numa fazenda, com seus homens, e era a fazenda de um tal, ou filho dum tal, na quebrada dum morro, e o dono saindo na boca da estrada, para convidar: — “Viva, entra, chega p’ra dentro, Manuelzão! Semos amigos velhos. Eu estive lá na sua Festa...” Dinheiro era para se gastar. Sua mãe, saudosa velhinha, a melhor das de lá no Céu, havia de estar gostando, de muito aprovar. Era a festa dela. Aquele dia, ela estava juntinha com Nossa Senhora. E esses dois, Simião e Jenuário, por que tinham tido de demorar assim tanto, em animais bons, são de saúde, com paga na algibeira? — Manuelzão, a gente não puderam vir antes, este seo Velelho dava testemunha: um boiadão que chegara e esbarrara,

pra travessar o rio, três mil e seiscentas cabeças, boiadama dismença, cortada em doze golpes, três mil e seiscentas reses, pra jogar n'água, na barra do Abaeté. Então até pediram ajuda, pagaram bem. Gado do Urucúia e gado goiano, dois boiades que se tinham ajuntado, amor de viajar juntas, lá por entre o Cotovelo e a Forquilha, pra cá de Fróis. Tinham pedido ajuda. Cinco donos compradores diferentes esperavam, com seus automóveis, na barra do Abaeté. Depois de atravessar o rio, iam repartir o de cada um. Tinham pedido ajuda. Mas os vaqueiros deles tinham ido adiante, no Porto-Boi e no Porto-do-Cavalo, beira do Paracatú, encontrar com os outros, receberam o gado todo. Os vaqueiros do Goiás pegaram seu dinheiro ganho, fizeram os sinais-da-cruz e deram a despedida, botando os cavalos para trás, voltando pra suas longes terras. A moçama do Urucúia, também. Contaram que com esses estava o vaqueiro Uapa — o rei de todos, montado em seu mais bonito alazão. Tinha mais três outros cavalos, e todos obedeciam a ele, afalados, amadrinhados, sabiam o querer de seu assovio. Todos cavaleiros bons, filhos de cavalos e éguas de São Romão, cada qual mais faceiro, de crinas finas. Aquilo, ele tocava, montado num, ia cantando, a cara dele lumiava, o cavalo agradecendo; e os outros cavalos dele galopavam, vinham lá de trás, para em volta dele, num contentamento, pediam para dansar, até rinchavam! Boiada em que ele entrasse, não dava trabalho. Todo fazendeiro queria ter em sua fazenda ao menos um campeiro que já tivesse companheirado algum tempo com o Uapa. Mas, tinha coisas, lá de suas certas, que ele mesmo aos outros não podia ensinar. Os goianos falavam pouco, voltaram todos, da beirada do Paracatú; eles estavam com saudade das casas. Boiadeiro desconforme. Enchiam as várzeas, os bois todos andando, p'r'acólá, p'r'acolí, nunca se ouviu berraria tão bonita. Semelhava que iam comer para uma

vez o capim dos pastos, rapar o verde dos campos. Estercavam o sertão todo. Na tombada de um morro, inda do lado de lá, mas depois de esbarrarem, a gente veio dar ajuda. E a apartação final. Diziam esse Uapa tivesse podido vir acompanhar, então nem se carecia de ajuda. Uma fartura duma beleza. Hora inteira, o gadame passando, não se acabava. E esse senhor fazendeiro, seo Velho, e os filhos, ficaram na beira da porteira, tocando os instrumentos. Seo Velho tocando a sanfona. Boi berrava, não berrava, e passava, escutavam quietos, sem toda tristeza. Os filhos de seo Velho com o bandolim e a viola. Boiada e mais boiada e mais boiada — passava adiante. Ô mundo grande! *Minrréis, mirigôis!*... Até a gente...

Manuelzão, como os dois campeiros escutava, não conseguia ser mais forte do que aquelas novidades. — “Estória!” — ele disse, então. Pois, minhamente: o mundo era grande. Mas tudo ainda era muito maior quando a gente ouvia contada, a narração dos outros, de volta de viagens. Muito maior do que quando a gente mesmo viajava, serra-abaxo-serra-acima, quando a maior parte do que acontecia era cansativo e dos tristonhos, tudo trabalho empatoso, a gente era sofrendo e tendo de aturar, que nem um boi, daqueles tangidos no acerto escravo de todos, sem soberania de sossego. A vida não larga, mas a vida não farta. Só se feito o João Urúgem, revertido ao sempre, cabelama caindo pelos ombros, o nú, as unhas. Para esse o tempo podia passar, que não adiantava. Quietos num canto, virado bicho. Mas um existir assim os olhos dos outros não mediam. Ele, Manuel J. Roíz, vivera lidando com a continuação, desde o simples de menino. Varara nas águas. Boiadeiro em cima da sela, dando altas despedidas, sabendo saudade em beira de fôgo, frias noites, nos ranchos. Até para sofrer, a gente carece de quietação. Para sofrer com capricho, acondicionado, no campo de se rever. Via-

geiro vai adiando. Só o medo da miséria do uso — um medo constante, acordado e dormindo, anoitecendo, amanhecendo. Já o pai de Manuelzão tinha sido roceiro, pobrezinho, no Mim, na Mata. Todas terras tão diferentes, tão longe daqui, tão diferente tudo, muita qualidade dos bichos, os paus, os pássaros. Mas o pai de Manuelzão concordava de ser pobre, instruído nas resignações; ele trabalhava e se divertia olhando só para o chão, em noitinha sentava para fumar um cigarro, na porta da choupana, e cuspiam muito. Tinha medo até do Céu. Morreu.

De desde menino, no buraco da miséria. Divisou a lida com gado, transitar as boiadas. Mas, agora, viera bem chegado, àquele aberto sertão, onde havia de se acrescentar, onde esquecia os passados. — “*Lá é Cristo, e cá é isto...*” Tinha a confiança de Frederico Freyre, era expedito no leal. Tinha vindo em oco: — “E desci cá p’ra baixo, como se diz, como diz o negócio: *pedindo e roubando...*” Mas ali trabalhava, lei de seu bom sentir. E prosperava. — “Nós já espichemos por aí uns duzentos, trezentos rolos de arame...” Mais havia de redondear aquilo, fazenda grande confirmada. Cerca de arame de três fios; e levavam gado. Com a banda boa da sorte. Sorte: a Capelinha e esta Festa davam a melhor prova!

Sertão. O lugar era bonito. O céu subia mais ostentoso, mais avistado do que na Mata do Oeste, azuloso com uns azinhavres, ali o céu parecia mesmo o Céu, de Deus, dos Anjos. E o pasto reinava bom, sem carrapatos, sem moscas de berne, sem pragas. Ao bater daquela enorme luz, o ar um mar seco. Em setembro ou outubro, o gado aqui estava mais gordo do que no Maquiné; porque os fracos, mesmo, morriam logo. O frio se engrossava bom, fazia para a saúde. E a gente, bom povo. Não falavam mole, como os do Centro, nem assurdado remancheado feito os do Alto-Oeste, sua terra. Falavam limpo duro. Eram

diversos. Povo alegre, ressecado. Manuelzão era que, no meio deles, às vezes se sentia mais capiau. E, no começo, ele mais sua meia-dúzia de pessoal trazido do Maquiné, quase que muita coisa não entendiam bem, quando aqueles dali falavam. Linguajar com muitas outras palavras: em vez de “segunda-feira”, “terça-feira”, era “*desamenhã é dia-de-terça, dia-de-quarta*”; em vez de “parar”, só falavam “*esbarrar*” — parece que nem sabiam o que é que “parar” significava; em vez de dizerem “na frente, lá, ali adiante”, era “*acolá*”, e “*acolá-em-cima*”, e “*p’r’acolá*”, e “*acolí, p’r’acolí*” — quando era para trás, ou ali adiante de lado... Estimavam por demais o nhambú, pássaro que tratavam com todo carinho, que diziam assim: “*a nhambuzinha*”... Gente de boa razão, seja com o chapéu-de-couro seja com chapéu de seda de buriti — eles não se importavam muito com as maldades do tempo. Manuelzão nos usos deles já se ajeitava. Aquele poder de gente, por ali, chegando, para a festa, todos o olhavam com admiração e aspecto. Mundo grande! Mas, ainda muito maior, quando a gente podia estar em sua casa, e os outros vinham, empoeirados de sete maneiras, por estradas sertanias — e pediam um café, um gole d’água. Cada um tinha visto muita coisa, e só contava o que valesse. — “*Lá chove, e cá corre...*” A gente mesmo, na estrada, não acostuma com as coisas, não dá tempo. Para bem narrar uma viagem, quase que se tinha necessidade de inventar a devoção de uma mentira. E gabar mais os sofridos — que de si já eram tantos. — “*Eh, mundão! Quem me mata é Deus, quem me come é o chão!*...” — como no truque. Arre, o ruim, o duro da vida, é da gente. Não se destroca. Tudo tinha de ir junto. Como no canto do vaqueiro:

— *Eu mais o meu companheiro
vamos bem emparelhados:*

*eu me chamo Vira-Mundo,
e ele é Mundo-Virado...*

Que nem o velho Camilo, até vinha à idéia. Por que era que ele, Manuelzão, derradeiramente, reparava tanto no velho Camilo? Quem dirá, afora mesmo ele, somente o velho Camilo estaria advertindo em sua mãe, senhora, enterrada lá no alto, pegado à capelinha — mas a alma dela, seu entender de tudo, parava era no Céu. Embora, o sentimento por dentro, que Manuelzão pensava, era o de um sendo-sucedido estúrdio: que esse velho Camilo, no diário dos dias, ali na Samarra, se pertencia justo, criatura trivial; mas, agora, descabido no romper da festa, ele perdia o significado de ser — semelhava um errante, quase um morto. Porque, assim, clareada uma festa, o velho Camilo se demonstrava a pessoa separada no desconforme pior: botada sozinha no alto da velhice e da miséria.

Para lá, para a Capela, e parecia até que para o Céu, partia a procissão noturna, formada em frente da Casa, demoradamente, e subindo, ladeira arriba; concisos caminhavam. A lua minguava, mas todas as pessoas seguravam velas de sebo. Uma das filhas de Leonísia e Adelço, a menina mais velha, vestidinha de branco, toda francesinha, se divulgava de mais longe, carregava a imagem da Santa. Ia perto do padre. Ninguém ainda não sabia se aquela imagem tinha destino de ser Santa milagrosa, nem se o lugar da capelinha dava para prestígios. Era o que o povo pedia. De lá da frente — já à distância de uma pedrada de Manuelzão — uns inventavam um canto, ensinado por Chico Brãabóz, o preto da rabeca. Chico Brãabóz, que tinha feições finas de mouro, nariz pontudo. Ele recendia a aguardentes, mas tinha muitas memórias: as músicas, as dansas, as cantigas. Os outros acompanhavam, sustendo, o coro estremecia aquela tris-

teza corajosa: — “... *À Senhóora do Socôôo-rrù...*” —; o restante era um então sem conseguidas palavras. Até os cães vinham ladeando, disgramados, sarapulando, escrapulando, em confusão de correria. Passou-se resvês de um curral, donde se escutava o sopro surdo dos zebús, o bater de suas imensas cartilagens. Embolavam as cabeças, no escuro, num rude aconchêgo. Cheiravam a fazenda enriquecida. Gado apartado, à-mão, para se suprir na boiada somante. ... *À Senhora do Socôro...* Quando se interrompia o cantar, os cachorros zangados latiam. Daí, então, os grilos enchiam com seu griliriu os espaços. Ladeira acima, no corpo da noite, a dupla fila de gente, a voz deles, todos adorando o que não viam. Primeiro as mulheres, em seguida os homens, as chamazinhas tremeleando, o cortejo ia aos altos, trançando as curvas. A poeira saía da escuridão, correndo uma neblina amarelada. Assim aquela procissão, ela marcava o princípio da festa? Mas Manuelzão, que tudo definira e determinara, não a tinha mandado ser, nem previra aquilo. Quem então imaginava o verdadeiro recheio das coisas, que impunham para se executar, no sobre o desenho da ordem? Não embargando que ele Manuelzão fosse acolá adiante, acelerado, nem se importava que o pé doesse, mas devia de vigiar o seguimento de tudo. E agora tinham esbarrado, para o padre baixar comando. Uma mulher carregava no colo uma criancinha toda nua, só trespasada no peito uma fita azul — por devota promessa. No frio apertado da noite, a menininha esperneava, que nem sabia falar, choramingava. A momento, encostou a mãozinha no fôgo da vela que era da mãe, se queimou, rompendo um choro mau. O povo cantava, a mãe da meninazinha cantava. Rogavam para o rugoso Céu, com estrelas, mas cheio de sobrolhos, se serenando na estrada-de-santiago. Manuelzão se retardava para trás, deixava que seguissem sem ele. Retomava seu posto, na culatra

— conforme cumpria nas boiadas — os costumes de responsabilidade. Pudessem, sem falta de respeito, e ele teria vindo a cavalo, para se saber, para sentir aquilo melhor. Arrastava um pouco a perna, arfava um pouco. Chegava-se à Capela. Sem ninguém mandar, só somente, cada um ia colocando sua vela acêsa no topo de cada mourão do cemitério. Tudo alumia. Entãoava-se o Bendito. Louvado Deus seja, que só tira de mim, só me dá o porfim. Manuelzão se apressava adiante, por ali, de estabana mas se precatando — o inflamado do pé doía um pouco, nele não esbarrassem —; carecia de estar perto do padre! O povo lhe dava caminho, à sua altura, à sua pessoa. O povo esperava, inteiravam a festa, a festa eram essas necessidades.

Mas, sob um súbito, Manuelzão não queria, não podia entrar no estreito da Capela: ele estava afrontado na boca dos peitos, aquelas ânsias. Arquejava, da subida? Tomou fôlego. Não, nada não de ser. As más idéias passavam. Só — quem sabe — não seria mesmo melhor ele renunciar de sair com aquela boiada grande, que iam pôr na estrada, logo uns três dias depois da festa — para a Santa-Lua. Aconselhável era deixar de lado a opinião de orgulho, e voltar atrás no arrazoadado com o Adelço, mandar o Adelço ir em seu lugar. Enquanto isso, ele ficava ali em Casa, em certo repouso, até a saúde de tudo se desameaçar. Podia? Ah, mas nisso, consigo mesmo não concordava. Saúde boa, de sempre; só que, nos derradeiros dias, ele tinha dormido pouco, pensar em todas as minúcias da festa deixava a gente num nervosia. Sabor disso, de rogar ajuda e voltar atrás num trato, ele ao Adelço não dava. Onde era que o Adelço se amoitava, naquela hora? Não devia de estar dentro da Capela, com o padre, o sacristão, Leonísia, o senhor do Vilamão, seo Velho e os filhos, as outras pessoas de primeira vantagem. O Adelço era o contrário da festa. Mas a festa se merecia. Por ora, hoje, ain-

da era a véspera. Mas, amanhã, com a missa, a festa em verdade começava. Para respirar mais a solto, e descansar o pé, Manuelzão se afastava um espaço do resto do povo. Enternecia um pouco, assistir às chamas saltantes, que aguentavam a aragem, nos paus da cerca do cemiteriozinho. Manuelzão não o procurava ver: mas, à luz, redondã, de uma daquelas velas, a cara do velho Camilo se descobria, dobrada sua palidez, diferido. Sem ser forte, mas com voz conhecível, ele também cantava.

Nem era de não se saber que ele podia cantar e competia, por si, os assuntos — que era só alguém pedir, e ele desplantava de recitar, em qualquer dia de serviço, ali no eirado, à beira de um cocho: — *“O bicho que tem no campo, o melhor é sariema: que parece com as meninas, roxeando as cor morena...”* Sempre não sorria, nunca, e mesmo rir não ria; teria constantemente receio de que o tomassem por menos. Repetia ligeiro as coisas demoradas: — *“Suspiro rompe parede, rompe peito acautelado; também rompe coração, trancado e acadeado...”* Um que ouvindo, glosava: — *“Isso ele decifra de idéia...”* Mas não tirava de idéia, não, não desinventava. Aprendera, em qualquer parte. Aqui e ali, pegara essas lérias, letras, alegres ou tristes, pelas voltas do mundo, essas guardara, mas como tolas notícias. — *“Aí vem um rapazinho, calça preta, remendada: é bestagem, rapazinho, que aqui não arranja nada!”* Por umas e outras, em nenhuma não se sentia que elas assoprassem da lembrança cenas passadas, que fossem só dele, velho Camilo — que já tinha sido moço, em outras terras, no meio de tantas pessoas. — *“Minha cabeça tá doendo, meu corpo doença tem. Quem curar minha cabeça, cura meu corpo também...”* Aquilo era como se beber café frio, longe da chapa da fornalha. O velho Camilo instruía as letras, mas que não comportava por dentro, não construía a cara dos outros no espelho. Só se a gente guardasse de retentiva cada pé-de-verso, então mais tarde era que

se achava o querer solerte das palavras, vindo de longe, de dentro da gente mesmo. — *"O bicho que tem no mato, o melhor é pass'o-preto: todo vestido de luto, assim mesmo satisfeito..."* As quadras viviam em redor da gente, suas pessoas, sem se poder pegar, mas que nunca morriam, como as das estórias. Cada cantiga era uma estória.

Como as compridas estórias, de verdade, de reis donos de suas fazendas, grandes engenhos e mais muitos pastos, todo gado, e princesas apaixonadas, que o canto da mãe-da-lua numa vereda distante punha tristonhas, às vezes chorando, e os guerreiros trajados de cetim azul ou cor-de-rosa, que galopavam e rodopiavam em seus belos cavalos — as estórias contadas, na cozinha, antes de se ir dormir, por uma mulher. Essa, que morava desperdida, por aí, ora numa ora noutra chapada — o nome dela era a Joana Xaviel.

Ela recontava a estória de um Príncipe que tinha ido guerrear gente ruim, três longes da porta de sua casa, e fora ficando gostando de outro guerreiro, Dom Varão, que era uma moça vestida disfarçada de homem. Mas Dom Varão tinha olhos pretos, com pestanas muito completas, o coração do Príncipe não se errava, ele nem podia mais prestar atenção em outra nenhuma coisa. Vai daí, foi perguntar ao Pai e à Mãe dele, suplicar conselhos:

*"Pai, ô minha Mãe, ô!
estou passado de amor...
Os olhos de Dom Varão
é de mulher, de homem não!"*

A Rainha ensinava ao filho seguidos três estratégias, astúcia por fazer Dom Varão esclarecer o sexo pertencido. Quando sucedia esse final, o Príncipe e a Moça se casavam, nessas glórias, tudo dava acerto.

Joana Xaviel fogueava um entusiasmo. Uma valia, que ninguém governava, tomava conta dela, às tantas. O rei velho rei segurava a barba, as mãos cheias de brilhantes em ouro de anéis; o príncipe amava a moça, recitava carinhos, bramava e suspirava; a rainha fiava na roca ou rezava o rosário; o trape-zape das espadas dos guerreiros se danava no ar, diante; a gente via o florear das quartadas, que tiniam, esfaiscavam; ouvia todos cantarem suas passagens, som de voz de um e um. Joana Xaviel virava outra. No clarão da lamparina, tinha hora em que ela estava vestida de ricos trajes, a cara demudava, desatava os traços, antecipava as belezas, ficava semblante. Homem se distraía, airado, do abarcável do vulto — dela aquela: que era uma capiôa barranqueira, grossa rôxa, demão um ressalto de papo no pescoço, mulher praceada nos quarenta, às todas unhas, sem trato. Mas que ardia ardor, se fazia. Os olhos tiravam mais, sortiam sujos brilhos, enviavam.

Se somava que a Joana Xaviel tinha vindo para a festa. Sonesa entrava ali, no relento da cozinha, com Leonísia e umas das mulheres de vaqueiros, ensinando as estórias. Retornadas da procissão e da reza na Capela, essas não podiam ir dormir, aguardavam que o padre apagassem a luz do quarto-da-sala. De lá, depois do portal do corredor, o padre não alcançava escutar. Nem o senhor do Vilamão, noutro cômodo, com seus dois camaradas de fiança, que dele cuidavam. Nem seo Velho e os filhos, dormindo na sala. Ouvia-as Manuelzão, já deitado, aqui, atrás de parede, quase encostado na cozinha. Não conseguia pegar no sono.

Sus, sus, no vão entre duas estórias, Joana Xaviel se arapuaava, questionando o caso dum veredeiro, que queria vergonha com ela e, escopado, sem os favores — somenos segundo ela dizia — saíra por meia redondeza a difamá-la a mal. Morreu, sobre o depois, sua alma veio assombrar. Mesmo agora a ira de

Joana Xaviel não se fingia. A mais, vibrava em seu falar, que se expedia num resolutivo:

— "...Ele me fez muito falso. Morreu e veio me representar. Veio andando de quatro patas... Que todos me ôçam! Que todos me ôçam! P'r' amô-de perdão... Mediato, veio logo me ver. Por conta dele, eu tinha contravindo de sair de minha casa. Onça comeu porca, leitãozinho morreu de fome... Enquanto eu tiver raiva, eu não perdôo! Eu? Não perdôo. Por qual razão que eu destravei com ele. Aquele homem, quando vivo, sabia rezas pesadas. Três dias depois de morto apareceu. Era a alma dele. Eu não tive medo nenhum, tive foi mais raiva... A cachorrinha é que ficou uivando. Ficou assombrada. A mesmo depois que a visonha daquilo tornou a se desaparecer, a cachorrinha não teve paz. Ela não podia olhar a luz da candeia, não queria de jeito nenhum virar a cara para a banda do fôgo na fomalha..."

Que quem foi que tossiu, lá fora da porta do terreiro? O velho Camilo. Leonísia perguntou por quê que ele não entrava: há de entrasse pra dentro, vir beber um coité de chá de cagaiteira, com as pessoas. Leonísia prestava gentil a caridade — mesmo com tantos cansaços do dia, ela por suas boas mãos tinha bota-do água na bacia, tratou do machucado no pé dele Manuelzão, sem o desdém. À mente, a mãe de Manuelzão reconhecia o tamanho da alma de toda pessoa, no disparo de um olhar. Sobre Leonísia, ela redisse: — "Esta procede produzido de si, certa no esquecível e no lembrável..." —; e não dosou o bem-querer, que era para uma neta, para uma filha. A ser — e o que era que ela estudou, do Adelço? Nada. Lei que não dava opinião, nunca, em assunto de homem. Às entre-vezes, semelhava ela tivesse pena do Adelço, quem sabe por ser trabalhador na tristeza. Todo modo, o Adelço condizia qualquer obrigação, na coragem

acostumada. Mas ele obscurecia na gente toda novidade de animação, as influências, toda graça de entusiasmos. A mãe de Manuelzão, se viva, também havia de ter falado com o velho Camilo para entrar, vir ouvir cá dentro. A noite seroava fria, até fazia mal, na idade dele. Velho Camilo agradecia, estava a cômodo, sentado no toco, na boca da escuridão. Só um menos apartado, feito os pobres cães cachorros, que se deitam, satisfeitos, perto das pessoas. Não adiantava encalçar, com ele porfiar. Mesmo permanecia ali porque gostava de Joana Xaviel. Gostava, de amor? A Leonísia tinha falado bondosa, mas a sério, seu respeito. Devia de ser via disso que a Joana Xaviel não apôs palavra. Às artes, começava outra estória:

— "O seguinte é este..." Aí, uma vez, era um homem doado de rico, feliz de rico, mesmo, com extraordinárias fazendas-degado. Tinha um amigo, que era vaqueiro, muito pobre, pobre, pobre. A mulher do vaqueiro se chamava a Destemida...

Sensato normal não havia de ser — ponto que o sono regateava de não vir — que então ele Manuelzão imaginasse só na festa? Na idéia da festa ele não estava navegado, a tudo? Quietos, devia de aproveitar para repensar mais os arranjos, escogitando meios. Verdade, que bem não carecia — cada apreparo terminara disposto, cada providência em ordem. Antes ela mesma já tinha rompido em movimento, o rojão de suas partes se sucedendo: crente que a gente já estava no meio da festa festejada. Amanhã, raiava o diazinho, a festa recomeçava mais... Mas, então, o lucro seria de não desperdiçar a espertina destas pequenas horas, e deixar de ouvir aquelas estórias — o vago de palayras, o sabido de não existido, invenções. Tomar a ocasião para presumir os benefícios do serviço do campo, o negócio de sempre. A boiada que ia sair. À Santa-Lua. Não, não carecia. A gente não estava em folga de festa? Ness'horinha, não devia-de.

Desmerecia, até estragava o avêjo da festança, se ele pegasse a refletir na viagem da boiada, no procedimento do Adelço. Aborrecia. Deixava para depois, quando a festa estiasse. Aí, resolvia. Ah, não tinha preguiça de si — mas também não assumia receio de ninguém! Era homem de ponto. Só o trunfo de rebenotar as durezas — não perdia retreta de vadiação. Agora mesmo, não era por querido querer que estava ali escutando as estórias. Mais essas vinham, por si, feito no avanço do chapadão o menor vento brisêia. A bem ele tinha decidido o cálculo de botar o pé jazendo na cama, ali, para ajudar que o machucado melhorasse. Se não, estaria em pé, sobre-rondando, vigiando o povo todo se acomodar. Só que o sono se arregaçava. Se furtivava o sono, e no lugar dele manavam as negaças de voz daquela mulher Joana Xaviel, o urdume das estórias. As estórias — tinham amargem e docice. A gente escutava, se esquecia de coisas que não sabia.

— “O seguinte é este...” O homem rico prezava toda a confiança no vaqueiro, deu a ele a melhor maior fazenda, pra tomar conta. O vaqueiro podia comportar lá o que por si entendesse, mas tinha de zelar cuidados com a Cumbuquinha, uma vaca que o homem rico amava com muita consideração. Foi quanto foi para a Destemida exigir do marido, a sentido rogo: que queria comer carne da Cumbuquinha, que precisava, porque era um desejo e ela estava grávida de criança, mesmo precisava. Até os meninos choravam: “Nha mãe, não mata a Cumbuquinha...” Mas a Destemida tinha o relógio de não ter nenhuma piedade. Não atendia, por mais prazer. O vaqueiro pobre matou a Cumbuquinha...

Não, não foi o velho Camilo quem tossiu. Foi o papagaio, o cravo — o Cravo. Dormitando em sua placa, no umbral da porta, toscanejou de resmungar e cochichar as contracoisas. Aque-

la hora, podia-se pôr nele a mão, coçar-lhe o cocoruto, ele se alongava, sempre em surdina refalando. Bobéias e parlendas. Que o el-rei foi à caça, real, real, por Portugal, e os cães correndo o veado: “Au, au, au: pé!... — Matou, compadre?” O couro era dele, Cravo, para fazer carapuça p’ra o sandeu, e depois remedar o gruziado de um perú e o choro de meninos, e o rallo da Leonísia batendo nos meninos, e cantar o *Sererê-Sererá*, parlendas dele mesmo, outras canções:

*“Menina, segura
seu papagaio!
Senão ele foge
me dá trabalho...”*

Ele sabia sisudo até o imoral. Era um papagaio-verdadeiro dos Gerais, e macho: com muitos amarelos na cabeça.

Manuelzão não se ria, de espírito afastado. Mas carecia de se ajudar imaginando todos os outros rindo, rindo, com barulho. Se o velho Camilo não entrava para a cozinha, tivesse ou não vontade, decerto tinha, não entrava era porque falhava ao jeito, se vexava sendo de amor. Joana Xaviel sabia mil estórias. Seduzia — a mãe de Manuelzão achou que ela tivesse a boca abençoada. Mel, mas mel de marimbondo! Essa se fingia em todo passo, muito mentia, tramava, adulava. Nem era capaz de ter chegado simples para a festa, como os outros, mas posições manifestava: — “Vim soprar arroz p’ra sa dona Leonísia...” Por que havia de ser que logo as pessoas tão cordatas, tão quietas, como a mãe de Manuelzão ou como o velho Camilo, é que davam de engrajar com gente solta assim, que nem Joana Xaviel?

— “...A Destemida era doida varrida...” “Mas até os meninos, enquanto teve carne, muitos dias, pediam: — “Nha mãe,

me dá um taquinho da Cumbuquinha, pra eu assar?" A senhora mãe do homem rico escutou essa conversa dessa, por uns aca-sos; o vaqueiro pobre tinha informado falso, o minto de que a Cumbuquinha rolara num barranco e se morrera, quebrados os quartos. Então a Destemida, mediante venenos, matou a mãe do homem rico, antes que ela fosse poder delatar ao filho os e-xatos. O Homem Rico chorou um pouco, sem sofismar, daí pois mandou se fazer o enterro mais bonito que se pudesse. — "... Quando acabaram de aprontar a defunta, ela ficou um preço enorme... Os apreparos dessa mulher..." Mas a Destemi-da ainda se encaprichou de conseguir roubar as todas alfaías, e tochou fogo na casa onde se guardava o corpo da velha, pra o velório: A estória se acabava aí, de-repente, com o mal não tendo castigo, a Destemida graduada de rica, subida por si, na vantagem, às triunfâncias. Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa. Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah, ela tinha de ter outra parte — faltava a segunda parte? A Joana Xaviel dizia que não, que assim era que sabia, não havia doutra maneira. Mentira dela? A ver que sabia o resto, mas se esquecendo, escondendo. Mas — uma segunda parte, o final — tinha de ter! Um dia, se apertasse com a Joana Xaviel, à brava, agatanhal, e ela teria que discorrer o faltante. Ou, então, se vero ela não soubesse, com-petia se mandar enviados com paga, por aí fundo, todo longe, pelos ocos e veredas do mundo Gerais, caçando — para se inda-gar — cada uma das velhas pessoas que conservavam as estórias. Quem inventou o formado, quem por tão primeiro descobriu o vulto de idéia das estórias? Mas, ainda que nem não se achas-se mais a outra parte, a gente podia, carecia de nela acreditar, mesmo assim sem ouvir, sem ver, sem saber. Só essa parte é que era importante.

Manuelzão aceitava de escutar as estórias, não desgostava. De certo que não vinha nunca para a cozinha, fazer roda com os outros; ele não gastava lazer com bobagens. Mas, se ouvindo as-sim, de graça, estimava. As estórias reluziam às vezes um sim-ples bonito, principalmente as antigas, as já sabidas, das que a gente tem em saudades, até. A mãe de Manuelzão também apre-ciava. Só pelo desejo dela, foi que se deixou a Joana Xaviel vir, de tempos em tempos, contar. Joana Xaviel não era querida nas casas. Mesmo porque vivia de esmolos, deduziam dizer que era mexeriqueira, e que, o que podia, furtava.

Joana Xaviel demonstrava uma dureza por dentro, uma incli-nação brava. Quando garrava a falar as estórias, desde o alumeio da lamparina, a gente recebia um desavisado de ilusão, ela se re-moçando beleza, aos repentes, um endemônio de jeito por for-mosura. Aquela mulher, mulher, morando de ninguém não que-rer, por essas chapadas, por aí, sem dono, em cafuas. Pegava a contar estórias — gerava torto encanto. A gente chega se arrei-tava, concebia calor de se ir com ela, de se abraçar. As coisas que um figura, por fastio, quando se está deitado em catre, e que, senão, no meio dos outros, em pé, sobejavam até vergonha! De dia, com sol, sem ela contando estória nenhuma, quem vê que alguém possuía perseveranças de olhar para a Joana Xaviel co-mo mulher assaz? Todo o mundo dizendo: que Joana Xaviel cau-sava ruindades. Se não produzia crime nenhum, era porque não tinha estado, nem macha força, e era pobre demais. Nem nun-ca fora casada mesmo com ninguém. Culpavam que matara o veredeiro, de longe, só por mão de praga de ódio, endereço de raiva sentida. Por isso que, antes, o veredeiro tinha ficado era com embirrância, com ciúme, levantou o falso... E o velho Ca-milo? Com margens de oitenta anos, podia ainda como homem? Mas, mesmo sem ser por resposta do corpo, sem os fogos, di-

versas pessoas procediam a inocência de gostar dela — à mãe, mesma, de Manuelzão, outros, até as crianças... Ensalmos nenhuns; são de malícia. Suas lábias... Mas — o que alguém ali tinha dado a entender: que o Adelço, próprio, alguma vez usava o selvagem do corpo dela! — isso havia de poder ser? Manuelzão duvidava áspero daquilo, depois se compunha para o descrever. Não, o Adelço nem era competente para essa astúcia. Nem havia de ter coragem: e a Leonísia sendo tão bonita — mulher para conceder qualquer felicidade sincera.

— "...Diz que era um Rei, tinha uma filha por casar..." O senhor do Vilamão, miúdo mansinho de tão caduco, o pai dele tinha sido o maior de todos os fazendeiros, no rumo de Paracatu. Um faraó de homem, dono de quinhentos escravos, fazenda de toda gala. Ainda ele mesmo, o senhor do Vilamão, persistia rico no que herdou, também com fazendão, quantidade de vaqueiros, enxadeiros, malados e meeiros, e assistia numa casa enorme, com capela por dentro — mas espaçosa, possuindo nobre altar, com douração, com os ornatos todos — onde cabiam bancos de jacarandá, de recosto, e a gente admirava a cruz e os instrumentos do martírio, repintados, em amarelo e azul, no forro branco do teto. Lá, naquela fazenda Atrás-dos-Mórros, se servia vinho comercial, bebidas de sala; mesmo em dias sem festa se comiam eram iguarias. Só as riquezas que guardavam em arca de roupa! O senhor do Vilamão ainda vestia camisas de holanda, que prendia com botão de brilhante, e aplicava os punhos, duros de goma. E agora estava ali, hóspede dele, Manuelzão, tinha vindo para a festa! Depois que embora fosse, alguém perguntando, ele por caduquice podia desprezar no dizer: — "A Samarra? É uma capelinha branca, com tanta parede e janelas nenhuma, tão pequenina cruz, piando de pobre..." Mas tinha vindo. Estava sendo um convidado de festa do Manuelzão.

O que mal dissesse, ninguém se importava. Ah, manhã cedo a missa ia se sobressair em azo de fama, com tanta gente no contemplar! Por onde estaria agora recolhida para dormir aquela gentaria, não se escutava maior rumor nenhum, era uma noite como as outras, perpassada. Só o grilolim dos bichinhos do campo, um cachorro vez latia. Todos deviam de estar querendo dormir com aferro, por um amanhecer mais frescos dispostos. E ele, Manuelzão, não pelejava no caminho de poder ficar rico, também, um dia? Deus emprestasse a ele de chegar aos cem anos, com resistida saúde, e ele completava comprando para si até a fazenda em pompa do senhor do Vilamão, que a todas desafiava. Para teimar e trabalhar, se crescia, numa coragem de morder os ferros. Ah, tanto dava barra no impossível. Supunha a morte? Carecia de um filho, prossequinte. Um que levasse tudo levantado, sem deixar o mato rebrotar. Não o Adelço — ele sabia que o Adelço não tinha esse valor. Doía, de se conhecer: que tinha um filho, e não tinha. Mas esse Adelço saíra triste ao avô, ao pai dele Manuelzão, que lavrava rude mas só de olhos no chão, debaixo do mando de outros, relambendo sempre seu pedacinho de pobreza, privo de réstia de ambição de vontade. Desgosto... Como ter um remédio que curasse um erro, mudasse a natureza das pessoas?

A estória da Carolina: — *"A preta chegou nos agrades da cadeia, e deu o recado: que ele pudesse ir, que a Princesa chamava. Quando voltou, arengou à Sinhá..."* Agora a gente ouvia a risada alegre do Promitivo, ele também na cozinha, escutando as estórias. Esse Promitivo se parecia demais com a Leonísia, um o retrato da outra. Só que ele era valdevinos, no tanto que ela era trabalhadeira. Aprontara tudo para a festa. Manuelzão tinha pensado que dar uma festa custasse mor trabalho. Não era. Cada um fazia, de lado seu. Até o Promitivo. Até o Adelço. Mas mais tra-

balho para Leonísia, e p'r' as outras que ajudavam, agora nem iam se deitar pra dormir. O padre ainda devia de estar com a luz acêsa no quarto, rezando sempre, podia chamar, carecer de alguma coisa? — “Era uma mulher muito fazendeira... Deixou o filho se criar na lei da habitação...” O rapaz foi trabalhar para o Presidente. Entrou em batalhão. Fez um grande malfeito, ele foi preso. Mandou atrás de sua mãe. Ela chegou, saudaram:

— “Minha senhora dona,
que milagre é um?
que milagre é um?
A senhora por aqui?”

.....

— “Me puseram preso no pelourim...”

Leonísia era linda sempre, era a bondade formosa. O Adelço merecia uma mulher assim? Seu cismado, soturno caladão, ele encabruava por ela cobiças de exagero, um amúo de amor, a ela com todas as grandes mãos se agarrava. Nem a gente podia aqui-lo moderar, não se podia repreender, com censuras e indiretas; pois não era a mulher dele? Mas o Adelço só tinha prazer na mulher, afora o trabalho e os filhos só via no mundo a mulher; avego, lambuzado. Não tinha afeição para mais ninguém. Por conta disso, para não se separar da Leonísia, o prazo de um mês, era que o Adelço remanheara, não declarara firme desejo de conduzir a boiada, não se oferecera insistido para chefiar a comitiva da boiada — deixara que a ele mesmo, Manuelzão, competisse aquela ida. O Adelço tinha-se feito peso-mole de melhor não ir: pois queria era ficar, encostelado, aproveitando os gostos de marido, o constante da mulher, o bebível, em casa com cama. Nada, não — dei'stá! — ele, homem, ia! Ele,

Manuelzão. Quisesse, não ia, isto sim; não era ele sozinho quem mandava, amo, na Samarra, em tudo?! Era só querer, decidir, e falar determinado: — “Adelço, eu resolvi, eu fico. Há-de-o, arruma a trouxa, sela o cavalo, e vai!” Ah, e fosse, sem rosar, de boas-vontades. Não me vem com reflagidos! Dito que ele era quem mandava — por ser o pai, o dono, por ter as custas do dinheiro. Mesmo, por um capricho legal, não estava no poder de mandar aumentado? Assim: que, depois da boiada entregue, ainda o Adelço carecesse de ir mais para adiante, mais longe, mais tempo, — levar por exemplo um bilhete, em mão, na Sete-Lagoas, no Belorizonte, no lugarejo do Mim, na Uberaba! — então tinha de passar não era um mês, não, mas dois, três, seis meses, sei lá, longe da Leonísia. Pra ver o que é bom...

Não, esse perigo não tinha, não. Não tinha, porque ele Manuelzão era alto para sustentar toda ordem, toda decisão dada. Falou que ele mesmo ia, ia. Sorte do Adelço, escapado de lição, e que lucrava. Brios da vida: — “Eh, Manuel J. Roíz não bambêia!” Havia de descorçoar? Só o não-sei-o-que que estava meio quase sentindo, que principiava a não-querer sentir, dessa viagem. Será que estava mesmo cansado nos internos, desnortado com a festa? Porque, incertamente, dessa vez, ele dissaboria de ir, desgostava daquela boiada em jornadas, a idéia dela era pesada; e não aceitava um palpite ruim, o sussurro duns receios. Na saúde? As dormências, os arroxeados nos beiços, o retorto da canseira — e também, a qualquer esforço, com mais demora, logo lhe subia uma supitação. Ah essa falta-de-ar, o menos apetite de comer; umas dores... Suspeitava fosse via de morrer. A alma do corpo põe avisos. Desar disso — ei, então, gente, estavam achando que ele, Manuelzão, levava a breca, no bom repente ia bater com o rabo na cerca?! De primorosa! E, imagine só, logo agora, com tanto emprazo de serviço para empurrar, capela e

festa feitas, e braças e braças de campo por se fechar, e os gados... Nem pensava. Primeiro, tinha querido mesmo ir, em vez do Adelço, para depois, no fim da boiada, pagar consulta com um médico, no Curvelo. Agora não queria, não. Toleimada. Carecia de médico não, saúde é mesmo isso, que para lá e para cá varêia, no atual; ele estava substance de bom. Sim, se sabia bom, pau-e-pedra, pronto para destaques. Só o que estava era assarapantado com essa festa. E o pé-me-dói, aquela maçada. Pudesse logo sarar do pé, isto sim. Amanhã é que ia ser mesmo a festa, a nissa, o todo do povo, o dia inteiro. Dião de dia!

Ao depois, nos acabados, essa gentama se espalhava, indo-se embora. Uma festa é que devia de durar sempre sem-fim; mas o que há, de rente, de todo dia, é o trabalho. Trabalhar é se juntar com as coisas, se separar das pessoas. Ele Manuelzão nunca respirara de lado, nunca refugara de sua obrigação. Todo prazer era vergonhoso, na mocidade de seu tempo. Tempos duros, que o Adelço de certo não tinha conhecido. Agora, Leonísia era uma fonte-d'água de bonita, o Adelço não se desamarrava de perto dela. Casar, assim, era fácil! Ah, mas fosse querer saber dos passados. Antigamente era antigamente. Ali mesmo, na Samarra, estava um velho amigo companheiro, Acizilino, esse tinha exemplo para dar. A quando Acizilino se casou, ele e Manuelzão trabalhavam pra Nhô Acácio, nos Algodões. Acizilino, depois do casamento, podia ter tomado folga, de gala de repouso; se tanto, se duvidar, uns dias. Mas fez questão de sair com a gente, ele casou num sábado e se saiu na segunda, com o gado, esse trem, que se ia para o Capão das Almas, por fora de uns mais de quarenta e cinco dias, ida e volta só. Não queria que o patrão e os outros pensassem que ele estava gozando a vida. Tinha vergonha de saberem que estava lá, em sua casa, em lûademéis, casado por um divertimento. Tudo se castigava comedido assim —

quem cantava não dansava. Coisa boa, a gente come é em pé, às pressas, nos intervalos. Ah — *alegria do pobre é um dia só: uma libra de carne e um mocotó...* — como se diz! Por mesmos, ele Manuelzão não tinha se casado. Macaco não tem dois gostos: assoviar e pular de galho... Pegara o agrado de mulheres acontecidas, para o consumo do corpo: esta-aqui, você-ali, maria-hoje-em-dia — eram gado sem marca, como as gariobas, sem dono, do cerrado. Nem não moravam dentro das terras de seu serviço. E ele nunca se descuidara de não gostar demais delas. Isto é, às vezes, tinha gostado. Tinha até chorado, lágrimas, dessas que violão toca. Mas a roda da vida empuxava. Carecia de estreitar os desejos, continuar seus caminhos. O destino calça esporas. Tantamente, agora, já estava melhorado de vida. Surgia com uns fiozinhos brancos se entremeando no baixo do cabelo, que muito aumentavam. Mas, ali na Samarra, ele feito se fazia. Separava suas cinquenta vacas, e uns oito entre burros e cavalos, só dele. De bom alarde. E cumpria bem tudo para servir Federico Freyre, leal. Supria a Samarra: os campos vividos, berro de bom gado, o arame das cercas tomando conta do Baixo, e terrenos agrícolas, terras lavradas, o arrozal como flôr; o saco aberto, cheio de feijão. Diversidade grande de quando de primeiro se tinha vindo, se dormia ali, no arrancho, e os macacos manhaneiros gritando juntos matinavam, dependurados das árvores, quase que podendo bulir com as mãos nas cangalhas da gente! Sempre fora homem firme. E agora estava hospedando o padre. O senhor do Vilamão, seo Velho, pessoas de posse. Mais ainda havia de melhorar, e muito, tudo. Por ora não se podia uma laranjeira, nem bananeira, nenhum pé de fruta — formiga desmanchava; espera, que a gente ia acabar com as formigas que amolecem o chão, e com o macacume de mato-dentro. A ver, aquela boiada ia ir. Tudo em ordem. Trem bom,

enchendo os pastos. Tinham de sair em sul, serra acima, avançando com cautela, tocado de um mês de viagem, por aí aãã, reses mais de novecentas, até umas vacas com os bezerrinhos. E havia de se cumprir certo. Aquele Acizilino ia junto; e, engraçado de se pensar: ele Manuelzão nunca se casara, mas, agora, constituía de patrão. E o Acizilino, mesmo velho companheiro amigo, como sendo, para ele trabalhava de empregado. Boiada! Mas só para se raciocinar depois da festa. Agora, o que se estabelecia era a festa. Uma festa terrível. Até para fazer festa, a gente carece de estar acostumado.

Joana Xaviel não terminava nunca de acabar aquelas estórias? O padre não esbarrava de rezar no quarto, não se adormecia? Hora de Leonísia e as outras irem para a cama, tomarem algum repouso, na rompida do dia tudo tornava a começar, aquele movimento de povo, povo. Gente dormindo por aí, homens e mulheres. Até onde é que aquele pessoal todo ia, fazer suas necessidades, só se via gente abundando pra debaixo dos arvoredos, na grota que tinha sido do riachinho. Ali havia plantas que ainda guardavam viço muito verde, de por águas corridas naquele cavo chão. Joana Xaviel decerto ficava para pernoitar na cozinha. O velho Camilo morava num canto, no quarto dos arreios. Mas, por esta vez, tinha demais outras pessoas, também dormindo lá. Joana Xaviel, no dar da meia-noite, não se trasmarcava? Mas não seria verdade que o Adelço aos os olhos bodejasse, querendo com ela. O Adelço só tomava calor com Leonísia... Mas, ele, Manuelzão, que não possuía mulher formosa no canto da cama, então não estava livre para assim-e-assado, alguém poderia debicar e reprovar? Seguro que ela não passava de uma chapadeira percebida feiosa; mas isso era negócio pessoal, desde que ele mesmo quisesse, para um variamentto, ninguém não tinha que confrontar, por ele não pôr os pon-

tos altos. E o velho Camilo? Triste de um, soez sujeitado, nesse sertão. Resumo que vivia, por esmola. E logo ali, nos desmandados lugares... Quase todo o mundo tinha medo do sertão; sem saberem nem o que o sertão é. Sertanejos sabidos sábios. Mas o povo dali era duro, por demais. Mais, então, as mulheres. A gente perguntava: — "Vocês não têm medo de onça?" Essas respondiam: — "A gente tem remorso delas não..." A que duas mulheres de campeiros estavam buscando lenha no cerrado, de tardinha, hora do escurecer, elas tinham levado os cachorros. Em certo repente, os cachorros delas deram de guerra, e a contravulto avançaram num outro cachorro, no semiscuro elas não podiam notar bem, só ouviram o refunfo, mas baixaram o porrete no outro cachorrão, o bicho era mais forte, os cachorrinhos de casa estavam perigando. Deram, de derrubar. Mataram. Daí, então, foram ver, era uma onça-vermelha: uma suassurandolombo-preto, das que são grandes... O couro da sússua estava ali, desespichado. Joana Xaviel também era assim. Gente esperta, remacheada, sem trava no cabo da mão. Mas ele, Manuelzão, podia com eles.

Agora, tinham acabado de contar as estórias, ido se deitar, não sobrava mais conversa na cozinha. Leonísia já devia de estar em cama, junto com o Adelço, só ele tinha o direito de olhar a formosura alegre de Leonísia. Mesmo de pensar, mesmo de reparar no rosto, no descanso de Leonísia. Deus de lei. Maus pensamentos. A Leonísia devia de ter permanecido sempre exata donzela formosa, não se casado com ninguém. Ele queria pegar logo no sono, para poder levantar cedo, não estar o dia inteiro da festa desdormido, com vencimento de cochilar. Mas não estava vigorando adormecer. Havia de ser o nervoso da influência, tanta gente em vago, tanta coisa. Festa remexia. Essas graças: ele podia ter feito tudo ali, o que fez, que gastou os den-

tes da boca — trabalho retesado, semeando bem o dinheiro de Frederico Freyre — e com aquilo não abria poder de chamar aquela arribação de gente, de uma vez, visitando. Agora, aprontou a capela, prometeu a festa, o povo vinha. Só a festa. Sua mãe, mesmo, não devia de ter imaginado assim, quando a idéia da capela ela disse forte. Semelhantemente, ele havia de mais progredir. Não estava com sonhice, não cuspiu para cima, não desautava. Mas ele sabia os seus e vossos. Deus desse saúde! Assim ele ia investindo, a todo seu poder, nos antebraços do tempo. Trabucava. Se a rasgo não se lida, todo santo dia, com vontade de abrir um adiante, então tudo desmerece, desanda, de pior, pior, pra trás, as coisas ganhas começam a escapular, vão não estando nas mãos da gente. Trabalhar, até alcançar a firmeza de uns assim, de quem o nome vale. O senhor do Vilamão. Trisavô, tataravô dele, tinham desbrenhado os territórios, seus homens de arcabuz sustentando de guerrear o bugre, luta má, nas beiras de campo — frechechêu e tiroteio. Mas, esses, podiam simples cantar:

*Montado no meu cavalo
eu abri este sertão...*

Agora, o senhor do Vilamão, velhinho, quase cego, nem tinha filhos, nem tinha parentes, mas todo o mundo o prezava. Não tomavam dele o que era posse em seu nome, e que estava mais garantido do que a lei. Mas, o pequenino, o pobre, sofre, sofria sempre. O preto Zé Grosso, canpeiro do Major Adagmo, do Atoleiro, costumava roubar alguma rês dos outros. Umas duas vezes, já consumira gado da Samarra, novinhos com o ferro dali. Se a gente reclamava, era questionado. Já tinha dito declaração: se o preto não tem responsabilidade de patrão,

que honre para as regras, então era ladrão atôa, safado, podia se pegar e fazer corda de justiça. Ou era na boca do revólver: — “Eu mato, mesmo. Visto isso, ele sabe, não me dê prejuízo...” Tudo coisas. Tinham espancado um veredeiro meio bobo, pra cá do Nhão. Tomaram os trens dele. Era preciso a gente possuir base do seu, com volume. Ter dinheiro, muita terra e gado, e braços de homens pagos, e dar-se ao respeito, administrar política. Sempre esse susto de se vir a cair outra vez na pobreza. Era como ferrão de carreiro, espicando aguilhada nas moles costas.

Uns, pobres de ser, somenos como o velho Camilo, esses nem tinham poder de nada, solidão nenhuma. Viviam, porque o ar é de graça, pois. Velho Camilo tinha vindo p'r'acolí, nem se sabia de donde. Pegara a viver com a Joana Xaviel, na mesma cafua. Como havia de ser a vida deles dois, lá, na casinha sem dono, na chapada? Como era que eles conversavam? Réles tinham nada de seus, nem trabalhavam. Um saía para uma banda, o outro por outra, pedindo coisas de comer pelo-amor-de-deus, tiquinho de mantimentos. Como é que duas criaturas assim se gostavam? Vê-se em mundo cada coisa!

Como o João Urúgem, caso assim até depunha, apoucava o espírito do arredor. O certo, de cristão, havia de ser terem ido pegar aquele, no cujo mato, no pé-de-serra, logo depois que se decidiu que ele mesmo de nada era que não tinha sido o furta-dor. Ir buscar o João Urúgem, dar banho nele, rapar os cabelos, cortar as unhas das mãos e dos pés, tratar direito, dar preceito... O lugar carecia de progressos. Os meninos do Adelço, os netinhos dele Manuelzão, iam crescer, criar ali. Mas, como filhos de fazendeiro, recolhendo as comodidades, tendo livro de estudo. Criaturas feito o João Urúgem, não podia mais haver, era até demoniamento. João Urúgem, no caminho do pé-de-serra — uma rua, uma grande estrada morta. Se as pessoas não fos-

sem lá levar, vez, vez, alguma peça velha de roupa, o homem se prazia nú, na bronca. Manuelzão só tinha espiado aquilo numas duas chegadas, campeando gado fujão. Roi bravo ganhava para aquelas brenhas, amontavam, ficavam comendo de folha de árvore no excesso do mato, só para não se dar pra vaqueiro ver. Consoante que o zebú, esse sabia até se erguer em pé, a mor de colher folhagem alta. O lugar era da mãe do demo. Manuelzão tinha avistado um corujão lá — espedaçando uma cobra com as bicadas — era uma jararaca-verde, venenosa, não se esquecia. Mesmo por isso aprovava que o João Urúgem viesse. Pois às vezes imaginava se, com afinco, se não tinha algum jeito de se aproveitar no útil aquele ser: ensinando o Urúgem a zelar, que nem um meio-posteiro — para informar notícias e tanger de volta para a Samarra qualquer rês que arribasse no pé-de-ser-ra? João Urúgem guardava raiva antiga de todo o povo dos lugares do Baixio, por conta do falso que contra ele tinham em outro tempo acusado; mas Manuelzão era de fora, estava fazendo a fazenda, o Urúgem achava que ele ia mudar tudo por lá, e castigar os outros. Sandice. Quem castiga nem é Deus, é os avessos.

Velho Camilo se sabe tinha morado mais de uns seis meses, na cafúia, com a Joana Xaviel. De lá pegara a vir, dias em dias, à Samarra, pedir um feijãozinho, um sal. Daí muito se disse que aquilo não resultava bem, os dois, não dava. Somente se vê: eles necessitando da caridade, e vivendo assim num bem-estar? Nem não eram casados. Tinham de se apartar, para a decência. Mais o velho Camilo e a Joana afirmavam, que no entre-ser não tinham as malícias. Pois então, melhor, aí é que não precisavam de estanciar juntos. A gente ou é angú ou é farinha. Se apartaram. O velho Camilo veio para a Samarra, teve de vir: se deu ordem. Por maldade, não, picardia nenhuma, que ele Manuelzão não

era carrancista. Mas, tinha lá alguma graça aquela estória de amor nessas gramas ressequidas, de um velhão no burro baixo com uma bruaca assunga-a-roupa? A de menos que ele, Manuelzão, como chefe, como dono, é que ia ter mãezice de tolerar os casos, coisa que a todos desapraz? Procedeu. Se penavam por conta disso, era a vida em seus restantes, não se carecia de ter escrúpulo — caducagem dum, vadiação de outra —, nem de se conceder, a tal. Agora, quando aparecia, a Joana socorria sempre um ensêjo de conversar com o velho Camilo, quando ninguém estava por próximo, de notar; porque ela era levada. O velho Camilo, retreito, vergonhoso. Não facilitava de caçar a outra, de xodó, parava olhando, adiado, pateta, esquecido de si. Seja, às vezes, nhenhém salivava e engulia, repetido, com os fechados beiços; ria sem formato.

Sobreestava a festa. Tudo virava outro, com o mundo de povo de fora, principal. Há-de, quem devia de vir, para exaltar a longe os festejos, era esse Uapa, com seus cavalos companheiros, vaqueiro maior do Urucúia e de todas as partes. Manuelzão tinha vontade de confirmar. Contavam que ele regia o dôido correr da boiada mais aos azúis, igual só se estivesse brincando de prenda em salas. Vai ver, nem era. Não havia de ser mais atirado, no vaquejo, do que o Casimiro Boca-de-Fôgo, o Zazo Minas-Novense, o Higino, o Hilário do Riacho do Boi, João Xem, João Vaca, Terto Tertuliano, o José-José do Ipipe. E, afora o primeiro, já dado em alma, os outros todos estavam vivos ali, festantes. Mesmo ele mesmo, Manuelzão, ainda podia ensinar as várias aos mais moços: o tanto ser, os tamanhos de Minas Gerais! Seriam pra conhecer o que era um indivíduo boiadeiro-ga-deiro, teso feito um jequitibá-legal. Por festa. Festa devia de ser assim: o risonho termo e começo de tudo, a gente desmanchando tudo, até o feito com seu suor do trabalho de sempre;

e sem precisar, depois, de tornar a refazer. Que nem com as estórias contadas. Chegava na hora, a estória alumia e se acabava. Saía por fim fundo, deixava um buraco. Ah, então, a estória ficava pronta, rastro como o de se ouvir uma missa cantada. Ou era: assim, às vezes, a gente acordava, no meio da noite, perdido o sono, parecia estar escutando outra vez o riachinho, cantar em grotta abaixo, de checheio. Não era. Mas era mais do que quando a gente se lembrava da mãe; porque, para se lembrar do riachinho, não era preciso ocasião, nem motivos, nem conversa. E porque a gente não se esquecia — d'ele sendo como sempre. Na hora, era. Mesmo, essas estórias: briga e festa é por mor de se aceitar o avanço das tristezas. Ele, Manuelzão, gostava das estórias, mas não naquela noite, não estavam no próprio de ser. Tempo de festa, era só para a festa, não p'ra o comum, cabeça da gente não dá pra tantas coisas. Não dava para o amor. Por certo ainda podia se casar, tinha forças e parecer para isso? Soubesse de achar uma moça da igualha de formosura, da simpatia de Leonísia, sim, casava. Mas — doideiras! — idades passadas, emperro, falta de costume — já estava desconsentido para casamento. E... *era uma vez uma vaca Vitória: caiu no buraco — e começa outra estória... e era uma vez uma vaca Tereza: saiu do buraco — e a estória era a mesma...* Um amor está no descampadal do ar, no itê das frutas, no duro do chão onde minha boiada pasta. O de-vir, que não se sabe. Queria saber de mim? Errou a vida? Ia seguir trabalho de ser, adiante viver para os netinhos, esses cresciam tendo mais, conhecendo. O meu, em meus melhores! Mesmo achava, devia gostar do Adelço; mas ainda não conseguia reunido, na prática. Tencionou; pelejava. O Adelço teria ódio a ele? Tudo se passava desgovernado, ficar rico era o que era o seguro. Rico, para não precisar de se ter medo de que todo o pouco que fosse da gente não estivesse sempre salteado

— a casa, a mulher, a vaquinha de leite, as galinhas, a espingarda, o cavalo, o cachorro. Cada vez a gente tem mais medo. A coragem era só para se avançar mais longe, ir fundar lugar noutra parte. Só isso, ah, sempre. Tivesse de tornar a fazer a Samarra, não, ali o caminho se estreitava para ele. Mas, em outro lugar, desdemente. Soendo que, chegava uma hora, tudo se queria, mas quase tudo, por metades, da gente se afastava. Não é que até a festa? Ou ele tinha inventado a função dessa antes do tempo, demais? Havia de compor outras, maiores festas, ali na Samarra. Ou em lugares. Aumentação. Ir, por caminhos de caatinga e de Gerais, semideiros, cortar matos, queimar campos, levar gado de cristão, dizer seu nome. Pra que? Só estamos repisando o que foi do bugre. Quem picou as primeiras terras? Além, além, de aviso, sempre jogando de mão, mas sobrerrestado — senhor seu sem valadio... Um desânimo? Sério não sendo: mais só estados passageiros, dúvida de saúde. Pôr freio em si mesmo. Onde era que o riachinho estava, agora? A gente queria o ser do riachinho, para água, de verdade; e ele se fora. Desconfiava da morte. Mas ia sair com a boiada. A festa ia se acabar, ele ia ir com a boiada — sentia que para morrer, no caminho, no meio. Desmaginava.

Agora, não se podia nem dormir, o dia-de amanhã já estava querendo se trançar desde já, tomando conta de como havia de ser, na cabeça da gente. Onde estaria dormindo o João Urúgem? Esse não entrava debaixo de casas. Assumia no pé-de-serra, surgia e vinha ver festa. O mundo achava natural o João Urúgem assim. Cada um podia viver como queria, fazer o que haja, com o tempo tudo era igual, todo o mundo se acostumava. Trabalhar ou não, a gente nasce para o que faz. Cada um é um. Tudo se podia. No pé-de-serra: que tinha enormes sapos quadrados, cheirando a enxofre forte — uns sapos que piam como pintos.

A ver, o jacaré, jababão, sem sonos espichado na lagôa — lagôa tão terrível feito essas, de beira-rio, onde piranha morde até os pés dos marrecos, das aves. Mesmo os célebres que o João Urúgem aprendia a conhecer, dos matos, dos bichos, ele sabia era de um modo diferente do que as outras pessoas. Ele Manuelzão não pagava tempo para manifestar uma estoriada. João Urúgem conversava com os entes do mato do pé-de-sera — se dizia. Não possível. Esses, bichos e pássaros, do desmentido. Mas se sabe que cada pássaro fala, diz uma coisa, no canto que é seu, e ninguém não entende. Um passarinho, que há, de vereda, aquele que é pardo pedresado, e com umas pintas, e é do tamanho de uma juriti, mesmo um pouco menor, mas de bico comprido — por exemplo; fica em beira de poço, beira de vereda, não canta de dia, nem de dia ninguém não vê: ele canta de boca-da-noite até à meia-noite, os veredeiros gostam dele lá, porque canta esprivitado: — *“Água só!... Água só!...”* Bonito ele não é. Mas, nas águas, quando está vesprando chuva, ele canta muito, e viaja pra fora, vem até no duro do Gerais, nas chapadas. E os geralistas não gostam, porque dizem que ele canta é: — *“Reza, povo! Reza povo!...”* E então, também tem vez, mas muito em raro, que esse pássaro dá de aparecer mesmo até cá no Baixio, e a gente ouve que ele não fala nada, de juízo, ou então perdeu o significado, o que ele diz é assim: — *“E tiriritiri-chó-chó-chó, cháó-chó, cháó-chó!...”* A ver: ô mui-do, esta vida, quando descansa de ser ruim, é até engraçada. A festa? Sua era, dele, Manuelzão. Mas, de agora, por tudo, ele não queria mais mandar no governo dela, sua razão. A lá era ele mordomo de festa?! Nenhum algum. Ora, mais, queria era apreciar aquilo, agora solto livre assim no meio, um, que nem não fosse o dono... O sono vinha dizendo. Uma ave-mariazinha por sua mãe, para a Santa do Socorro. Galo que até

aqui não cantou, não conte mais com meu ouvido. Ô vida, bem dormida... De vagar.

Acima, até ao de manhã; não, o de-madrugadinha, ou em antes. O povo, um povoão supra, enchia o pátio. Paravam em frente da Casa, calados, os vultos, retardando no dia clarear. Até os cachorros não latiam. Só era como se aquela multidão de gente já estivesse na porta de uma igreja.

Manuelzão acordara com a primeira grita do papagaio, que avocava as vacas: — *“Tou! tou! tou! tou!... Eh, boi!...”* — altíssimo, no diapasão dos vaqueiros — se alargando para conseguir mais forte, reteso, asas todabertas, no quase que quase. Por aí, cada aurora, ele bramava, depois descia de sua alcândora, pisava no chão, pegava a caminhar. A pressa dele, de andar o pátio, e parte do eirado, esguelhando uma reta — xingando os meninos, arrenegando para os cachorros, sem temer — umas sessenta braças, até ao curral coberto, onde se costeava. Papagaio de muitas energias. Grimpava para uma das travessas, se assumia lá em riba; o que ouvia, piscava. Todo momento da manhã, quando passavam os papagaios bravos, voando certo e poetando, o Cravo mirava, exclamava também, perguntas em respostas, mas não estudava vontade de se fugir na companhia. Nem não tivesse a asa aparada, queria não. Era manso, de salas. Manuelzão chupou os três goles dum café, principiou o pito, abençoou Leonísia e Adelço na cozinha, e saíu para o povo. O inchado do pé estava doendo melhor.

As barras do dia quebrando, em cima da Serra dos Gerais, o roxoal da sobrealva abrida, os passarinhos instruindo, vinha por tudo o bafo de um dia que ia ser bonito. Que-queriam os periquitos. As fôgo-apagou, se dizendo alto, e os pássaros-pretos, palhaços, na brincação. Bandos de juritis, tantas, tão junto de casa. Nem eram só juritis, eram pombas-verdadeiras. E cheirava a muito boi.

Vaqueiros tiravam um leite, de quinhoar com todos, as crianças, leite de graça. O sol na serra, a luz da manhã clareando por entre as pernas das pessoas, ao simples de contentes, no frio bom. Manuelzão se acontecia, repondo o posto, andava no meio, saudava, salvava, respondia, abraçava, dando muita conta de sua cortesia. A festa ia começar. O padre estrangeiro sabia se rir a siso, com mocidade, cavalo dele se chamava *Sansão*. Seo Vevelho já amanhecia de sanfona a tiracol. O mulherio rezava. — “P’ra mais para a frente as crianças fêmeas que estão de branco!” O senhor do Vilamão tremia as mãos farinhosamente, mas estipulava um rosário preto de bagos grandes. Até a sustância da Samarra cheirava bem de si, era um gosto aquele ar se exalar completo — terra pastada, estrume já calcado, desorvalho, os capins, frutos de flôr. Mulheres diziam quando tudo estava pronto. Toada de todos, rumo da capela, subindo a encosta; já havia gente adiante. De desanimar de contar, o mundo desses, caminhando. Suspendia cós, aos peitos, essa fé de movimento, essa valentia de religião. Então, era a festa. O borbórinho, povo, meu povo.

O pessoal para o morro, para a missa, ao fim de lá da rechã — alteada naquela belavista, redobrável, o belorizonte. Tantos sendo: os vaqueiros, as famílias; barranqueiros, vazanteiros, vere-deiros, geralistas, chapadeiros, total das mulheres e crianças; moços e moças; ramo de gente da outra banda do Rio; catru-manos de longe. Os amigos dos vaqueiros, os parentes. Os do mundo. Iam como para uma tomação. Aonde a Capelinha, no lugar que a mãe soube que era próprio, mas que ele Manuelzão aperfeiçoara, roçando, construindo, pondo pronto, o chão lido de limpo.

A Capelinha estava só de Deus: fazendo parte da manhã, lambuzada de sol, contra o azul, mel em branca, parecia saída de

um gear. Dentro, eram servidas de caber, de joelhos no batido, as pessoas primeiras — o padre, o sancristãozinho, Leonísia e o Adelço, o senhor do Vilamão e outros respeitáveis; e a menina mais velha de Leonísia e Adelço, que segurava na fita. Manuelzão no princípio aceitou a honra de entrar, à frente de todos, admirado por tantos olhos, pompa de ir direito ao altar, beijar a Santa, dito um padre-nosso. Mas daí tornava a sair, a capelinha era tão pequena, o aperto dava aflição, ele receava faltas-de-ar. O povoame enchia a chã, sem confusão nenhuma. Mesmo aqueles com os revólveres na cintura, armas, facas. Ao que Manuelzão, cá bem atrás, ficou, no côice. Gostava todos aprovassem essa sua simplicidade sem bazófia, e vissem que ele fiscalizava. Ajoelhou na hortalã-do-campo. Queria rezar. Mas o coração crescia. Perto, estava um gado, um touro e as vacas, que pastavam. O que era de Deus, não se enxotava, por ser. O sol esquentava, aos tantos; o touro, que coçava a testa e o pescoço num mourão do cemitério, ia-se afastando. Passavam os periquitos, o oscilo de gritos, emplanados. Joãozim o vendeiro, do porto do rio de-Janeiro, mandara armar o cômodo de uma lata-da, com prateleiras, vasilhas, bebidas, comidas, cigarros, frutas — de tudo ia vender, até espelinhos, até vidros de cheiro. Trouxera um carro-de-bois cheio de coisas, em duas viagens. Num cercado, tinha as novilhas, as porcas, um bode e as cabras, para o leilão. Leilão abastado, sortido, com muitas prendas. Os preparos e doces, garrafas de pimenta, enfeitadas com papel-de-seda, garrafas de conhaque e cachaça. Cada lance se prometia com instâncias, afrontando. O lucro havia de dar para se comprar um sino, sinozinho, para os ares. Muita gente, de ver, forte rezava. Quando era pelos grandes momentos, o menino do padre tangia a campainha, três em três vezes, o povo batia nos peitos. Tudo igual em igreja mestra. Era um silêncio espa-

lhável. A gente ouvia as sariemas, no espinhaço da serra, retinir seu canto emendado. Ouvia o barulho das vacas arrancando o capim e dando bufo curto. Saía da gente toda ali uma vontade de respeito, um suor de paz, de roupa nova e dia diferente, uma aragem de virtude. O povo — estavam como as árvores do cerrado, respingados de sol. Cada um longe de si. A porta da capelinha carecia de ser pintada de verde. No caso que a Santa do altar não demonstrasse mercês para milagrosa — então, mais para diante, se podia trocar por outra, mais cara: mas que fosse das maiores, uma Santa com os cabelos pintados e os olhos azuis, e vestida, os trajes com beira de ouro, as jóias de pulseira, colar, moçambiques e arrecadas. A gente punha os olhos para mais longe: a Vereda do Calabá — o buritizal provinha das neblinas do fundo, mas as pontas das palmeiras se amarelavam. Um cavalo solto dava um rincho comprido, da banda da Cambaúba. Até o João Urúgem estava ajoelhado, ou não se sabe se meio deitado, só que longe de todos. Assim era como nos Santos Evangelhos. Era um serenado sozinho, uma limpa de idéia, um conselho sem palavras que se recebia, tudo abençoava. Por em volta, de uma banda ou de outra, ainda se subia poeira de cavaleiro atrasado chegando. Inda tinha marchas de gente a pé, roceirama. Primeira missa ali; e este lugar da Samarra havia de crescer os cornos. Ah, feito o arraialzinho do Arzão, onde se possuía uma igreja de pedra.

Dando de repente, a missa já tinha se terminado, todos levantavam, nessa mistura, função do povo — era a festa. O padre tinha pronunciado o casamento de três casais, deu-se um afino nas violas. O leilão principiava. O leilão ia bem. Uma festa é para se gastar dinheiro, sem fazer conta. Os violeiros deusdavam. Seo Velelho, mais os filhos. A sanfona. Chico Brãabóz, preto cores pretas, mas com feições. Ô homem da pólvora quente! Se

chegava, animante, simples social, o mundo inteiro pregado na ponta de seu nariz. Até todo apelido ele aceitava: Chico dos Alvores, Chico da Sorte, Chico Seja, Chico Praz — e o que por aí se quisesse. Vinha vindo já todo inventado, saramicujo, fazendo muita serenância. As lábias lérias. Já estava meio chumbado, bebeu mais do que o copo manda. Chico Brãabóz tocava rabeca, sua rabeca sarafina escura, como de um preto zinco, de folhão: — “Isto é coisa de daí de riba...” Se divertiam às ásperas. Gente essa do sertão, como sabiam gastar dinheiro atôa, direito, dinheiro ganho duro, a poder de si, seus aforros. Ninguém ali não amouxava. Manuelzão também não era ridico. Tinha dado ordem de um almoço, depois, em quantidades. Somente galinha e carne, e arroz; outros manjares faltavam. Mas em enorme fatura. Hoje não era a festa — sinagoga de pagode, conforme o razoável? Carecia que todos festassem, com cantos e dansas, no geme ema, e comessem e bebessem, em seguir! Capaz que se riscar a viola a noite inteira. E agora o leilão lavorava. Arrematavam, escarapelados — sabendo ser festa. A leitôinha rui-va, pêga de pendura pelas orêlhas, deu cento-e-cinquenta. A outrazinha, leitôa piáu, amarrada por um pé de trás, estava mordida dos cachorros. Peste! O caim dos cachorros, que se entremetem, sempre maltratados. E aí alguém tinha arrematado uma garrafa de moça-branca, para ele, Manuelzão. Tinha de recom-pensar. Fazer como vira uma vez o seo Sejasmim, do Andrequicé, homem soberano se servindo. E entrou no lanço. Outro, por graça, licitava: — “Mais quinhentos-réis, p’ra ser pra o Manuelzão!” — e estavam leiloando à hora era um frango-d’água... Leiloeiro era o Joãozim da Venda, segurava e mostrava ao povo o estafermo de bicho de asa — o frango-d’água azul e verde, bico de tantas cores, os pés enormes esparramados. Era até bonito. Mas ninguém não queria; fazer o

que com aquilo? Só em louvor da Santa. — “Mais cinco, para ser pra o Nhão das Três-Veredas!...” — gritou, até viu que tinha gritado demais. Não queria — com força. E outra pessoa relicitava: — “Tanto, pra não ser!...” Sotaque das violas des-percebia de se ouvir o mais, e muito era o povo aglomerado. Deu sobrelanço. Mas, enfim, já tinham judicado, no dou-lhe-três. Para outro. P’ra quem? Ah, pra o velho Camilo tendo de receber o frango-d’água, e existindo com o bicho carregando, por ali... Mas o velho Camilo recebia em mãos o pobre pássaro, sem se quebrar o respeito, com senso de um dever. Riam, sem poder com ele. — “Tu vai criar, Camilão? Faz uma canja...” — “Dá pra o Urúgem, que devora! Esse Urúgem comeu o cachorrinho de um vaqueiro... Pode ser até que come gente...” Velho Camilo pigarreava. — “Dou para a Santa. É dúvida?” — ele dizia, sobre rebaixado. Tinha seus ares. A gente se alembando — o pau-d’alho: que em certas árvores dessas, na idade, a madeira de dentro toda desaparece, resta só a casca com os galhos e folhas, revestindo um oco, mas vivos verdes! Mas, por que era que a gente havia de tanto reparar, tanto notar, no velho Camilo? — “Maruelzão, sua festa está supimpa! Está de encher os meios...” — Qual, seo Filipinho d’Anta... Roscofe... Mas folgo que o senhor me declare...

Só de se ver, no realegre, o Pruxe, o maior violeiro, com seu sobrinho Maçarico, o maior dansador. Desabusavam. Um abriu:

*“É deveras, companheiro,
vem cantar aqui mais eu!”*

Todos, em grito, forçavam o cantador a mais:

“— Olerê, canta!...”

Diabo cantava:

*“Sucedido o ano inteiro:
dinheiro não era meu...”*

Os homens dansavam. O Pruxe formava o lundú, feita grande roda. O Maçarico, José de Cima, Zé Arioplêro, Xandrim, o Ciço, o Lói, sem a baeta vermelha, João Polvilho, o filho dele Aquiles, todos da outra beira do rio. O lundú era de lá. E outros, não conhecidos, que vinham chegando. Os tocadores tomavam grupo, perto. Seo Velho, seus filhos, uma porção de mais outros, o Caolho da Vereda do Jém-Jão, o primo do Compadre Terto. As violas nos toques, retintavam. O Pruxe, instrumento no peito, relou o dedo, entrou de então numa arromba. Chico Brãabóz dansava e tocava a rabeca, e a todos falava. Mas estreito, por detrás, o Pruxe, era o mestre, regia:

*“É deveras, minha gente,
quem souber pode dansar!
— Olerê, canta!*

*Ao meu Rio-de-São-Francisco,
capitão deste lugar!...”*

O Maçarico era rapaz de uns quinze anos, mirrado, caxexo, magro, com cara de gafanhoto, a pele seca nos ossos, os olhos fundos. Ele era todo duro, de pau, mas sabia se espiritar no corpo como ninguém, no fervo da dansa. Se destravava do espaço do ar, até batia os queixos, fungava de estúrdio gosto, nem via, nem falava. Esse nem fazia outra coisa. Só dansar. Não se ria, nenhuma beira, não barateava um passo. Parecia pago de ofício. Devia de doer. — “Olerê, canta!” Ele dansava as seriedades:

*"Se mandar chorar eu canto,
se mandar cantar eu choro,
se mandar m'embora eu fico,
se mandar ficar vou-m'embora.*

*Se não mandar nada, eu esteja
no bojo desta viola!
Saio de fora pra dentro,
entro de dentro pra fora."*

Manuelzão não sabia, nunca em sua vida tinha dansado. Também, aquela era custosa, dansa de poucos. Um, de cada um, sua vez, pulava no meio da roda, e pega rapapeava, trançava as pernas, num desatino de contravoltas, recortando os lances. Cada qual diferente, cada um por seu modo, próprio desenho, seguindo a rapidez. Nem se sabe como podia. Em redor, os outros batiam palmas:

*"Eu subi p'lo céu arriba
numa linha de pescar:
preguntar Nossa Senhora
se é pecado namorar!..."*

— Olerê, canta!

*"O Rio de São Francisco
faz questão de me matar:
pra cima corre ligeiro,
pra baixo bem devagar..."*

— Olerê, canta!

Só eram as violas com o silassol, a sanfona fem-fem, os bandolins, a rabeca do Chico Brãabóz. A música não esbarrava de tocar de carreira, o do meio se escorria, maneiro de juntas, leviano, dansava de agachado, de ajoelhado, de todo jeito, sempre mais. O Pruxe e o Chico Brãabóz governavam. No fim do seu, o dansador assinava o derradeiro passo e já tinha escolhido um dos da roda, pulava por esse, invocando, intimando-o a vir tomar seu lugar. Dava o sinal: *atirava*. Cada qual tinha seu sinal. O Maçarico atirava: se ajoelhava, de surpresa, repulava feito, sobre em seguida, batendo mão na coxa do outro. A música não relaxava na galopeira. O Ciço atirava invocando era com palmada em ombro. O Xandrim estalava os dedos. O Lói, fazia que ia riscar o chão com a mão. As violas fuzuavam. Esse Maçarico perturbava os olhos da gente, sério zurêta, pé de pé, estique se debulhava, leve, um pau-de-imbaré sangrado do leite. Dansava feito urubú-tinga, e como garrixa faz, dansava a dansa do rabo da onça. A rabeca do Chico ringia relinchos. A sanfona tomava conta. Os de fora da roda cantavam também. Historiavam:

*"Travessei o São Francisco
numa canôa furada:
arriscando a minha vida,
sempre assim não vale nada..."*

— Olerê, canta!

*"Travessei o São Francisco
numa casca de cebôla:
arriscando a minha vida,
sendo assim, que coisa atôa!"*

— Olerê, canta!

*"Travessei o São Francisco
montado numa cabaça:
arriscando a minha vida
por um gole de cachaça..."*

— Olerê, canta!

*"Travessei o São Francisco
pés pra cima, mãos pra baixo..."*

.....

O pessoal da outra banda. Os moços vinham de lá, buscar serviço de ganho, nas terras deles era um atraso, feio vazio, a pobreza. Depois, pegavam a ter saudade. Mas vinham, atravessavam, quase todos. Da outra banda, desde a Pedra Lavrada, o Braço Grande, o Ribeirão do Gado, o Nazaré, o Extrema, o Boqueirão, o Água-Suja, os córregos todos.

*"Eu nasci no Capim Branco,
na vertente do Formoso..."*

No Formoso, entre o Chapadão-dos-Gerais e a Serra do Morro Vermelho. Os que ficavam eram os pais-de-família com suas famílias, e os velhos. Manuelzão conhecia aquilo. Consoante o remexer da vida, o caminho do mundo, sem igualação, sem sossego.

*"Casar sério lá é triste,
namorar só é que é gostoso..."*

Isso era isso. Tinha moças à vontade, para casamento e pra namoro. Aqui, nesta banda de Baixio, eram muitos a uma: — "As bonitas? O povo vive tudo às gatas, por elas, p'ra tomar..." Namoração. Mas, outros, com coragem, bobeavam e se casavam, desatravessavam então, toda a vida, indo por mais longe, duras distâncias, procurando terras boas, matas para roçar e plantar, subiam até para trás do Urucúia exato.

*"Cascavel tem me mordido,
mas a dentada não dói..."*

— Olerê, canta!

A festa, no começo, cansava um pouco. Embaraçava. O povo trançando, feito gado em pastos novos. O padre, fazia tempo que tinha descido, para tomar café. O senhor do Vilamão, também, levaram, muito não aguentava. O senhor do Vilamão costumava guardar na algibeira certa quantidade de doces ou quitandas, mesmo uma vasilha com torresmos na farinha um criado carregava, ao alcance da mão dele; qual estava revertido a roer sem esbarrar alguma coisazinha, lambareiro com o paladar aflito da velhice; mas, aquilo, podendo, ele disfarçava. Festa. Para se distrair assim, de verdade, só mesmo quem soubesse — um dansador, tocador, cantador — competente. Até lá dum lado, os vaqueiros quase todos também não atinavam justo. Ficavam se apartando, brincando de caçar ou de pular uns por cima dos outros, espírito de meninos. Alegria, sim. Todos deviam de tomar divertimento. Os cachorros, instantaneamente, corriam para a alegria. O sol quente, a hora do almoço. O preceito dele, Manuelzão, era estar perto das personagens: homem fidalgueiro, consegue honras e dinheiro... O Nhão, Joaquim Leal,

seo Filipinho d'Anta. Devia de voltar para casa, assistir o padre, ou permanecer com o povo, ali gerindo? Não sabendo, se chegou, com uns, para a barraquinha do Joãozim da Venda. Queria beber uma januária. O Joãozim ofereceu cerveja, era por sua honra. Tudo não estava animado? Um jubileu, um forte de feira! De tudo, sem maior pudor, cantavam:

*"Minha mãe era a raposa,
meu pai o caxinguelê:
minha mãe morreu de fome,
meu pai de tanto comer..."*

— Olerê, canta!

*"Sipituba foi meu pai,
Solavanco meu avô:
eu sou eleitor de voto,
entendido de doutor!"*

Olerê canta! A festa era o a-esmo, um acontecido de muitos, os espaços, uma coisa que não se podia pegar. Assim correndo bem. — "Seo Leovigildo, compadre Cupertino: estão gostando?" — "Demais." — "Vamos abeirar, beber qualquer braba?" — "Já se bebeu, Manuelzão, Deus lhe saiba..." Todo o mundo se associava ali, estavam gostando, pelo esperado. Mas, para Manuelzão, a festa como que se desmanchava desde as cabeceiras, alguma coisa, muito miúda, devia de estar faltando. — "Seo Manuelzão, quem hoje está no Céu eu sei quem é: senhora sua mãe, que haverá de estar contente..." — "Deus dá, Deus deu, amigo Osés..." Solta, a festa não era entendida dele Manuelzão, não correspondia às alças. Muito mais seria de Leonísia, das ou-

tras mulheres. Do padre? Seria de seo Vavelho, trazedor do saco de alegrias. Mesmo os dansadores de lundú eram os prestes, afalados naquilo desde meninos, de onde.

*"Fui lá
no Indaiá,
pra comprar, ah,
roupa nova, suspensório, enxoval..."*

*E vi moça
em janela
a chamar, ah:
— Ôi, vem cá, p'ra nós, já, se casar!*

*Tem gente
diferente
da gente,
ái,
tem gente, no Indaiá, tem gente..."*

O Promitivo mirava, da dança não arredava os olhos. Queria aprender? Ele, aprendia. Tinha os sinais, tinha a lâ. Vadio. Mas não era de uma vadiice que apendoavam as simpatias? A idéia que veio: e se levasse, por companhia só, aquele Promitivo, com a boiada, que ia ir? Alegre para alegrar, mesmo pouco ajudando. A boiada, que ia sair — daí a uns três dias. Danadas estradas. Somente por notar a pouca-vontade do Adelço, era que tinha decidido: — "Nada, não. Desta boiada eu cuido, eu mesmo!" Isto o ar de um dizer, estas coisas. Mas, o Adelço, fosse outro, não podia retemperar? Que ao menos encarecesse, com sinceras palavras: — "Meu pai, o senhor dá as ordens. Mas o meu gos-

to era eu passar esse boiadeiro — o senhor ficava em casa, por um merecido repouso...” Não. Água disso, que não foi. Será que a vida da gente assenta bem com festa? Aquele rapazinho o Maçarico cumpria um caráter no dansar, uma sina. O que cantassem, ele nos pés transformava:

*“Se a baiana foi-s’embora,
a baiana chorou choro!
A baiana chorou choro...
A baiana chorou choro.”*

— *Olerê, canta!*

Devia de ter comprado mais umas dúzias de foguetes, bombardos. Os que dansavam, cantavam e tocavam instrumentos, levantavam no ar a animação. Sempre era preciso. Há-de a vós! Não vinha o velho Camilo, trazendo uma lata d’água, para as mulheres? Naquela branca roda, estava a Joana Xaviel. — “Qu’ê do frango-d’água, seo Camilo?” — O frango d’água? Senhor Manuelzão, o frango-d’água eu soltei para os matos, de volta. É dúvida?” Levava-o até à descida de uma grotta, o pássaro não tinha podido correr, quando de repente solto. Meio voou, tornou a pousar, daí garrou vôo novo, se escondeu em baixo de arvoredos, em caminho para fileira de buritizal.

O velho Camilo depunha a lata d’água e o caneco, para as mulheres. Para a Joana Xaviel — com olhas e queres. De avistar um noivo, de braço com sua noiva, nas alvuras — dos que tinham acabado de se casar — o Promitivo perguntava: — “Seo Camilo, o senhor também não se casa?” — “Já passei do rumo...”

Assim respondia. Ao que podia ter respondido torto, repondo. Não o fazia, nunca; falava amansando as palavras. Mas ti-

nha o queixo longe do umbigo. Até onde um podia se lembrar, o velho Camilo parava não bem uma parecnça, mas o avultado de maneira, que tirava com o de seu pai, dele Manuelzão, recordado de longo muito, porque era ainda menino quando aquele tinha morrido. Como era que tanta composição de respeito aguentava resistir em miséria tanta, num triste desvalido? De sombra, se vislumbra que a Joana, sua parte, dele velho Camilo não fazia pouco-caso. Olhos que olhava, parecia que parecia. Às dãs! Remedavam namoro? Acontecia isso? Ah, mas desse jeito, assim, então até ele, Manuelzão. Ou se havia de ver: o senhor do Vilamão para si catasse, do meio daquelas mocinhas bonitinhas, ali, donzelas sensatas... Alguém imaginava? Impossíveis. Quem não tem dente, não toca berrante. Sucinto da vida dá o cumprimento, não dá largura. — “Dansar o lundú, Manuelzão?” — o Lói perguntava. — “Quem me diga! Mocidade de vosnecês. Pra aprender, já passei do rumo...” Sucedião outros capítulos:

*“Sererê, sererê, sererê!
Te esconder e te encontrar...
Sererá, sererá, sererê!
Te encontrar sem te esconder...”*

— *Olerê, canta!*

Aí a hora de se almoçar. A festa se movia por muitas partes, a todos obrigava. Assim era: as mulheres, os homens, essas rodas de conversa, as moças e os rapazes que punham olhares, os meninos que não brincavam, os pares de noivos que passeavam, encolhidos de gala, os dansarinos de lundú com a viola harpejada, o pessoal lambiscando e bebendo na latada do Joãozim, o

sol do céu, a capelinha terminada, o Chico Brãabóz, rabequista, o Maçarico; e a Samarra — e ele, Manuelzão. A moinha de música bambêia qualquer coisa na gente, é um rompido sem razão, com o pouco em pouco. Mas apontavam dois cavaleiros, em feito galope, no desafasta. Tivessem novidade para expor.

— Com' passou, Manuelzão... A festa ainda peguemos!

Sendo que os dois eram João Orminiano e o Queixo-de-Boi, que aprovavam, sobrechegados. João Orminiano e o Queixo-de-Boi, vaqueiros de Frederico Freyre em sua Fazenda Santa-Lua, no Rio das Velhas, de donde. Traziam recados. O Queixo-de-Boi buliu na algibeira, tirou um envelope — carta de Frederico Freyre, sobrescritada. Mas uma carta de setenta vezes se ler! Nessas mal traçadas linhas, Frederico Freyre participava condições que não podia vir para a festa da missa; mas tudo com singulares, correcto afeto, até desculpa ele pedia. Dava gosto. Uma carta missiva, para alto se soletrar, todos ouvissem — Leonísia, o Adelço, os vaqueiros, os convidados, os vizinhos de todas as veredas, o mundo. Agora e em já, ele endireitava para casa. — “Vai no meu matungo, Manuelzão. Me deixa me satisfazer um golinho desta sua festa...” — servia o Queixo-de-Boi. Manuelzão logo montava no formoso estreleiro cascalvo, bom de bralha, enquanto João Orminiano, que também queria ficar, menos sabia o que arrumar com o cavalo seu. — “Meu filho, acode aqui, adjutóra...” — Manuelzão chamava o Promitivo. O Promitivo subia no baio claro de João Orminiano. Procuraram nas esporas, assim emparelhados, no seguir. E — *retentém, tintim, retentém, tintim: retinim, témtém...* — até bôa distância, por-seguindo Manuelzão, vinha o vibro das violas, era seo Velho se abrindo e fechando na sanfona de muitos baixos, o Chico Brãabóz como se faz: que raspa que o refe na rabeça. O Promitivo se virava na sela, para ainda espiar. — “Então, está apre-

ciando que tais?” — “Ah, seo Manuelzão, eu acho que devia de ser é uma festa só, os dias todos...” Ladeira descida, iam outras pessoas, para a Casa, procura de almoçar. Mais outras, que voltavam. Era esse recruzar de dia-de-festa, imponente era. — “Sei dizer, um para estar aqui era um, muito conhecido, por nome o Uapa, vaqueiro no Alto Sertão. Que se diz — vaqueiro fiel no real, que vive em mágica com os bois e seus mestres cavalos... Ah, esse Urucúia tem muito gado...” — Manuelzão ponderava. O Promitivo assentia; em tudo ele achava as nobrezas da vadiação. E, de repente, Manuelzão tranqueou o cavalo: — “Meu filho, você já é crismado?” — ele perguntou. — “Pois, seo Manuelzão, não é que eu mesmo nem não sei?”

Aqueles verdes galhos, que os carreiros dos carros-de-boi esparramavam na encosta, semelhavam coisa de floresta. E os meninos. Meio mundo dos meninos, no eirado, correndo por entre altas bostas de vacas, sabugos de milho e sujas palhas que o vento leva e traz. Os grandes cochos, entortados, ásperos, guardando as curvas dos troncos das árvores que foram. Ao enquanto, livres, os bois bovejam, os porcos crogem, sotretam os cavalos, as galinhas fuxicam, os cachorros redormem, e as dúzias de angolas se apavoinham selváticas, com seus catafractos. Os meninos dos vaqueiros, nos quais, por via do sol quente, as mães impunham os velhos chapéus-de-couro dos maridos, atados firme e estreito nos barboqueixos, do modo que não podiam ser tirados. Uns meninos pequenos, de dez anos para menos, e que, debaixo daqueles chapéus grandes demasiados, brincavam — passeavam um bobo baile de cogumelos. Eles pediam a benção. E Manuelzão abençoava, gostava de procurar que com eles estivesse algum de seus netinhos. Mas a distância do eirado e pátio era a que uma mosca verde-azul do sertão leva metade de um dia para pervoar, com seus pairados e estalos de vai-c-vem.

Desamontaram. Se surgia para a sala, sendo a hora. Se aban-
cavam. Sumo sussurro, do padre, em oração, obsequiando a
Deus a bondade de comer.

A fartura do almoço se movimentava — era para um con-
tento demorado. O senhor do Vilamão, seus companhei-
ros, o Padre, o menino do Padre que sacristava, o Nhão, Joa-
quim Leal, seo Filipinho d'Anta, o preto Nicanor dono de um
grande retiro, os demais. Manuelzão acertava de falar a uns e
outros, com competência de civilidades. A todos que entravam
ou passavam, na barafunda, ele oferecia seu lugar, obrava com
insistência. Não consentiam: ele, dono, convidador da festa, de-
via pessoa de se permanecer ali, na gerência. Deus abençoasse
aquela mēsa de tábuas de canela-póca e aquela bôa casa, onde
nunca dessobrassem de faltar a caridade e os mantimentos. Para
seo Velho mais os filhos, que repontavam com retardo, sua-
dos, vermelhos, sempre com seus instrumentos sobraçais, se
achou assim mesmo jeito de caberem, os já sentados um pouco
se apertando. A comida era sustimada, gostosa. Todos puxa-
vam o eito, bem, com os apetites. Também se bebia. As cervejas
— a outra e a preta — e o bom vinho de buriti, rososo, o qual
feito em princípios de setembro, quando o coqueiro lateja mais
encorpado de caldos e o fermento tange mor virtude. Masti-
gavam e tomavam, nas alegrias. Até o senhor do Vilamão, no co-
mum calado, mas que sorria para a gente e respondia às per-
guntas, às vezes se desconstruía, mas quando não seja por
um aceno de homem de manteúda criação, sem nenhum ar às
altas aragens. Dava cômodo, supria regalos. E de lá, depois da
boca do corredor, por cozinha e quintal, o vozio e rumor das
mulheres se escutava, balançado.

Sobrevinha o seo Lindorífico, do Andrequicé, valioso fazen-
deiro, mas homem amigo, sensível no sentimental. Ele já tinha

se almoçado repleto, agradecia, não se sentava. — “Não faz is-
so comigo, compadre Lindôr, isso vosmicê comigo não faz...
Ainda que seja provar um bocado, tomar o gosto...” — “Eh,
posso não posso, compadre Manuelzão. De comi, às fartas...”
— “Mas não me faz isso, compadre Lindôr, por espera... Isso
só, espera...” — “Não posso...” — “Espera...” Tanto o outro
se defendia, mas Manuelzão sabia ser homem de gestos. De es-
tudo, era que se desempenhava: já tinha visto ação garbosa as-
sim, feita pelo Major Mercês, cidadão que tinha bôas salas, o
Major Mercês, da fazenda do Enxú, em terras da Mata. E se
levantava, social, com um bocado espetado no garfo, e se a-
cercava do compadre Lindôr, punha-lhe o bocado na boca. O
compadre ria e comia, aquele sinalzinho de resumo um não
podia rejeitar. Todos aplaudiam, essa fineza, admiravam. Rom-
pia nova satisfação. Mas já terminava a labuta do de sal, da pri-
meira mēsa, os dōces vinham. Manuelzão espiou em redor,
limpou a goela, ele tinha pensado aquele momento, decidido
segurava um copo de cerveja. Mesmo, porém, tirou a carta de
Federico Freyre da algibeira, que não seria conveniente fosse
ele a pessoa a ler. Disse: — “Amigos, refiro uma mensagem,
que hoje se recebeu, e que pela valia do enviado merece nes-
ta hora bôa honra. E que, por glosar minha pequena pessoa, ro-
go seo Filipinho d'Anta para pronunciar...” Seo Filipinho d'An-
ta, no ouvir, suspendeu a cara, desamontado. Se absolveu de
não poder, sua vista não concedia. — “Não trouxe os óculos,
Manuelzão. Assim, não deletreio...” — ele compunha; mais es-
tava era com receio de ser analfabeto. Meante que o Nhão, no
desassossego também, se apurou de definir: — “Eu cá leio es-
casso, minhas letras, Manuelzão, mas é só jornais e garrafais...”
Então Joaquim Leal aceitou o papel em mão, e se levantou para
ler, conforme devido.

Leu. Esse Joaquim Leal era um bom amigo, de pessoa. Leu correto, os pontos das palavras, mas menos leu: porque faltou dar na voz o rompante fraseado — o ser do sido, a fiúza de Federico Freyre, alta amizade, esclarecendo o acato a ele, Manuelzão, fazedor da Samarra, lugar de gado com todo funcionar, e que tudo se agradecia era a ele mesmo, só a ele, Manuelzão... — faltou o em-tom encarecido. Mas, mesmo assim, os outros entendiam e mais escutavam, aprovando com as cabeças. Até o senhor do Vilamão, no lustroso paletó preto de alpaca — o significado da carta devia de varar o sebo de sua caduquice e ir remexer no centro de sua mocidade, já tão encoberta pelos tempos. Aquilo eram proezas para com respeito se dizer: o valer dele, Manuelzão; a Samarra, lugar de bases; Federico Freyre — o poder do dinheiro moderno! Todos, exaltados, falassem. — *Este é o Manuel Manuelzão J. Jesús Roíz Rodrigues!*... Mais falassem. Um pouco, esse respeito, se falou.

Mas o padre solicitava tomar seu café à pressa, precisava de ir-se embora — os cavalos já estavam selados? O padre tinha de sair, sem falta, para ir mais adiante, chegar ainda em outro lugar com a entreluz da tardinha. À saída do padre, todo o mundo no pátio, para darem a despedida e ajudar no que carecesse, era um rebuliço de abreviada tristeza. Era um bom pedaço da festa que se tirava, dessas coisas que não devem de ser. Mas, por isso mesmo por isso, consolava consoante saber que os outros ainda ficavam — o senhor do Vilamão, seo Velho, Joaquim Leal, quase todos. O que aquietava — alegrava como o preenchimento de uma regra justa, noção bem sucedida. Todos deviam de ficar, comer e beber, tocar instrumentos, cantar e dançar, todos no semblante de suas vontades. A festa seria só para acabar exata, na manhã seguinte. Agora, era se arrumar o quarto assoleado, para o senhor do Vilamão, por direito de idade, tomar

seu sestém de repouso. E correr pelo povo os garrações da azulzinha beijadeira — negócio como se diz: esses palhaços no palhiço. Eta, festa! Como se queria uma alegria.

Esta festa, Jesus Cristo no alto louvado, não tinha produzido nenhuma discussão, nem um começo de briga, por deslei. O mundo de gente, pretejando, povoando, feito mutucas na chapada. Tanta criatura estranha, aqueles cabras valentões, cintura total de armas, e arremenos em paz, uns com os outros. Vinha a ser mesmo milagre. Avistado por sua mãe: que o lugar, na chã, podia se marcar e prezar — que era merecível. Nem não por falta do que se beber. Tinham sovertido, aos litros, a delas-frias, a-do-ó, e conhacada, espumalar de cervejas. Mesmo, no seguir, o desperdiçamento: tinham aberto garrafas, despejado um-conto-de-réis de cerveja, uns nos outros, a rapaziada quente, falavam que era preciso, para o regozijo da festa, esvaziavam por cima das pessoas, cervejama, molhavam as roupas, o Joãozim Vendeiro tudo animava, a ser.

No terreiro, os músicos paravam comendo. Todo o mundo comia, na porta da cozinha, no quintal, em toda a parte. Graças a Deus. Aquela quantidade de latas vazias, sempre guardadas — latas que tinham sido de marmelada, de goiabada, de tudo — prestavam agora sua serventia. Mas muitos, pobres, traziam pendurada na cintura sua cuia de receber. As grandes panelas de barro preto cozinavam gordo, sem esbarrar. Pessoa, por mais desconhecida que fosse, não deixava de ganhar seus dois pedaços de galinha e um montezinho de arroz; a farinha estava pública. Toda água que o Chico Carreiro carresse das Pedras, mais fria ou mais quente logo se bebia. Ah, estava fazendo mais sua ausência o sutil riachinho, que por um simples erro se tinha errado, e havia tanto tempo, ali à porta. Desconsolava. E o preço daquela toda despesa, bebes e

comes, não resultava apoucado. Dinheiro para isso botado de parte. Mas gastando em bom empenho pela Santa, pelo povo — para a festa. Sempre não devia de ser? Até para um rapaz, que vindo com a mãe das beiras margens e grave da febre enfermara na véspera, no rancho do lado estava, não faltou o amor-de-deus de um bom caldo. A Samarra era a Samarra. Gente, pois, ainda havia de haver, continuada, lá na chã? Sim, ao certo, de repimpo, folgueando. Dando honras, derredor da latada do Joãozim. Mas a chave da Capelinha estava ali, já guardada, final, em sua algibeira. Manuelzão andava um giro, chegava até a um ponto da cama do riachinho seco. A parte sagrada da festa já tinha terminado.

Retornava os passos. De dedilho, ali no pátio, os homens dos instrumentos ensaiavam outra vez a chirimia. Todo um queria reluzir o seu, porfiavam as conversas da profissão, antes do começo, tasteavam. — “*Eu não tenho assunto de tocar sem cantar...*” — “*Sola, aí. Sola, que eu acompanho... Mas, nessa afinação, eu não acompanho, não.*” — “*Se outro cantar, eu ajudo...*” — “*Abre a roda, pra ver sacudir!*” Manuelzão observava as máquinas daquela combinação, como conseguiam. Casa diversa, que queriam fazer, casa de ar? Ao não entender, assim o Aquiles entoando uma comprida cantiga, de mais de umas dez pegadas-de-violão, para relatar o rodopio de uma descrição sem resumo! Ou, então, outro, o trivial cantava, o que agora de repente a gente aí sentia mais, mas que era o mais verdadeiro, de sempre:

*“Nem não sei o quê eu canto
no meio de tanta gente,
eu trouxe muita vergonha
minha cara é muito quente...”*

*É deveras, companheiros,
sertanejo do sertão
eu vinha nessa boiada
não sabia da função...”*

Manuelzão gabou: — “Bem trovado!” Pelo que era de sua obrigação. Indagou se todos tinham almoçado; se a gosto. Mais não quis saber. Antes estava por outros quilates, para outros rumos. Sobre a carta de Federico Freyre, que vinha ponderando. — “Eh, este Manuelzão é muito influente, ele gosta de dansa e festa...” — escutou um dizer. Resposta que quase deu: — “Há-de-o! Eu não sei festa, não. Eu sei é carecer de trabalhar...” Mas não disse. Pensava. O Maçarico, mesmo, causava uma trabalhação, do baticum do lundú. A música, o inteirado da música, às vezes cativava: bonito como dinheiro... A música derretia o demorado das realidades. Mas dava receio. Assim a música amolecia a sustância de um homem para as lidas, dessorava o rijo de se sobresser. Talvez ela merecesse para se ouvir de noite, em cama deitado — quando as coisas da vida, um pouco da feiúra dô corriqueiro, se descascavam, e o pensamento da gente tinha mais licença. Agora, agora, porém, a festa era bobagem: a festa era impossível... Agora, aquela confiança de Federico Freyre, pelo melhor, aumentava na gente o dever de dobrar os esforços, de puxar quatral. Soante que a Samarra carecia de todo avanço, reproduzindo e rendendo, forte, até tomar conta da faixa do Baixio. Um era um homem para isso fazer! Duvidavam?

Nem não era ele só, mas uma quantidade dos outros, também, que mais queriam era tratar de seriedades, mesmo ali na festa. Agora, percebia. Como que de propósito, passeando no eirado, no pátio, ele vinha direito àquelas pessoas, por roda. Escutava, falava, reperguntava. Ouvido de boiadeiro, ouve o bufo

e o berro inteiro. — "...Distância de dois, três litros de planta... De resto, o São Francisco ainda pegou muita roça..." As enchentes. Convinha se comprar arroz da banda de baixo, das Três Veredas. — "...Aumentemos ainda a roça, de uns quinze litros. Fedia a largata... A largata da borboleta-rajada come, leva tudo a eito..." Esse pessoal do Baixio labutava o que podiam. Dos duros. Mas sabiam ser daniscos de espertos. Tinha-se de estar sempre com um olho no prato, o outro no mato. — "Seo Purcino, está com muita farinha bôa?" — "Nenhuma, seo Manuelzão. Este ano nós vamos fazer é mais no fim da seca. A mandioca é pouca..." Terras bôas, do vargado, as vazantes, de melhor não se querer. Mesmo que, por lá, por aí, ainda reinava dessa febre-de-maresia, adoecia muita gente.

— "Manuelzão, minha cana está frechando. Umas já têm pendão..."

— "Mas está tarde, uê, então!" Carecia de se deixar p'ra esperar um bocado mais, comprar a rapadura mais em conta. Carecia de se pôr tento em tudo, cada dia, para se poder comprar mais favorecido. O feijão e o milho pioravam. Principal era o boi, que vinha da outra banda:

— Seo Joaquim Polvilho, tem desse trem pra me vender, boiada do Morro Vermelho?

— Lá é uma larga grande. E a ajunta do gado lá é dura...

— Sendo "brabeza", não vale. O que eu posso pagar é menos. Mas a viúva do Antônio Mendes não tem boi?

— Não sei. O que eu divulgo lá é gado de criar.

— De verdade?

— Ponho a mão nos Santos Evangelhos.

— O costeiro lá, então, é um costeiro bom?

— É um costeiro grande.

— Mas, pra aonde estão vendendo o creme?

Para o Jongô deviam de estar vendendo o creme, que era mandado, pelo rio, até a Pirapora. Ele, Manuelzão, com algum jeito, podia combinar de pagar um preço melhor — e ainda lucrava, revendendo para um Goldimão, que vinha com o caminhão toda semana, de Corinto... Mas compadre Cupertino era um homem astuto, sabia se aproximar:

— Uai, uê, compadre Manuelzão, arrumando negócio no meio de sua festa?

— Compadre, veja. Mais antes trabalhar domingo do que furtar segunda-feira. Mesmo digo. Aqui a gente olha a garapa ainda na cana.

— A qual! Um é o mais solerte... Será, a sua boiada, há já pronta para sair?

— Com Deus, compadre. De hoje a uns três dias ela balancêia, nos rumos da Santa-Lua...

— É meio mil?

— Ara, mais.

— Boiadão, então?

— É quase mil.

— Deus que me valha!

Mas as violas repenicavam:

"O galo cantou na serra

da meia-noite p'r' o dia.

O touro berrou na vargem

no meio da vacaria.

Coração se amanheceu

de saudade, que doía..."

O dia andava. Em tanto, rulavam as fôgo-apagou. O velho Camilo, entre a Casa e o quarto-dos-arreios, vinha com um ca-

neco d'água. Veio amolar a faca numa pedra, para consertar sua alpercata. Se ocupava nisso com um suspender de tristeza, caçava de sair fora da festa? Sua roupa nova continuava. — “Nhor?” — Termine de efetuar esse serviço, seo Camilo, e depois venha, me acompanhe. P'ra o que seja preciso...” Aí, sem se esperar, aparecia Leonísia, saindo do rancho coberto, ela carregava menino no colo, Manuelzão evitava de olhar-lhe o rosto, e de ver que o menino mamava. Leonísia avisava que o rapaz doente já estava melhorado, a febre mermara nos assaltos, a poder do suador. — “O rapaz?” — Manuelzão se recordou. Nesses dois dias ele quase não tinha tido coincidência de conversar com a Leonísia, nos estados daquele remoinho de gente.

Dentro, o doente sossegava, em sombra. Meio dormia, no jiráu, e uma galinha se conchegara ali no canto, pegada nele. A galinha se alertou e escapou-se pulando por cima da parede divisória, no rancho sem forro, e já do outro lado soltava seu cloco de ovo posto. O doente despertava, saudava Manuelzão com o acanhamento de um sorriso: — “Deus lhe pague, seo Manuelzão, com Santa Ana na garupa. Suas bondades são grandes...” O rapaz tinha singelos francos olhos, a cara de ser uma boa peça. — “Amém, moço. Deus é quem ajuda: que manda a doença antes da saúde...” Enfermidade dele era só a febre da beira-dorrio. Que fosse primeiro para o Corinto, por acabar de sarar, depois podia vir pra trabalho na Samarra, aqui valia mais, ficava forro daquelas mazelas.

Manuelzão saía de lá, queria estar mais simplificado. Mas, de baixo de tão curtas horas, e sentia que estava caído de alturas — das alturas da festa. Tudo era diferente do que devia de ser. Mesmo enquanto se festava, a gente carecia de sofrer também o ramorro dos usos, o mau sempre da vida: uns adoeciam com moléstias, outros se entristeciam, alguém tinha de cuidar das

necessidades de todos, rompe reinavam as maçadas, e a gente tinha de pecatar os perigos do amanhã, que subia armado contra os fundamentos de hoje. Os outros aceitavam o misturado disso, entravam nus na festa, feito fossem meninos. Mas, ele, Manuelzão, não. Não conseguia. Para ele, o apreciável das coisas tinha de ser honesto limpo, estreito apartado: ou uma festa completa, só festa, todamente! — ou mas então a lida dura, esticada, sem distração, sem descuido nenhum, sem mixórdia! Mais uns enganós. Homem, não suspirava. Mesmo, competia de demonstrar cara satisfeita, não dessem de reparar e falar, desfazendo em sua boa fama. Por pouco, quem sabe até iam dizer: — Festa de Manuelzão, todos divertem, ele não... Não queria.

Como vindo se apresentava o Chico Bràabóz, parece que adinvinhava. Chico Bràabóz tudo falava abocabaque, em pé-de-verso: — “Meu repertório, eu tenho ele no cocóro...” — e batia com a mão fechada na testa. — “Vai um tome-juízo, seu Chico?” — “Pois até não desaceito, Manuelzão. Quando bebo um gole, fico mais prazido...” Ele mesmo dizia que era reprechinho, sujeito meio acêso. Escorropichava, e ia rabecando e descantando:

*“Quando eu era rapazinho
que via os outros casar,
ficava muito reprecho
só querendo experimentar...”*

Chico Bràabóz era até trabalhador. Plantava seu prato de feijão. Mas, com a rabeca, ele puxava toda toada — a gente não se escorasse, ele mandava na gente — “Outro gole, seu Chico?” — “Escorre. O mundo acaba é pra quem morre!” Tomava. — “Pois a gente senta aqui. Um dia só, é a regra...” Tomava. Estavam na sala, de vez em quando povo passando, falando. — “E

a vida, seu Chico?" — "É isto, que se sabe: é consolo, é desgosto, é desgosto, é consolo — é da casca, é do miolo..." — "Mas, hoje, o consolo é maior?" — "É assim como o senhor está dizendo..." Aquela alegria era forte, mas falseava. Toda tirada expressamente, da patricia da garrafa, que nem um remédio bravo. Mais do que isso o Chico ia poder ensinar? E, mesmo de propósito, o velho Camilo surgia aparecido. Ele vinha beber água, do pote. O pote ficava ali no canto, esquecido. Todos que tinham sede iam pedir água na porta-da-cozinha, água das porungas grandes de barro, toda hora renovada. Aquela do pote parecia até coisa abandonada, água antiga, só o seo Camilo estava vindo beber dela; tão natural de humilde, o velho Camilo era ali, entre todos, o que sembrava ter mais fineza e cortesia, de homem constituído, bem governado. Bebia com medida, jogava o resto fora. — "Sede, seo Camilo?!" — "É por uns calores, aqui no interior..." Tristeza dessa, do velho Camilo, cachaça qualquer não empapava? A Joana Xaviel devia de estar agora no meio dos cantadores, aceitando graças de homem, quem sabe. Ou, então, era só o penar de não residirem mais juntos, na cafúa da chapada. Velho assim não podia gostar de mulher? A decência da sociedade era não se deixasse, os dois sendo pobres miseráveis, ficarem inventando aquela vida. Regra às bostas. Mas, ele, Manuelzão, era que podia maezar? Podia socorrer de sim um caso desses, tão diverso? Mais triste que triste, triste. Tinha lá culpa?! Todos não viviam falando contra, depondo que aquilo era uma estória feia, que apropriava escândalo? Mais quem repetia censura era o Adelço. Assanhavam, estumavam que ele, como chefe, dêsse cobro à menos-vergonha. Pois deu. Aí então? Não tinha culpa das responsabilidades. Mesmo Leonísia o aprovara. Mesmo sua mãe, tão de caridades, não achou o que falar, quando veio para a Samarra, os tempos, e do havido soube in-

formação. Culpa, não tinha. Esta vida da gente, do mundo, era que não estava completada.

Chico Brãabóz, quando ia tomando, carecia de se apresentar, de ciente, em qualquer conversa. Especulava: — "Seo Camilo, escute, o Manuelzão aqui está indagando umas coisas, ele quer negociar com a vida. O senhor me responda, o senhor que já viveu o de outros e o seu: quais são as horas melhores?" Velho Camilo respondia, com seo sério, suas palavras de teor: — "De verdade. Horas melhores, quando acho o que comer, e o que vestir. Horas piores, quando acho alguma malquerença, que não posso atalhar..." Assim respondido. Achavam que ele era meio sandeu, e ele estava a limpo na sua tristeza. A gente perguntasse: — *E hoje o desgosto é maior?* — e vai ver ele dava: — *É assim como o senhor está dizendo...* Ele tinha seus olhos.

Tirando conversa quieta com o velho Camilo. O que é que não se faz, na grande desocupação assim, de dia de festa? — "Vamos consumir uma jenuária, seo Camilo?" — "Será dúvida? Já estou bebido, por sua bondade..." — "Pois mais, seo Camilo. Hoje é festa..." Tinha de tomar. Tomava. Assaz vagaroso, fechando meio os olhos. Seo Camilo — era o velho delicado.

Tempão, todo. Entardecia. Da Serra, sombras sendo jogadas, dos lugares mais em cima, conforme na encosta o chão de sol se reparte. No pátio, estavam se dansando, mazurca, dansa de par, os rapazes com as moças... "*Mazurca mais a polca fizeram combinação: mazurca deita na cama, a polca deita no chão...*" Mas a gente se afastava dali, os pastos mais de perto estavam cheios de reses que iam formar a boiada, algum boi-touro rompia mugido. A fôgo-apagou mais chamava. O dia esfria. Triste é a cigarra cantando nas árvores baixas e nos arbustos.

Jantar, jantar se jantava. Manuelzão não tinha fome nenhuma. Tomou um gole de café, outro gole de aguardente; pitou

um cigarro. A cozinha, confusa de mulheres. Parava ali, lerdeando, estadonho. Tempão, que estava. Atinando — queria ver Leonísia. Requeria alguma palavra de estima, de consolo? Que era que se envelhecia? Mas, quando Leonísia com ele defrontou, deu más surpresas, nós olhos que abriu, mesmo no dizendo, com aquela voz escolhida de gentil: — “Pai, o que o senhor está sentindo? A não está bem? Não estou gostando dessa sua cor, isto é cansaços da festa, tamanha lufa. O senhor preza um chá?” Não. Que estava subido de bem. Era o que ele garantia. Leonísia era de beira do Grotão do Abaeté, de que família que na roda do tempo havia podido juntar tantas canduras? Assim aprazível de coração, assisada uma filha. Ela, para o Adelço, era a melhor companheira. Sina de mulher, sina de homem. — “E esse seu pé, Pai? Não terá agravado? O senhor querer um banho de ervas, que faz bem?” As parvoíces. Nem não estava mais lembrado daquela dúvida no pé, o dia inteiro não tinha esbarrado de andar, e agora ainda ambicionava de andar mais, nada não lastimava. Agradecia a Leonísia, e saindo tornava. Não era homem que tivesse o coco por fora da casca.

A mocidade dansava. Seo Vevelho não se abrandava no tocar, era a mazurca “A Caninha”, ou “Cana Caiana”. — “Seo Manuelzão, aqui se tem de serenar e valsar, até se produzir ao menos outros dez pares de noivos pra casamento!” Como se poder conversar com esse seo Vevelho? A sanfona sombriava, as violas no redobre. Mais avante, também, Chico Brãabóz referia a rabeca, com seus outros. Os violeiros. Os do lundú, que sério se dansava. Dois chefes músicos não combinam. Ver era o Maçarico! Escrapeteava. Rompiam dansa-de-máscaras, o reprechume do Bastião, de Folia-de-Reis:

*“Eu desci p’r’aqui abaixo
no meu
macho mar-
chador...
Vou-me embora,
ei!
ai!”*

Sempre as violas sustentando. O Pruxe expedia, as velocidades. Maçarico sapateava:

*“Eu dei um tapa na rédea:
foi a roxa
que
mandou...
Vou-me embora,
ei!
ai!”*

Manuelzão havia de andar. Vigiar o volume todo da festa, os contornos. Ia até lá na chã, acabar de visitar a mãe, aquele dia, no cemiteriozinho, só? Passava de hora, e era longe, e sobressaía tristeza. Mas atravessou um curral, ia em direito. No nascente, se via o cerrado das Pedras, batido de sol: mas depressa vinha se estreitando a parte ensolada, amarela, bela. O céu era o igual. O fim do sol ainda dava nas paredes dos ranchos dos vaqueiros — nas beiradas delas estavam pendurados os sacos de sola — as “borrachas”, os bogós. Nesses ôdres de couro, tinha-se de levar a água para a gente beber, na travessia dos grandes desertos de lugares, nem gota d’água, se viajavam dois, três dias, até desde Fortaleza e Salinas, e depois, sem encontrar. Sair

com a comitiva, até o diabo sofresse. Sobre os nortes de Montes Claros, tudo rareava, nas securas desse vale do Verde-Grande, nunca nenhuma fumacinha em choupana de morador...

Dois vaqueiros proseavam, deviam de estar sentados atrás da cerca, nuns pontos mais escuros. Aqueles descansavam, um bocadinho, da festa? Serão que estavam jantando. Manuelzão entre-ouvia o que um deles falava, o outro dizia mal percebido. Ao que esse outro era o Acizilino.

— “É lá que ela estava, naquela serra, pra fora daquela serra, estava até com um boi do seo Sejasmim. É velhaca. A bezerro dela é que é desgraçada de brava.

— ... amojando?

— Não, amojando, não. Ela está apartada, com bezerro grande. Mas, amojando, não. Isso é contar miséria.

— ...

— Eu sabia que ela por lá, na beira das Pedras. Mas quando campei lá, não achei. A que eu achei, eu peguei e truxe... O que eu não posso agora é campear ela... Porque temos de ir levar o gado. Temos de ajuntar, separar os machos, os do João Herculino. Não podemos campear ela, não...”

A tarde passava. Manuelzão escutava aquelas frases, a um modo esquipáticas, soavam como um relato de outros tempos. A feio o berro do gado é na estrada, em desde cedo, a gente molhado de orvalho, feito se estivesse debaixo de chuvas. O sol esquenta, a ladeira, o gado naquele rém-rém, vagaroso demais, sempre no muito de poeiras. Em horas de comer, a carne-seca mal limpada, com farinhas: os bichos dela saltavam... Tudo se sofria. Maus pastos de pernoite, o arranco nos descampados, os frios no serros... Mas, sempre tudo não tinha sido assim, toda a vida? Nada nenhum. Por que era, então, que, desta vez, repelia de ir, o escuro do corpo negava suas vontades, e depois a alma se entristecia?

Sair, daqui a quatro dias. Da Samarra à Tralha, primeiro dia, subida da Serra, quatro léguas, mau cômodo, mau pouso. Segundo, da Tralha ao Andrequicé, corda de morros, cômodo regular, três léguas e meia, bom pouso, pasto regular, desde-mente. Do Andrequicé à Vereda-do-Enforcado, razoável. Fazenda São-Manuel, da viúva Pedro Donato. Riacho-do-Chumbo. Fazenda Jequitibazinho — esses paraísos de agradável. Ribeirão Branco. Lagôa do Caramujo. Riacho da Vaca Magra. O resto. Meio de dar volta, de longe do Curral-de-Pedras, faltava de todo a água, para a boiada beber, o vento perfazia muito, o frio muito. Trem de trem ruim, negócio de pegar a estrada, pajean-do boi. Algum dia ele podia deixar esses excessos de lado, enriquecido. Ah, os netos haviam de não carecer do burro serviço! Varar os sem-fins de cerradão de árvores altas, o dia inteiro não se via o sol, não se via o céu direito, e era o perigo de os bois se espalharem aos lados, se perdendo no mato do mundo. Com os dias, sobrava uma saudade de mulher, das comodidades de casa, uma comidinha mais molhada, melhor. Vontade de se ter mulher no pé da mão, para esquecimentos. O corpo formoseava essas sedes. Cachorro que verte em qualquer pé-de-pau — os bons companheiros, vaqueiros, queriam pandegar. Bem divertidas horas, isso dizia. A gente saía, com pouco já se degozando o voltar, o dia da chegada de volta era o melhor. Antes, tinha sempre sido assim. Agora, não. Agora não se sentia o aviso do cheio, que devia de vir depois do vazio. A mais, ouvia a pergunta do outro vaqueiro; mas, da vez do instante, reconheceu também a resposta do Acizilino:

— “Oé, viu e não viu, causa do escuro?

— Não, não. A lua só estava meio embaçada. Eu é que não estou enxergando nada de noite... No o sol entrar, o dia escurecer, então, não vejo mas é nada. Nem não estou servin-

do mais p'ra trabalhar... Ao que veio o desânimo. A gente afrouxa..."

A ser, o que se dava. A gente afrouxa? Os desalentos, o amontô. Acizilino — amigo, de sua mesma idade, velho companheiro. Assim mesmo, esse tinha se casado, ainda na mocidade legal, agora estava no meio de sua família acostuada, somente que no peso da vida... Manuelzão retornava dali, no ante-pé, acautelando que aqueles dois não o pressentissem estado lá de escuta. Andou. Esbarrou. Quem barulhava era um macho de galinha-d'angola. Acolá, surpreendendo em sombra, o velho Camilo — feito um bugre, assim sutilmente. De espera, queria falar alguma coisa? — "A ver, o que é, seo Camilo?" Desejava dizer nada. Vinha, porquanto ele mesmo Manuelzão tinha dado ordem, que acompanhasse, pelo que fosse preciso. Dessa ordem, ele já se esquecera. Mas, pois, viesse, viesse. O velho Camilo, soturno. Rabujava? Bebeu o fel-vinagre? Podia perguntar: — Seo Camilo, está mal com alguém? Sendo de soer: os agastamentos com a Joana Xaviel — uma estória de amor. A graça! Indagou:

— Seo Camilo, o senhor está gostando da festa?

O outro descobriu o ser de seu rosto, mesmo no meio-escuro. O que respondia:

— Eu não divêrto, não. Eu só intéiro e semêlho...

Isto disse, o demo de velho. Parecia repetido, um eco, quantas vezes. Um velho, que merecia estima. Ele, Manuelzão, não se dava a culpa do que o outro vinha suportando. À lei, não tinha procedido por embirra, por ruindade. Mas a gente quase somente faz o que a bobagem do mundo quer. Agora, o velho Camilo viesse, sempre junto, sem arredar de sua companhia. Chegavam na beira dum curral. Manuelzão, por um lazer, se amparou nas régua da cerca.

— O senhor sentiu um ar, seo Manuelzão? O senhor está assim agoniado...

— Nada não. Canseira, que me deu...

Soava forte, no viro do vento, o reprechume do Bastião:

"Companheiro, me ajude

a contar a minha vida...

Vou-me embora,

ei-ai!

Eu não tenho amor aqui,

minhas queixas são perdidas...

Vou-me embora,

ei-ai!"

A música repartia as tristezas por todos, cada um seu quinhão. Descansadamente, de um certo modo, a festa era coisa que molestava. Também, não se arma festa todo dia. Acabasse, a gente repousava, em dormir um dia cumprido. Daí, três, para se ajuntar e apartar o gado bravo. A duro, a boiada ia sair bem, subir a serra com gente de ajuda. Federico Freyre ficava correspondido. Ao menos, se servia; o que um faz, se faz. — "Vamos voltando, seo Camilo, para o meado da festa."

Dava aquela idéia — que o velho Camilo não carecesse de falar alguma coisa? O que pressentia. Assunto podendo ser nas máximas, importante real. Não falava, quem sabe coragem não tinha?

— Seo Camilo, o senhor estará por me dizer uma coisa?

— Particular nenhum, seo Manuelzão. É dúvida? Fio que não terei.

Assim o outro mesmo se admirava, sem maldar. Mas que, de todo, quisesse dizer uma coisa — no coração de Manuelzão, parecia. Então, por simples encobrir, perguntar:

— Seo Camilo, se sabe desse João Urúgem? Se disse passou o dia dormindo, debaixo do arvoredor?

— Seo Manuelzão, sei que ele noite-vaga. Diz-se que fede feito raiva de gambá. Doença de loucura.

No pátio, na festa, estavam essas alegrias. Todo o mundo espaçado. Tinham levantado as luzes que servissem — as lamparinas de folha. Acendiam o candeeiro, velas. O Adelço oferecia bebidas. O Adelço discorria, senhor; ah, no meio de outros, longe dele, Manuelzão, o Adelço não se vexava. Traziam tamboretas para as pessoas, uns caixotes. A rede armada, para o senhor do Vilamão, esse em tudo se aprovava. O senhor do Vilamão, composto no cavú, um chapéu na cabeça branca. No que tinham feito também umas fogueiras, temperando o fresco da noite. De um lado se dansava salão, do outro todo lundú lavrava. Mesmo Leonísia veio chamar o Adelço — porque o lampião novo não queria pegar — Manuelzão via os pés dela, aquele instante, na soleira. O velho Camilo tinha bebido mais? — “Bota abaixo!” —; ao cão. Velho Camilo estava ralhando enérgico com os cachorros, ou dando ordem. Velho Camilo indicara desgosto grande. Teimas que ele nunca falava, somenos, olhando turvo, nem se sabia que fosse capaz. Joana Xaviel devia de estar lá na cozinha, hoje não relatava estórias. Mas vinha para a frente de casa, para as dansas, o mulhierio todo vinha. Amanhã, começavam a ir s’embora. — “Dona Leonísia, a gente tem de voltar p’ra casa, dar de comer às galinhas...” — falava cada uma. Até a Joana Xaviel, que nem devia de ter galinhas, para cuidar. Elas pegavam as trouxas, pegavam os meninos, encosta acima, se sumiam na virada, outras para o lado do das Pedras, todo o mundo ia-se embora. Pesar do velho Camilo seria esse. A legítimo, ia dar uma pena. Mesmo a música já lembrava que a festa havia de se acabar. O céu derramava de estrelas. Daí, o riso

de todos: o papagaio aparecia, a pé — escutara muita gente falando, cantando, gostava da música — e se chegava no meio das pessoas, xingava, queria ficar perto de violeiro; tinham de pendurar a placa dele na parede.

Manuelzão se sentara na roda dos hóspedes principais, o banquinho baixo encostado numa árvore, ele precisava, hoje não estava muito conseguido com o corpo. O Nhão, seo Filipinho, Joãozim da Venda do Porto, Compadre Lindorífico, Joaquim Leal, o Nicanor, falavam com louvores a respeito de Frederico Freyre. Manuelzão preferia menos dizer. Ele sossegava por detrás do som das músicas. O senhor do Vilamão cochilava suposto. Os mais, vez um, vez outro, vinham, passavam, palavreavam. João Xem contava uma graça. Do lado dos sociais, estavam dansando a guaiana, de oito pessoas. O Lói era um, influente, de vermelho diabral, vestido com seu baetão. Mais antes tinham dansado um gamba, o uso antigo, como valia. — “Manuelzão, ficamos, pra ajudar, na traga do gado...” — eram o Queixo-de-Boi e João Orminiano, satisfeitos. Mas, da banda dos do lundú, era sempre aquela alegria forte, cantando e dansando os assuntos de tristeza:

*“Eu entrei na mata escura:
piado de um caburé.
Ele piava que redobrava:
quereré, quereré, quereré!”*

*Eu entrei na mata escura,
piado de dois mutúns
— piava que soluçava:
tururúm, tururúm, tururúm...*

*Eu entrei na mata escura,
— piado de dois quem-quem;
piava que saluçavam
— tererém, tererém, tererém...*

*Eu entrei na mata escura,
piado de um pavão:
piava que redobrava:
pararão, pãrarão, panrarão!..."*

Chico Brãabóz e seus companheiros. As amarelas caraíbas iam dar flôr em junho, em novembro o roró de uma chuva, o canto do narcejão. O curralejo. Um rio curto. No começo, na Samarra, os macacos — aquele grito de velho. O que semelha grandezas, é coisa. O engrandecer das sombras, na hora de manhã do sol saindo. A gente ia pelo ramal de uma serra — se pensava. O vento voaz, levando nuvens. Rôxo quando a ipecacuanha nos campos secos. A quando a lua cresce, quando minguava a lua. Ao de cada mão um morro, um mato. Uns feixes: as árvores, ao luar. Olhos profundos do mundo. A gente seguia, sempre, feito picapau andador. Tapejara.

Seo Camilo ali estava? Sensato, consabido, para essa espécie de cisma: de que tivesse um segredo, com guardar. — "Manuelzão, uma festa da extração desta sua, é que eu estou quase querendo gostar de dar, algum dia incerto, nas Três-Veredas..." — era o que dizia o Nhão, sério. — "Manuelzão, ao que a Santa merece: mas bom dinheiro se gastou, hem não?" — estava o que dizia o Nicanor. Ali perto, sobre assim, outros davam pergunta e resposta: — "Oi, Aquiles, cê rompe na roça?" — "Agora, não. Amanhã eu fico, vou ajudar o povo a tirar o gado..." Joãozim da Venda era o que muito ria. Algum gabava o bem-feito de

corpo de uma das moças que dansavam. A conversa apreciável do Joaquim Leal se passava baixinho, de um pra um, com medido sossego, ele noticiando o aumento de seus negócios. Amiúde visava de lá o senhor do Vilamão, transitório, corujante, os olhos meio mortais, o rosto roseando suave no desde-luz, celheado geoso. Outras horas. A daí, de repente, o Adelço chegando, em direito, por dizer: — "Nho pai..." O Adelço limpou a goela. Que? O Adelço tinha chegado fixe, saudador, como no cumprir duma lição...

— "Nho pai, o senhor não supre bem, do pé... Seja melhor eu ir, levar esse trem de boiada, nos conformes... O senhor toma um repouso..."

Disse. Não se acreditava.

Manuelzão pôs bem o peito, dos ombros, nas pressas de um sentir, como, de supetão, demais se felicitava. Um sentir de bom poder, um desagradado, o aluído de um peso — e ele se clareando do que aquilo fosse: glórias de estar tudo em sua mão, o resolutivo; ufano de ser generoso e senhor; honras fortes de não quebrar a palavra. Aquele — um prazer — prazer antigo não havido: que estava dando um doado ao Adelço, um benefício. Dádiva que quanto mais certa e grande conseguisse, que se pudesse. Balançou a cabeça.

— Ah, não, meu filho. Decidi que vou. Careço mesmo de ir. Me serve...

Assim estava — árvore sobranceira ao caminho. O belo angelim, que gasta armação para se enfolhar tão pouco. Cipó não trepa em pau morto! O angelim sobe, sobe, sobe, e se abre para o lado do céu; não é qualquer passarinho que irá ninhar lá. Um cerne. Na árvore, o cerne não vive: só aguenta. Manuelzão não podia prestar atenção exata na conversa do seo Filipinho. A vaço, anuída com a cabeça. Tudo o que tinha a fazer — os aprepara-

para a viagem. Chegado na Santa-Lua, agradecia a carta a Frederico Freyre. Encomendava o sino para a Capela? Ali estava com o dinheiro no bolso, resultado do leilão. Joãozim da Venda ainda faltava entrar com o óbulo estipendiado. A Capela principiava os progressos, na faixa do Baixio. Ele tinha respondido bem ao Adelço? Melhor devia de ter acrescentado: — “Você fica, aguenta o rojão aqui na Samarra, toma conta de meus netos, toma conta de Leonísia...” Ia levar o Promitivo. Ah, engraçado, pensar — boiada adiante, os companheiros aboiando ou cantando — e da banda de lá aquele Maçarico, da banda de cá esse Promitivo. Ia, queria ir, não tinha vontade de ir, nenhuma. Como se tocam, se cantam, se dansam essas músicas, como o Cra-vo parlotêia. Uns bailavam outra vez o gamba. Os do Chico Bràabóz e do Pruxe nesse coco-galopado:

*“Lava a roupa na vereda
dependura pra secar:
um suspiro, um lenço branco,
um soluço, um avental.
Rala!
Eu vou no buritizal...”*

*O buriti veio de cima,
ouricuri deu de baixo.
Rala!
Se encontraram nos umbigos...
Rala coco nesse tacho!”*

Não tinha o ânimo de ir. Ansiado, aborrecido, malfirme naquela festa. Sensabor que tinha de sofrer, até às alvas da madrugada. Até ao sol. Que era que esse velho Camilo havia de pen-

sar e dizer — ele, idoso a mais, homem de ruim cabeça, miserável de roupa — teria medo da morte? Estória! Os olhos de Joana Xaviel vigiavam os da gente, lá do meio das mulheres. Assim olhavam, de um modo de gosto para a vida. Saúde de homem é que nem honra, vergonha. Mas o triste mais sucede, quando o tempo fecha a mão. Havia de ser abençoado a gente viver ainda muitos anos, residindo, um dia tornar a escutar, la-deira abaixo, o sissipe do riachinho. A Samarra. Aqui o gado aumentava. Mesmo mais do que a carne de sustento de se comer, e o de vendido de dinheiro, aquele trem, aqueles bois, formavam um consenso de respeito, uma fama. Triste que aquilo tudo não pertencesse — pois o dono por detrás era Frederico Freyre. A ver, ele, Manuelzão, era somenos. Possuía umas dez-dez vacas, uns animais de montar, uns arreios. Possuía nada. Assentasse de sair dali, com o seu, e descia as serras da miséria. Quisesse guardar as reses, em que pasto que pôr? E, quisesse adquirir, longe, um punhadinho de alqueires, então tinha de vender primeiro as vacas para o dinheiro de comprar. Possuía? Os cotovelos! Era mesmo quase igual com o velho Camilo... Agora, sobressentia aquelas angústias de ar, a sopitação, até uma dôr-de-cabeça; nas pernas, nos braços, uma dormência. A aflição dos pensamentos. Parece que eu vivo, vivo, e estou inocente. Faço e faço, mas não tem outro jeito: não vivo encaçado, parece que estou num erro... Ou que tudo que eu faço é copiado ou fingimento, eu tenho vergonha, depois... Ah, ele mais o velho Camilo — acamaradados! Será que o velho Camilo sabia outras coisas? O que mal pensava, mal sentia. Porém, porém, ia passando além. A festa não existia.

Ia, com a boiada, estava a ponto. Assim, sabendo os pressentimentos. Amargava, no acabado. O fel de defunto — se dizia. Vezes que sucede de um adormorrer na estrada, sem prazo para

um valha-me. Tinha não, tinha medo? Essa era de primorosa! Perguntasse ao velho Camilo. Assim, todo vivido e desprovido de tudo, ele bem podia ter alguma coisa para ensinar... Mas o velho Camilo, o que soubesse, não sabia dizer, sabia dentro das ignorâncias. A ver, sabia era contar estórias — uma estória, do pato pelo pinto, me conte dez, me conte cinco. A gente olhava aquela lamparina se esprivitando no arder, no umbral da porta, e daqui a pouco, no empretecer das estrelas, era o fim da festa se executando. O Adelço ficava, na Samarra. Ao melhor modo, ao menos, ele Manuelzão, antes da boiada sair, havia de dar uma ordem: — “Mas não desrespeitem o velho Camilo!...” Adiantava? Assim o que a gente quer, e o querer não fica em pé, mas se desvém no ar. Que nem quando se adoece, o corpo não obedece mandado. Que nem ele tomasse empenho, rogasse ao senhor do Vilamão: — “Meu senhor, eu careço desse seu cavú, o senhor me ceda, faça preço!” E depois? Ia ter coragem cidadã de revestir o cavú, que não se usava mais, mas que tanto se usou, no tempo em que ele teve aquele desejo? Agora nem em ninguém podia pôr culpas, o Adelço tinha vindo, falado, em branco se desarreando das faltas — ele Manuelzão perdia os desafogos, e no meio de vazios restava, conseguido só de desfazer em si, acusado contra si mesmo. Os seus pontos mais altos. O que podia era perguntar ao velho Camilo algum renovame, algum pedido que ele tivesse de ter. Mas não avantajava. Velho Camilo não ia dar resposta. Um tinha que se resilir, sem querer nenhum. Aquele estado de noite de meio maio, agradável friazinha, e sufocava feito o ar antes de trovoadas, peso pondo. Ah, árvore sozinha, em morros, charna raios. Iam judiar mais com o velho Camilo? Tinham judiado? Daí, pois, perguntava. Perguntava? — “Seo Camilo...” Que era que ia indagar? Só se mandando. Mandava. — “Seo Camilo...”

— Seo Camilo, o senhor conte uma estória!

O que era para se dizer e não se crer. Pois, então, era? Assim de só ser, sem razão. Uma estória. Mais o velho Camilo entendeu, obedeceu. Alguns ainda riram dele.

— Caso eu tenho, por contar...

O velho Camilo estava em pé, no meio da roda. Ele tinha uma voz. Singular, que não se esperava, por isso muitos já acudiam, por ouvir. Contasse, na mesma da hora. Ele, assaz, se começou:

A estória do velho Camilo.

— “Em era um homem fazendeiro, e muito bom vaqueiro. No centro deste sertão. Tinha um cavalo — só ele mesmo sabia amontar. O homem morreu. Seu filho, seu herdeiro primeiro, que ficou sendo de posse-dono da fazenda, não aguentava tomar conta do cavalo. Só o cavalo era bendito. Só esse cavalo do finado homem...”

De daí, ô gente, agora me venham, para perto, e queiram, todo o mundo a escutar. Ao velho Camilo de gandavo, mas saindo em outro velho Camilo, sobremente, com avoadada cabeça, com senso forte. Venham, minha gente, e os outros, pessoas, meus bons vaqueiros de campo, hóspedes de minha seriedade.

— “Diz-que-direi sucedeu... Nas terras do homem real... Os que experimentavam poder amontar no cavalo, logo frouxavam ele pelos campos. Eles não guentavam carreira dele... O cavalo ficou gordo. O cavalo do finado homem — que era encantado...”

— É o *Romanço do Boi Bonito!*

— É a *Décima do Boi e do Cavalo!*...

A vir, venham, gente e gente, para rodear, pra escutar. Aquem ainda estiver faltando: João Xem, Hilário, Recesvindo, Zazo, Zito, Duvirjo, Turtuliano, João Vaca, Gregório, Simião,

José-José. Venham o seo Vêvelho, os filhos. As moças. Deixar também esses meninos. Chico Brãabóz, com a rabeca preta. Povo, povo, trazer um assento de tamborete, para o velho Camilo se acomodar. Maranduba vai-se ouvir! Aí, toquem as violas sereno, de cinco e seis cordas dobradas, de mississol-remilá. O violão tem os mil dedos, fez-se o violão pra se gemer. Seo Vêlho Camilo em fim de festa, carece de recomençar. Venham o Pruxe, o Maçarico, o Lói, Acizilino, o Queixo-de-Boi, Jão Ormiziano, Jenuário. Com facho, tocha, rolo de cera acêso, e espertem essas fogueiras — seo Camilo é contador!

— “Quando tudo era falante... No centro deste sertão e de todos. Havia o homem — a corôa e o rei do reino — sobre grande e ilustre fazenda, senhor de cabedal e possanças, barba branca pra coçar. Largos campos, fim das terras, essas províncias de serra, pastagens de vacaria, o urro dos marruás. A Fazenda Lei do Mundo, no campo do Seu Pensar... Velho homem morreu, ficou o herdeiro filho...

...Nos pastos mais de longe da Fazenda, via um boi, que era o Boi Bonito, vaqueiro nenhum não aguentava trazer no curral...

O sinal desse boi era: branco leite, cor de flôr. Não tinha marca de ferro. Chifres de bom parecer. Nos verdes onde pastava, tantos pássaros a cantar.

Que todos me ôiçam, que todos me ôiçam: o seguinte é este. Grande tempo há já passado... O fazendeiro raivava. E depois se entristecia. Vaqueiro no campo, todo dia. Achavam maloca de gado, traziam. Trabalhavam o Boi, ele não vinha. Espaço de um ano, dois... Achavam em beira nos matos, malhando, rodeavam as reses todas que havia. Trabalhavam o Boi — o Boi partiu no mundo...

O cavalo, cavalão, que engordava, só nos pastos, noite e dia. Desesperação do fazendeiro, filho do finado homem. Mais aque-

las corridas vãs, a fama do Boi crescia. Sertão longe, se falava, nesse Boi, que se prazia.

Deu vez, veio um vaqueiro, de fora. Safu na Fazenda. Pediu serviço.

— Beija mão, meu vaqueiro.

— Vosmecê é meu patrão.

Vaqueirama existente veio ver:

— Deus vos salve, companheiros!

— Deus o salve, camarada!

O nome desse vaqueiro, ele mesmo não dizia: — O meu nome a ninguém conto, pois o tenho verdadeiro. Se o meu nome arreceberem, sina e respeito eu perdo. Me chamem de nada, até saberem: se sou tolo, se sou ladino. Enquanto eu não tiver nome, me chamem só de Menino...

Sutilmente se passou: que escolheu um cavalo, que montou, veio vindo, palaciado. — “Montou? Esse montou? Mas é o asombrado, cavalo que não é possível...” O Menino reconheceu: — “Relevem, que eu não sabia...” Sabendo agora já estava.

De jeito, que esse vaqueiro de fora montou no cavalo em que ninguém não amontava. *Campeão*, cavalo-de-fábrica. Pegou numa vara de ferrão, muito boa, que era do finado homem derribar. Andava só pelos campos, se calando com o Cavalo. Era aventurado nisso. Até se dizia que ele podia ser de seu tanto perturbado... Tempo cedo virá, que se saiba.

Vai, um dia, se disse ao Fazendeiro: mandasse arreunir vaqueirama, os mais de todas as partes, dando um bom prometimento, com recadistas e embaixada. No tempo do trovoar. Viessem os vaqueiros que quisessem — dar campo ao gado e correr o boi. Que sim — que o Fazendeiro disse: que essa usança era boa e justa, em sua casa-da-fazenda alpendrada, com janelas avarandadas, com sua baixela de ouro e prata, com sua filha por casar.

Teve mundo, deu mundo. Mas então veio aquela vinda de gente, sem esbarrar, de toda banda, e só vaqueiros de fiança, com nomes de pronta fama, produzidos no campejo. Teve rebuliço de festa. Correu voz.

Ser esses. Foi mais de muito. Lá vem seo Pedro Calungo, montado em seu Papa-Léguas, zâino castanho cabos-negros, redondeiro e bebe-em-branco. Lá vem Quirino Quincota — sobre o amame aquartelado — guarda-pé de couro de onça, flôr de rosa no gibão. Lá vem Jerônimo São Juca, montado de marialva, em seu baio douradado, transtravado e rinchador. Lá vêm da Cava da Grotta, em sete pretos melroados, todos sete encaipotados, clinudos, ventrilavados, os sete irmãos Beladôr. Lá vem um vaqueiro magro, outro gordo, outro mais magro, outro de cabelo comprido, da Fazenda do Rebôo. No seu arlequim Merépa, lá vinha João Anacleto, com Pixo e Pingo Anacleto, dois filhos do sobredito, todos três do Siará, só. Merêncio, filho de Firmino, vem num ruão argel e lhalvo, cantado noutras estórias, chamado Amigo-de-Deus. E os que não vi e não sei. Os cavalos dos vaqueiros...

Por mais de mil se ajuntaram, ali na baixa vertente, fervença de tanta gente: — "Rendam armas, companheiros! Vamos derribar esse Boi!"

Alvroçou, aquilo, aos altos. Se engrossou com mais milheiro, e dúzia e grossa e milhão. Mundo que gente pariu. Várias presenças e praças, sortida regra e nação. Os vindos por puxar gado. Todos queriam certar. Que queriam não sofrer. Cada vaqueiro de nome devia de se reconhecer. O senhor gritava um nome; tinha! Tomaram o abecê desse alardo. Dou, por volta:

Antônios; Ascenço; Aroeira e Agarra-a-Tabica; Aziano, filho de Ázio; Arrudão; Alamiro Jó de Freitas. O Bó; Birinício; Bastião, do Brejo-Preto — montado num lionanco. Cérjo de Souza

Vinagres. Duque; Dativo; Doêz; Domitilo Sem-Cabelo. Estanielau das Marias. Fagundes, velho serrano; Farroma e Ferreira Figo; franciscos — chicos chamados. Graciano Mão Comprida. ("— É do Rio Pandeiros! Bebe água sem razão: é do Rio Pandeiros!"); um gustavo. Helias, pardavaz maludo, groteiro e filho de padre. Ilídio, Irino, Idalino; Inácio Vidú do Guedes. Jordão de Tal, sem costumes; mais de cinquenta josés! Caciquinho; Carapeba. Laerte, com altas botas: couro de sicurijú; Landolino; Laurentino; Luiz da Silva Safado. Miguéis, manuéis, Mandurino; Menelão e Milicão; Mendonço será que estava? Nolasco; Noêncio, grande aboeiro. Olavo; Ogão; Olereno; e Orozimbo, separado — por ser de marca maior. Protásio; pedros (quarenta-e-cinco); Ponciano. Quins; Quintino — homem agreste, bom vaqueiro de jornal; quarteado era o rucilho que João Quitério amontava. Os raimundos; Rodemiro; mais o Reinério, urucúio, e o Rogoso, urucuião. Sisnando Corre-nas-Lajes; Silurino; Sás — vaqueiro gorotubano, que se feito nas Jaibas. Totó da Fazenda Arcanjos; Tio-Í — vaqueiro vaqueal. Ursulino mais Uzante — vermelha cinta de lã, uma cruz no arção dianteiro. Vaz; Vicente Galamarte. Xisto, velho topador. (Ypsilône — não tinha.) Zorô, Zé Sozinho, Zusa. Til que dê para atilar: setenta joãos e joães!

E os que não vi e não sei.

O fazendeiro arrumou festa, tinham vindo violeiros, assavam carne de capados. Matou cento e dezoito bois, a cebôla se acabou, não havia sal que chegasse, mandaram providenciar. As negras no almofariz. Pediram auxílio de alegria. Os mundos reverdecidos, desde as chuvas criadeiras. Hora chegava.

A pois.

Aí, todos naquela prepa, terminou-se o bota-sela. Cada um pegando o laço — de vinte e sete rodilhas. Cada um pegando

vara — como um soldado piqueiro. Os cavalos pateavam. Os berrantes já tocavam. Povo por aí aboando. Mas coragem para ser usada — a lei na lua da sela. As varas, que davam sombras, florestal de tão enormes — de três metros a menor, a maior braças-e-meias! Os cavalos tinham caras. Cavalos abornalados, arreados e desarreados, desbenziam e se empinavam, dando chaças cracolavam, enfreavam, escarceavam — mal careciam de espora. Me ôiçam bem?

Dos pontos mais altos de sua Casa, o fazendeiro deu salva de ordem:

— Tonto, tonto, vaqueirama! Hoje é o dia desse Boi? O galardão que falei, é em honras e dinheiros. A quem der conta de derribar e passar por riba — me trazer esse boi, no curral. E por casar tenho minha filha...

Os vaqueiros davam grita, vivas davam e já queriam.

Fazendeiro prosseguiu:

— Tonto. Esse boi que hei, é um Boi Bonito: muito branco é ele, fubá da alma do milho; do corvo o mais diferente, o mais perto do polvilho. Dos chifres, ele é pinheiro, quase nada torquesado. O berro é uma lindeza, o rasto bem encalcado. Nos verdes onde ele pasta, cantam muitos passarinhos. Das aguadas onde bebe, só se bebe com carinho. Muito bom vaqueiro é morto, por ter ele freteado. Tantos que chegaram perto, tantos desaparecidos. Ele fica em pé e fala, melhor não se ter ouvido...

— Dubá, eh, duba! fazendeiro. Vamos sério esse boi!

— Eh, dunga!

— Esperem aí, meus vaqueiros, quando eu tenha terminado. Meu belo Boi não é reimão — é pasteiro no refrigerio. Mas às vezes esse Boi some, sumindo por sol e lua. Às vezes esse Boi canta, cantado de sol e lua. Esse boi tem sis na baba, fecha os olhos de mentira. Ele ri com a boca esconsa e chora de um sõe

risonho. Não chora. Vaqueiro que tem coragem, ele mata ou põe encantado. A vaqueiros bem-tementes, no carrascal tem deixado. O reservo onde ele sedêia é — do Campo do Amargoso, mais além, em terra sobeja, pastio: na Vargem da Água-Escondida... Me traz esse boi? É favor, é favor...

Como num corpo de igreja. Os vaqueiros, malsofridos:

— Vós mandando, fazendeiro. O Boi é meu — eh dunga!

— Deus vos salve, bons vaqueiros, porque tenho terminado.

Tomou a mão um do meio deles, para vênia de poucas palavras. Mancebo à parte vivente, bem olhado, bem assente: nas estribeiras erguido. Ao parecer, muito moço. Valoroso. De bom talho. Assim, pois, ele era aquele: Vaqueiro-de-fora e Menino.

— Companheiros por inteiro! O cavalo branco que eu monto, não é meu nem me foi dado. Ele é urco, uão, mas faceiro — alfaraz e voluntário. Soleta no fixe, constante, obedece por atalhos. A sobre de todo encanto, ele é primeiro encantado. Ele fala a lei do sempre, a quem está rei amontado. Meu escravo e o mestre meu — é. Mas quem souber amontar nele, melhor, eu cedo, por regra de lealdade...

— Não seja escrúpulo, companheiro, que eu já venho bem amontado...

— Isto é cavalo-de-fábrica?

— Estamos em bons estados...

— Eh, dubá, eh dunga!

Os vaqueiros tresvolteando, borneando suas varas.

— Eu vos falo, companheiros! — veio por diante o Menino.

— Esse Boi já me sonhou, este Cavalo tudo sabe. Pra vida ou pra morte alegre eu vou, com tão lustrosa companhia de vós todos. Mas, vamos ter avença, vamos assentar: aqui, todo o mundo carece de ser valente! Pois só dá descanso de bem-morrer é no meio de valentia. Sus e guar, meus companheiros, vamos fazer ventanias!

— Chega de razão falada!

— Eh, dunga, eh dunga!

Até o fazendeiro montou, na sua besta de estima. Na bôa sela campeira, com toda niquelaria. Para assistir ao vaquejo, desigual de maravilha. Sem perigos, ficando vendo, do alto de uma ser-rinha.

O restante dessa estória é em moda redobrada. Com os sofrimentos e os anos, receio ter esquecido.

Quando os vaqueiros saíam, parecia pra uma guerra. Saíram com o sol saindo, no rastro da madrugada. Por longo o campo embebia as sopas brancas do aruvalho. Saíam pelas cancelas, como abelhas de um alvado.

Antão esses se partiram, cantando à solfa o abôio, trastrás de outro se sorrabando, pelo caminho campo encordoados. A grita que eles faziam, por hora e meia se ouviu. Da fazenda, que se ouvia: o baco-baco da cavallhada. — “Ô, dos campos!” Abalou a passarada.

Sinhô Lú risca na espora, suas bôas nazarenas. Pixo e Pingo nas ferramentas. Quileu nas esporas-ferreiras. Joantão nos esporins. André nas chilenas de fora. Dico nas pequenas, nortearas. Tinha as de alpaca e metal, as de outras qualidades. Se eu fosse, passava os dias, recontando variedades.

Os vaqueiros, esses, não. De lança na mão, estribo no pé — ou as caçambas de madeira. Rodando as varas, então, puxavam um esgalopeado, com a boca bem aberta, pra remorar o aboia-do. Para os pastos fazendo via. As estradas assembléias: uma fita de mil-cor, no transpassar avistada. Os pássaros se dando sertão, cuspe no céu desasados.

Alta manhã, altas alas. A costa arriba, nos lançantes, chegaram em tope de monte — campo de donde muito se via. Urubús assaz andavam, que faz tempos não comiam. Gaviões de unha

de ferro, albuquerques papagaios. Estirão, que estanceavam. Um touro aberrou suas vacas, no amor da pastaria. Antão o vaqueiro Sinhô Lú, que era o mais avô de todos, mandou atenção de respeito:

— Estou vendo: no meio de vocês e de vós, uns com medo. Beiços brancos, ossos tremendo. É melhor voltarem daqui, à fraca — o Boi deve de estar venteando esse apego de receio, já estará sentindo gente de almas por baixo!

— Tenho medo mas é de não ser o primeiro a derribar — dou...

— Já nasci com o beijo branco, cedo eu fui desmamado.

— Só tenho medo no começo, porque não estou acostumado.

— Pai, medo tenho, mas não volto, que eu ficava desonrado!

— Não tenho coragem nem medo, tenho o Cavalo baseado... — disse o Vaqueiro-Menino.

Sinhô Lú viu que não adiantava, mas mesmo fez o que devia:

— Antão, aqui a gente se aparta. Você vai p'r'aqui, eu p'r'ali, outro p'r'ali, este p'r'acolí, outro p'r'acolí... Primeiro, puxamos esse gado, todo...

De falar não terminou, os outros já arrancavam. Mais disparavam: Eh dunga!... Se esparramaram em despenque, morro a fundo, por todo lado: *qualequal, qual e qual, qual-e-qual, qual-e-qual, qual-e-qual, qual, qual, qual, qual, qual, qual, qual...* Sobaixo de tantas patas, a terra sotrateava. Toda a serra retumbada. Sempre os cavalos pé de pedra, as campinas reavoavam. Por espigões e baixadas. Até varas se quebravam. As faz galho, calháu vôa, barulho de mato queimável. Como o gado se corria. Corria tudo porfia.

Gadaria. Uma quantia de bois, que mudavam de lugares. Se conhece o homem valente por economizar valentia: o ladino, se guardava; o tolo se estrepolia. Vaquejava antes da hora. Assim

mesmo se prazia. Festejada: muito mocotó passou, mais boi se botou no mato... Vai ver entupir no fundo — encambitavam, enrolavam. — “Caxango!” — o que esperdiçavam. Æes estralçada e bufúrdio, a supra boiama se alçava. Só os poucos revoltavam. Se viu a vaca azulega e a amarela manchada. A novilha coração e o garrote gademar. A chapadeira espanhola, mais o loango que bargã. Sorubim de azul e rajas. Se viu o espácio lavrado. Sujo das folhas dos ramos, um touro preto gaiteava. Preto, mas da testa branca. Raspava o pé nos terrenos, os homens desafiava. Boi de éra, maiorall! — formigão nos cornos sendo, mais podendo malignar-se. Por um laçoço que lhe deu, o João Gomes passou mal. Outras reses perpassavam. — “Eu quero o boi rouxinol e esse fronteiro aspantado! Um eu vou topar na vara, o outro tarrafeado...” Mais se via era pai-joão e bassoura: — “Eh, boi no mato...” Vaquejavam.

Tontos eram. Mas, vem, vem, o fazendeiro: — “O que é um mal-usar! Pois pra isso marquei brinde?! Ou pra o Boi Bonito pegarem?...” E ele estava quiçá. Suas ordens não prezavam. Aí, disse o Dominguiinho Vento: — “É deveras, povo meu. Estamos bem aprontados! Mais viram aquele, ali?” O vaqueiro do Cavalo: que, nas sombras de uma árvore, desapeado e recostado. — “Mandria! Menos-vergonha!” — esses outros invejavam. Vaqueiro-Menino limpou os olhos, acordando, descansado: — “Não saí fora de jogo. Esperei só começarem...” Não houve contestação. Houve tererém-tem-tém, e houve que começaria.

— Antão vamos! — Erê, eh dunga!

Um pedaço de sol, que foram. Pelas brechas e gurguéias. A na Campagem do Amargoso — onde não há casa nem telhas. Muito andado. Só não desesperavam do Boi, pelo medo dele que muito já havia. E pelo que os pássaros diziam. Mas

que ninguém não entendia. Muito andado. Malhar, pastar e beber — soante a vida de todo gado.

De repente exatamente, um bramou, na dianteira. Seo Ruduino Marçal, capataz desta ribeira — viu seis bois numa malhada: um maringá, um rajadão, um tocoiô, um jejê, um corujo, um cirigado. Seis eles eram! Todos seis virando feras — flôrdogado. Menos o sete que faltava. Esses, altos, dentro do ar — visão que andavam nas águas: a luz do sol, que enganava. Os cavalos dos vaqueiros fitaram o orelhame. Os vaqueiros se rezaram; vieram em cima! Mas falavam o outro boi, o boi-sete, que faltava. Assim mesmo em esmo vieram. Tencionaram nele.

Sentados nos serigotes, sentados em seus galopes. Ah, e aquele? Boi Bonito, bandoleiro. Ninguém viu — o senhor viu boi? Boi Bonito, que investia. A loriana, que deu neles, na hora da assoprada. Ar grosso. A espuma riosa, nos freios que se mascavam. Cercou-se esse Boi Bonito: era o sétimo faltado. Não fizessem!

— Apê! Erê! Eh, dunga!

Vaqueiros picam de esporas, largam rédeas, largam almas — vão com as varas abaixadas. Das ferraduras nas pedras, flores de um fôgo azulado. Mas ninguém aguentava o impeito — de um Boi que os sobressalteava! — Os cavalos se estreitavam. O afêrvo. Rebentava esse estrupiz — sangue animal e de gente — no mundo correndo, irosos, cavalos com feias faces. Cavalo como que corre: que correndo, esgadanhado: pra os lados dá com a cabeça, no freio está maltratado. Galeavam. Gritos de arrepiar as carnes. Sem guisa, malsorteante, no barranco despenhado. Quem se fere, quem se foge. Este cai longe, mole, rodopêia, este grita, jogado em árvore, este o cavalo morre por cima dele, este sangra do gibão sete-rasgado. Tanto com o dôido tropêio, tomar vinga não podiam.

A estrapada e remessão, num já, se retrocediam. Todos que viram, correram. A cada bufo do Boi, um fló de vento soprava. A cada vez de marrar, tempestades arrancava. Já mesmo muitos todos fugiam, com o grôso da boiada. Cavalos correndo sem dom, e o dono desamontado. Teve mortos e enterados. Tocha de lume nos olhos, o Boi Bonito crescia. Dos mil e tantos que vinham, quase todos machucados. Derrotaram esses mais de mil, somando avante pra trás. — “Por vaqueiros se conheçam!” Aquele Boi era touro. Esse boi, olhando os ares. Foi num verde caatingal.

Mas lá vai um vaqueiro seguindo, no manso de um esquipado. Atrás do Boi enganoso, esse o Vaqueiro-Menino falado. Deu o adeus pra si mesmo, não deu de esporas no Cavalo. Sobe valo, desce morro, sobe morro, desce valo. Só ficava assunto esse Vaqueiro, por não perder o logrado. Pois era. O Boi sumiu, fez partida — do Vaqueiro se escapava. O que de muitos não temeu, de um, de um só se receava?

Desapareceu, apareceu. Corria mais do que o vento. O Vaqueiro partiu a ele: fechou as barrigas-das-pernas, contra a sela, contra as abas. Formaram carreira. Corre de riba, corre de baixo, levando esse Boi de vista, se debruçou do Cavalo. E por terras tão compridas. Corre no duro, corre na lama, corre no limpo e no fechado. Assunga o casco do Boi, assenta o casco do Cavalo. Aí o raso do campo, aí o serro da serra: matagão — o Boi desentrou de rompe, de rempe veio o Cavalo. A uma profunda grota: o Boi resumiu e voou; o Cavalo juntou as quatro, voado; assim pularam o valo. Sempre iam em rumo direito, nunca se desatravessavam. O que, surdo, disse o Boi: — “Homem, longe de mim, homem!” — “Boi, que não!” — o Vaqueiro pensava. Traquejava, aperreava. Todo estava.

O Boi se em desapareceu. O Cavalo sabia. O Vaqueiro sabia. Rompeu pra lá. Rompeu, chegou lá. Onde o Boi de novo havia. Como de arranco corria, nessa carreira torcia.

Capão. Cerradão. Vai daqui, vai dali, vai daqui, vai dali, vai daqui, vai dali... Toda volta que o Boi dava, rés-vés o Cavalo também dava. Meio mais que o mocotó do Boi, o garreto do Cavalo. Quando avistava com o Boi, o Vaqueiro suspirava. Da em vante, que iam, para a Lagôa Abaixada.

Tudo que podia o Boi: *dêi, dêi, dêi, dêi, dêi, dêi, dêi, dêi*... Tanto o Cavaleiro atrás: *popóre, popóre, popóre*... O Boi procurou uma capoeira de espinho-de-agulha, que estava trançado. Tacou o chifre ali, rasgou: chega saíu cinza. O cavalo galopa e agalopa que seguia, que varava. O Boi fronteou um tabocal fechado. Veio do tapume. Tacou o chifre ali, arrombou. Por aqui saíu, por ali entrou. O Cavalo atrás estava. Travessaram um capãoete. Subiram lá, num cerradão alto. Desde desceram. Aí, o Boi jogou outra vez. E o Vaqueiro jogou o Cavalão. Jogou, jogou.

Num campo de muitas águas. Os buritis faziam alteza, com suas vassouras de flores. Só um capim de vereda, que doidava de ser verde — verde, verde, verdeal. Sob oculto, nesses verdes, um riachinho se explicava: com a água ciririca — “Sou riachinho que nunca seca...” — de verdade, não secava. Aquele riachinho residia tudo. Lugar aquele não tinha pedacinhos. A lá era a casa do Boi. O Boi, que vinha choutando. Então o Boi esbarrou. Se virou. Raspou, raspou, raspou. O Boi se fazia, muitas vezes; mandava nos olhos da gente suas seguidas figuras. O Vaqueiro mandou o medo embora. Num à-direita se desapeou, pulou pra o lado dele. Lhe furtou a volta. Pôs a vara-de-ferrão na forma, pra esperar ou pra derrubar. Mas o Boi deitou no chão — tinha deitado na cama. Sarajava. O campo resplandecia. Para melhor não se ter medo, só essas belezas a gente

olhava. Não se ouvia o bem-te-vi: se via o que ele não via. Se escutava o riachinho. Nem boi tem tanta lindeza, com cheiro de mulher solta, carneiro de lã branquinha. Mas o Boi se transformeava: aos brancos de aço de lua. Foi nas fornalhas de um instante — o meio-tempo daquilo durado. O Vaqueiro falou o Boi.

— *Levanta-te, Boi Bonito,*
ô meu manc,
deste pasto acostumado!

— *Um vaqueiro como você,*
ô meu mão,
no carrasco eu tenho deixado!"

O de ver que tinha o Boi: nem ferido no rabicho, nem pego na maçaroca, nem risco de aguilhada. O Vaqueiro mais citou. O Cavalo não falava.

— *Levanta-te, Boi Bonito,*
ô meu mano,
com os chifres que Deus te deu!
Algum dia você já viu,
ô meu mano,
um vaqueiro como eu?"

Dele ganhou uma resposta, com um termo sério e sentido:

— *Te esperei um tempo inteiro,*
ô meu mão,
por guardado e destinado.
Os chifres que são os meus,

ô meu mão,
nunca foram batizados...
Digo adeus aos belos campos,
ô meu mão,
onde criei o meu passado?
Riachim, Buriti do Mel,
ô meu mão,
amor do pasto secado?...

Velho Camilo cantava o recitado do Vaqueiro Menino com o Boi Bonito. O vaqueiro, voz de ferro, peso de responsabilidade. O boi cantava claro e lindo, que, por voz nem alegre nem triste, mais podia ser de fada. No princípio do mundo, acendia um tempo em que o homem teve de brigar com todos os outros bichos, para merecer de receber, primeiro, o que era — o espírito primeiro. Cantiga que devia de ser simples, mas para os pássaros, as árvores, as terras, as águas. Se não fosse a vez do Velho Camilo, poucos podiam perceber o contado.

Até as mulheres choravam. Leonísia suavemente, Joana Xavier suave. Joana Xavier de certo chorava. Essa estória ela não sabia, e nunca tinha escutado. Essa estória ela não contava. O velho Camilo que amava. Estória!

Seo Velho foi por si mesmo buscar cachaça-queimada, pra trazer para o Velho Camilo. O senhor do Vilamão, tão branco, idosamente, batia palmas avivas, parecia debaixo de um luarado.

Manuelzão estendeu a mão. Para ninguém ele apontava. A boiada fosse sair — ele abraçava o Adelço e Leonísia.

Mas a estória se contava:

— "O Vaqueiro baixou o laço no Boi Bonito. Pôs surrupeia. Passou no pau, amarrou. O Boi tinha de dormir ali amarrado. Mas, da água do riachinho, eles dois tinham juntos bebido. Por

horas que anoitecia, o Vaqueiro desconhecia o caminho da Fazenda.

— Este Cavalo é conhecedor deste mundo todo. Eu afrouxo a rédea dele...

Amontou e afrouxou a rédea. O Cavalo virou e viajou. Viajou diretamente. Chegou lá, no estado da noite, vespra do galo cantar. O Vaqueiro gritou na cancela. Todos dormindo. O cachorro grande laborando todo. Os cachorros barrondando. Pessoal se levantou, com luzinhas de lanterna, ver o que estava se passando. O fazendeiro, de camisolão, queria saber o que foi:

— Ei, é? Que maçada...

— Eu. É dúvida?

— Que é que está fazendo? Você morreu não?

— Eu estava trabalhando o Boi...

— Ara, ara...

Os outros vaqueiros deram um teima com ele. Formaram uma questão ali, chegaram em termos de brigar. Antão o fazendeiro ficou brabo:

— Não, gente. 'Comóda! O homem falou que marrou, é porque marrou. Não tem melhores alvissas?

Foi ordem de se acender festa, com tocada de viola e dansa: *té, té, té, té, té, té*, — até o dia clareou. Fizeram noite, dansando. As iaiás também. O quando o dia já estava pronto para amanhecer, céu já se desestrelando. No seguinte, na rompidinha do dia, a vaqueirama se formou. O Vaqueiro com o Fazendeiro — adepartes. Fazendeiro mais atrás, na sua besta queimada. O Vaqueiro vinha guiando. Jogou o Cavalão adiente, foi bater onde estava o Boi... O Cavalo governava."

— Seo Camilo, a estória é boa!

— Manuelzão, sua festa é boa!

— Simião, me preza um laço dos seus, um laço bom, que careço, a quando a boiada for sair...

— Laço lação! Eu gosto de ver a argola estalar no pé-do-chifre e o trem pular pra riba!

— Aprecio, por demais, de ajudar numa saída de gado. Vadiar mais os companheiros...

— Ei, eh, epa! A isso, lá?

— O João Urúgem, vigia: que veio em ouvir, na beira da escuridão... Oi, o João Urúgem de quatro patas, de sombrio, com todas as mãos no chão...

— Tensão de caluda, companheiros, deixa a estória terminar.

— "... O Boi estava amarrado, chifres altos e orvalhados. Nos campos o sol brilhava. Nos brancos que o Boi vestia, linda mais luz se fazia. Boi Bonito desse um berro, não aguentavam a maravilha. E esses pássaros cantavam.

— Vosmecê, meu Fazendeiro, há-de me atender primeiro, dino. Meu nome hei: Seunavino... Não quero dote em dinheiro. Peço que o Boi seja soltado. E se me dê este Cavalo.

— Atendido, meu Vaqueiro, refiro nesta palavra. O Boi, que terá por seus os pastos do fazendado. Ao Cavalo, é já vosso. Beija a mão, meu Vaqueiro.

— Deus vos salve, Fazendeiro. Vaqueiros, meus companheiros. Violeiros... Fim final. Cantem este Boi e o Vaqueiro, com belo palavreado..."

— Espera aí, seo Camilo...

— Manuelzão, que é que há?

— Está clareando agora, está resumindo...

— Uai, é dúvida?

— Nem não. Cantar e brincar, hoje é festa — dansação. Chega o dia declarar! A festa não é pra se consumir — mas para depois se lembrar... Com boiada jejuada, forte de hoje se contando três dias... A boiada vai sair. Somos que vamos.

— A boiada vai sair!